STORAGE-ITEM
MAIN

LP9-Q04B
U.B.C. LIBRARY

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of British Columbia Library

http://www.archive.org/details/oscristosnovos00schw

Ao Ilustre critico literário da Época
Il.mo Sr. Correia Marques
oferece
[illegible]
Lisboa 7 de Dezembro 192[illegible]

OS CRISTÃOS-NOVOS EM PORTUGAL NO SÉCULO XX

«Ce que vous me dites de vos recherches sur les crypto-juifs du Portugal est extrêmement intéressant. Je ne doute pas que vous communiquerez au monde leurs resultats dans un avenir pas trop eloigné».

(*De uma carta do* Dr. Max Nordau *ao autor*)

Separata do IV volume da «ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA»

Publicação da Associação dos Arqueologos Portuguêses

Tipografia do Comercio — R. da Oliveira, ao Carmo, 8 — Lisboa

SAMUEL SCHWARZ
Da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os Cristãos-Novos
em
Portugal no Século XX

COM UM PREFÁCIO: *PRO ISRAEL*

DO

DR. RICARDO JORGE

Depositario
LIVRARIA UNIVERSAL
ARMANDO J. TAVARES
28, Calçada do Combro, 30—LISBOA

DS 135
P7
S4
1925
CIRC

A' MEMÓRIA DO MEU
SAUDOSO SOGRO

SAMUEL BARBASCH

QUE DEUS HAJA

Deus vos salve lá passado
Fostes vivo como nós
Nós seremos como vós,
Lá nesse céu onde estais
Pedí ao Senhor por nós
Que neste vale de lágrimas
Pediremos ao Senhor por vós.

(Oração dos Cristãos-Novos aos mortos)

IN PERPETUAM MEMORIAM...

E' á memória de todos os judeus mártires da Inquisição Portuguesa que dedicamos, piedosamente, este humilde trabalho.

Quantos foram?

Quási a totalidade do judaísmo português, que, depois da conversão geral forçada de 1497 e das leis que proibiram a sua saída, ficou no país sob a alçada do terrivel Tribunal.

A toda essa multidão anónima de vítimas, a todos esses Soldados Desconhecidos, que, durante séculos, sofreram o constante martírio da intolerância religiosa, o nosso brado de admiração.

A todos os santos mártires que, no momento do suplício final, preferiram ser queimados vivos a renegar a sua fé judaica, como Fr. Diogo da Assunção, Isaac de Castro Tartas, Miguel Henriques da Fonseca, António Bicho, Manuel Sandoval e tantos outros, a nossa devota veneração.

Aos grandes vultos, vítimas nobres da Inquisição, como António Homem, António José da Silva, Tomé Vaz, André de Avelar, etc., o veemente protesto da nossa indignação

O sacrifício destas dezenas de milhares de mártires não foi inútil, porquanto já desapareceu o sinistro Tribunal e subsiste ainda, triunfante, o Ideal Judaico, entre os descendentes das suas vítimas.

Evocando a visão alegórica de Moisés, junto do Monte Horeb, da «Sarça Ardente que o fogo não pode consumir», aparecem-nos, hoje, os Cristãos-Novos portugueses, dignos herdeiros da Fé Judaica dos seus antepassados, como ressuscitados das fogueiras da Inquisição...

PRO ISRAEL

Vão os tempos de feição para o hebraismo. Nunca o Leão de Judá alçou tanto as falcadas garras e sacudiu com tanta altivez a juba; nunca a raça dispersa, oprimida e perseguida do judeu errante avançou assim á boca da scena do mundo no poderio da acção social e na preocupação espiritual da humanidade.

Ruiu ha tantos seculos o templo de Herodes o Grande, mas a Thora emblematica, em vez de esmaecer, resplandece, e a sarça ardente do Monte Horeb, em vez de se consumir, recresce em linguas de fogo que bradam e alumiam o nome sempre sagrado de Moisés. A exegese dos livros santos e a evolução do povo eleito absorvem cada vez mais a atenção dos homens cultos e a penna dos eruditos. A vida palpitante do velho e do novo ghetto, — ou no bairro sequestrado e amaldiçoado dos burgos medievaes, — ou no refugio das praças flamengas e das escalas levantinas, onde foi varar a vaga da nação desterrada do seu paraiso ocidental, — ou no formigueiro das povoas judaicas da Polonia, da Moscovia e da Hungria, — ou emfim no enxame migratil dos peregrinos sionistas revertidos á terra biblica de Canaan, — essa vida é tema fecundo de actualidade, como relanço historico, como estudo sociologico, como entrecho de romance e scenario de drama. Uma literatura omnimoda, a atestar a perpetuidade

e a reviviscencia de Israel, a contrastar o poder espiritual das gerações de Abrahão e Jacob, — placenta uberrima de profetas e pro-homens, creadores do ideal do varão justo, amante do proximo e temente a Deus, clarividentes dos arcanos e das vicissitudes da alma humana, ora rojada de rastos no muladar de Job, ora sublimada á visão augusta do reino dos ceus. Da sua ambiencia se desentranha encarnado o simbolo supremo da fé, esperança e caridade, o nazareno Jesus: o seu brado de piedade e redenção prostra um mundo e gera outro. A' voz do Evangelho refaz-se a Europa, e toda a sua civilização, ao depois irradiada pela terra, tem por primo movente o cristianismo, concebido no seio de Israel, apostolizado pelas suas gentes, bafejado de nascença pela brisa que varre os outeiros de Jerusalem e os vales da Judeia, onde se precipita caudalosa a torrente baptismal do Jordão e serpeia manso o veio do Cedron, a murmurarem perenes o eco da voz do Filho do Homem e dos seus discipulos.

Judá domina pela estesia religiosa que de si expandiu, e domina até pelo dom da mentalidade, como se o judeu medisse o estalão mais avançado da capacidade cerebral. Intervem com preponderancia economica na circulação das riquezas, como intervem com ascendente intelectivo na circulação das ideias — exemplar subido ao mesmo tempo do *homo economicus* e do *homo sapiens*. Leroy-Beaulieu dá por facto assente que os seis ou sete milhões de judeus da Europa produziram relativamente mais homens de talento que os trezentos milhões de cristãos; e que ha tres ou quatro vezes maiores probabilidades de encontrar uma personalidade distinta, um sabio ou um artista, entre mil judeus do Ocidente, do que entre mil ingleses, franceses, ou alemães.

Ensinou outrora letras, sciencia, medicina e filosofia ao europeu barbaro, e quantos luminares procedentes da grei não balizam como faroes a estrada do progresso. Espinosa, luso-hebreu, orienta primacialmente a especulação metafisica e filosofica; Einstein consubstancia genialmente numa sintese assombrosa a conceituação dinamica do universo. Em plano subjacente, as congeminações psico-analiticas de

Freud, embora arriscadas e discutidas, trazem agora á roda as testas pensantes.

Se das culminancias da sciencia pura descemos á arena em que as paixões e os interesses dos homens se entrechocam, surge-nos o oraculo da nova religião socio-politica, o judeu Karl Marx, caudilho doutrinario da guerra sem quartel do proletariado, que encontra na cabeça e no braço de Lenine a realização dos seus credos, inspiradores do estado sovietico que ameaçam subverter até aos alicerces as instituições tradicionais da sociedade.

Se taes obras e taes homens atestam apenas a possança cerebral da raça, outras e outros certificam que o proprio espirito biblico renasce com a tenacidade inflexa e o vigor intemerato da fé atavica. Ele ahi está presente e activo a convocar em massa a chusma israelita para a terra da promissão, como na edade mosaica: o sionismo, prégado como as cruzadas dos cristãos, arrasta os judeus espalhados por toda a terra, os judeus da *Diáspora*, á gleba erma da Palestina, para desbravá-la, lavrá-la e colonizá-la; armam-se as tendas, pastoreiam-se as manadas, e atulham-se os celeiros, como no seculo doirado dos patriarcas. Uma cidade de mais de 30 mil habitantes brotou em pouco mais de seis anos dos areaes de Jaffa, a Colina da Primavera, Tel-Aviv, onde não ha policia armada nem cadeia. Paginas deliciosas as que, entre outras, os exotistas irmãos Tharaud e a jerusalemita Myriam Harry dedicam a estes *Amantes de Sião*, — paginas onde mais se espelha o rosto em suor dos cavadores, dos *Haluzim* extenuados, que o idilio de Jacob em casa de Labão e o de Ruth, a Moabita, nos trigaes de Booz. Entra de ganhar sentido real a saudação e o voto ritual na colação domestica da pascoa hebraica: — *Leshana haba be iurashalaim — Para o ano que vem, em Jerusalem.*

Samuel Usque, o elegista alanceado e mistico da *Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel* — livro tinto de todo o negrume dos infernos que supliciaram seus irmãos, mas colorido de todo o esplendor das esperanças messianicas, livro que na literatura luso-hebraica só tem por parelho no patetico e no expressivo os gritos da alma ansiada do

misero Uriel da Costa no *Exemplar humanae vitae*, — mal pensava ele, apesar da sua sinceridade e do seu fervor, quanto acertariam, quatro seculos depois, as palavras postas na boca do Altissimo:

«Que, ajuntando-vos dos povos e apanhando-vos das terras onde estais esparzidos, e dando-vos a terra de Israel por vossa morada, um coração novo e um espirito novo porei em vossas entranhas, e tirarei de vossas carnes o coração de pedra e em seu logar coração de carne porei nelas... Ó Ierusalaim, gira teus olhos ao redor e vê que todos estes que véem, a ti se véem ajuntar, teus filhos de longe virão...»

A 130 mil monta já o refluxo na Judeia, parcelados em colonias, agregados por instituições florescentes; é um facto emfim a *Erez-Israel*, a terra de Israel, patria e nação. Assisti á scena das lamentações proferidas ás sextas feiras em ladainha cortada de soluços perante o *Muro do Pranto*, resto das substruções ciclopicas do templo destruido de Jerusalem; e comoveu-me fundo este espectaculo da suplica rojada, através dos seculos, aos pés do Deus da defunta Sião, suplica compungida de perdão para os pecados de Israel, causadores de todo o mal padecido, suplica ardente da mercê da restituição da cidade santa. Chegaria emfim a prece lacrimosa, expressão a mais viva do arraigado da crença e da esperança, ás orelhas de Adonai? Secarão as bagas do pranto milenario, vertidas sem cessar, e estarão prestes a correr outras lagrimas, essas de gozo, pelas faces dos que ha tantos seculos beijam em vão aquelas pedras, reliquia bruta e muda de tamanha gloria?! Então se entoará um novo canto coral ao Altissimo, mais retumbante que o do Exodo — *Cantate Domino canticum novum quia mirabilia fecit.*

Neste ressurgimento, até a lingua santa quasi de todo morta recobra fala. O judeu enxotado da peninsula, refugido pelo Mediterraneo oriental á sombra da tolerancia mussulmana, guarda ainda nas relações de familia e de convivio a linguagem da procedencia, o espanhol e até o português; maravilhou-me esta remanencia do idioma ancestral entre aqueles com quem o viajante entra em conversa, drogmanos

e mercadores dos bazares. Nas regiões eslavas engendrou-se uma algaravia, o *ydish*, manta de farrapos de trama hebraico, urdido de toda a casta de retalhos das linguas circundantes. O hebraico das orações e dos sagrados textos esse, morrera, conhecido pouco mais que dos doutos e dos rabinos sabios, reduzido a lingua classica e liturgica; pois ressurge da tumba como Lazaro, á voz dum taumaturgo: eis o maior milagre do Israel hodierno. Um homem só, vindo da Russia, Eleazer Ben Jehuda, assenta lar em Jerusalem, e profeta de nova especie restaura o verbo mosaico, abre escola de hebreu, organizando o ensino da sua gramatica e do seu dicionario. Ouvi a Renan nas lições do Colegio de França que precisaria de seis anos para fazer um curso de gramatica hebraica, o que lhe tirava a coragem de professá-la. Este vidente soube fazer mais e melhor do que o sabio, e através de que espantosas perseguições atiçadas pela ignorancia odienta dos batibarbas das velhas sinagogas. Quando ha anos morreu, roido de desgostos e de tuberculos, estava consumada a grande obra. Tinha cortado a trave ás linguas da cidade santa, capaz agora de lêr e perceber Isaias. A linguagem de Salomão tornara-se de uso corrente como na epoca da destruição do templo e da expulsão da Judeia; a ponto tal que á quina da Porta de Jaffa vi com surpresa o cartaz dum cinema, todo em hebraico, anunciando as fitas de Charlot.

A reviviscencia lingual e o ingresso dos sionistas tiveram o seu coroamento este ano na inauguração estrondosa da Universidade de Jerusalem, sob a egide potente da Inglaterrra, que, libertada a terra santa do jugo turco, entendeu dever favorecer por todos os modos a re-criação do *home* hebraico e a re-espiritualização da Palestina. Será o centro intelectual do hebraismo, esse solene monumento erecto no Monte Scopus a cavaleiro do vale do Jordão e do vale de Josaphat.

Sem falar na literatura inglesa, tanto europeia como americana — onde livros, periodicos e revistas, consagrados a assuntos israelitas manteem aceso o candieiro da *Menorá*, onde rebrilha um dos mais celebres escritores da Inglaterra, o judeu Israel Zangwill, o romancista subtil e sentimental dos *Dreamers of the Ghetto* — basta

atentar, como sinal banal da polarização hebraizante, no estendal dos volumes franceses á porta das lojas do bulevar ou nas tendas das gares. Topam-se à granel os livros caroados da judiofilia; por entre traduções de contos e de poesias originarias de autores judeus — porque no hebreu moderno conta-se já entre outros, um poeta grandissimo, Bialik, herdeiro remontado da lira das Escrituras — surdem á flux os romances, desde *L'Ombre de la Croix* dos irmãos Tharaud, poema tetrico da alma angustiada e fanatica dos *sopharim* polacos, até ao *Puits de Jacob*, lavra diletante do noveleiro à la moda, Pierre Benoit. Tanto em voga está Judá, mesmo nas letras correntes de recreação. Não falo, é claro, da contribuição literaria comum dos autores de costela hebraica; bastará dizer que são judeus os que fornecem hoje o maior e o melhor da scena francesa.

Na escaça literatura portuguesa acusa-se este movimento — e mal feito se assim não fôra. A frase tantas vezes editada de que cada país tem os judeus que merece, não se ajusta, ousamos já dizê-lo, a Portugal que teve judeus de que não era digno nem merecedor — porque o homem de nação, o *marrano*, era o que de melhor havia entre a nossa gente, e a esse escol inteligente, activo e culto espèsinhamos-lhe a consciencia na mais revoltante das violencias, atiramo-lo execrandamente ao degredo, ao carcere e á fogueira — barbárie tão vil e malvada, que nos seus requintes de atrocidade provocou a repulsa generosa de fr. Amadeu Arraez, e mais que tudo estupidez politica de que proclamou as consequencias funestas o corajoso patriotismo do P.e Antonio Vieira.

Na judiaria peninsular luziram a sabedoria e o genio — os seus rabinos, personalidades de cabeça enciclopedica, primam de par nas letras sagradas e profanas, na poesia, na medicina e na filosofia. Deixaram nomes dos mais brilhantes na historia da sciencia universal. Os seus astronomos e matematicos guiaram as empresas nauticas e geograficas — a grande gloria dos nossos descobrimentos encabeça-se primariamente no seu genio. A medicina era por assim dizer toda sua; açambarcam a quasi totalidade dos nossos grandes medicos do

passado. Finos e instruidos, aristocratizam-se como tribu selecta entre os Bené-Israel; o ilustre Isaac Pinto, ao quebrar lanças certeiras contra os remoques de Voltaire, apregôa a distinção inata dos de raiz espanhola e portuguesa entre os judeus de toda a parte. A origem peninsular acusa-se na propria disciplina eclesiastica, obedecendo as suas sinagogas a um rito particular, o dos *sephardim*, o da *nação portuguesa*, oposto ao dos *askenazim*, os judeus de procedencia alemã, polaca e eslava. Envaidece-os a descendencia da tribu de Judá e do seu estabelecimento na Iberia em tempo do cativeiro de Babilonia.

A esnoga de Amesterdam, foco sagrado do exodo luso-hebreu, como que foi um pedaço da patria portuguesa transportado ás chãs dos Paises-Baixos. Ali ilustraram o nome nacional, continuando até a escrita da lingua materna; e como os bardos que desferiam nas harpas as glorias e as lastimas de Sião «sobolos rios de Babilonia», eles carpiam á borda dos canaes da Holanda o seu triste desterro, possuidos da saudade da terra d'além, exaltando as proezas de Portugal, orgulhosos de serem seus filhos, embora enjeitados pela mais féra e desalmada das madrastas. Tomou-me uma emoção indizivel ao passar os penetraes da sinagoga portuguesa de Amesterdam, que celebrou agora o seu 250.º aniversario, ao mirar as efigies dos seus velhos rabinos e maioraes, e ao lêr o vernaculo castiço das antigas actas do *Mahamad*. Em tanta preclaridade a ofuscar os meus olhos enternecidos de lusitano, uma mancha apenas: — o processo de Uriel da Costa, o livre pensador do Porto, condenado a rojar-se no chão á porta da sinagoga, para que o seu corpo de reprobo fosse calcado aos pés, existe lá e não se mostra, sequestrado e escondido á historia, hoje sua legitima dona, como documento imprescindivel para a biografia espiritual do desgraçado precursor de Espinosa.

As achegas, diziamos, trazidas na nossa terra à judiografia, avultam cada vez mais. Taes as obras geraes de Mendes dos Remedios, de Lucio de Azevedo, os relanços de Antonio Baião sobre os processos do Santo Oficio, as monografias de Maximiano de Lemos sobre os nossos arquiatras judeus, a dois dos quaes, Amato e Ribeiro

Sanches, tambem dedicamos trabalhos e comentos. Joaquim Bensaude penetra nos arcanos scientificos dos descobrimentos, metendo em foco a interferencia original dos astronomos matematicos de raça israelita. Joaquim de Carvalho levanta a figura literario-filosofica de Leão Hebreu, e D. Carolina Michaelis projecta-nos com sentimental relevo a imagem alucinada de Uriel da Costa. O proprio romance hebraico, tanto *up-to-date*, teve entre nós como precursoras as novelas camilianas d'*O Judeu* e d'*O Olho de Vidro*.

O livro presente vem-se enquadrar neste movimento judiografico com particular destaque e em logar de eleição. Aceitei a sua apresentação ao publico com gosto intimo, por encerrar uma pagina preciosa que traz á luz um dos mais desconhecidos e intimos recessos da alma religiosa e popular da nossa terra. Ao sacar da penna para rabiscar prefação tão grata, reconheci que impulsão inconsiderada me traira: dar-me-ão por presumido de mim e presumido de judeu. A'quela presunção oporei como atenuante a simpatia que nutro pelo assunto e pelo autor; á segunda, que mais que uma vez me perguntei a mim mesmo se a minha judiofilia viria de afinidades sanguineas, abonaveis até por certa parecença de cara. Aconteceu com frequencia tomarem-me por Guerra Junqueiro, que era o retrato escrito e escarrado do famoso Rabino de Rembrandt no museu londrino. Quando agora na Holanda tive de encontrar-me na estação de Utrecht com um professor da sua universidade sem nos conhecermos um ao outro, o colega amigo da Haia, aliás de sangue israelita, que me recomendara por carta, dava nela entre outros sinaes de reconhecimento que eu tinha «*l'air d'un rabbin*». Tenho razões para crêr que esta similhança com o tipo hebraico — aliás frequente *et pour cause* em Portugal, onde no costado mais aristocratico raro falha costela mendinha de judeu ou de frade — é mais aparente que real, analizados os traços fisionomicos. Esmiucei até onde pude — e para plebeus os pergaminhos não vão longe — a ascendencia tripeira e beirôa sem se me deparar geração de marrano: declaro sinceramente que, ao contrario de tantos que não confessam ou escondem enver-

gonhadamente o parentesco da gente a que uma fantasia anatomica popular dotou com o coccix alongado, sentiria orgulho em pertencer a uma casta á qual, mesmo que ela não fosse como é a primeira do mundo, me bastaria ser português para respeitar-lhe as primazias e me julgar honrado de tal sangue. Acoimar alguem de judeu, como estigma depreciativo, sobretudo em Portugal, é simplesmente uma idiotia.

O sr. Samuel Schwarz é um engenheiro de minas que veiu ha dez anos exercer a sua actividade no nosso país; tem com a sua inteligencia empreendedora e o seu trabalho perseverante concorrido para a exploração das riquezas do nosso solo. Israelita polaco, é um hebraizante acerrimo, trilhando as pisadas do mestre hebraista que é seu pai; como tal, deu tambem em minerar o passado dos coirmãos na judiaria portuguesa, berço o mais nobre e remontado da sua raça. Ha dois anos publicava uma memoria de investigações metodicas sobre *As inscrições hebraicas em Portugal*. Descoberta a sinagoga de Tomar — a unica de pé entre tantas — adquiriu-a á sua custa para assegurar á veneranda reliquia a conservação e a restauração, acalentando a ideia benemerita de crear um museu no seu recinto.

Agora traz á colação de todos quantos prezem as tradições nacionaes e judias, precedida dum interessante transunto das notabilidades luso-hebraicas, esta lição admiravel do viver espiritual e religioso do cristão-novo. A' virga-ferrea violentaram o judeu ao mimetismo catolico — por fóra o evangelho de Cristo, por dentro a lei de Moisés. Deste constrangimento resultara, como dizia outrora o bispo de Portalegre, que — «Porque querem mostrar no exterior serem cristãos, sendo judeus no interior, nem ficam judeus nem cristãos». Catolicos sem fé e judeus sem saber, são as mesmas palavras de Carl Gebhardt ao perfilar psico-moralmente a cabeça revoltada de Uriel da Costa. Essa insciencia judaica acabaria por delir de todo os ritos e costumes nos ninhos trasmontanos e beirões onde o cripto-judeu se alapardava para fugir ás perseguições e proseguir secretamente na observancia

religiosa dos antepassados? Quando andei a remexer no Ribeiro Sanches, judeu de Penamacôr, e na sua parentela, um medico meu amigo que praticara na região, me assinalava a persistencia dalgumas cerimonias e usanças entre os chamados *calmões* (*Cartas de Rib. Sanches*, 1908), o que deveras me surprendeu como traço apagado duma religião extinta á força de cadeia e queima. Agora o sr. Schwarz, aproveitando as peregrinações do seu mister, consegue descortinar essa vida velha e catar uma antologia inteira de orações em prosa e em verso, assim como a celebração das festas e dos jejuns do repertorio israelita, vigentes ainda nas aldeias da Beira Baixa. Como era arreigada a fé de Iaveh naqueles peitos para que nem o temor do *in-pace* e da lenha acesa, nem o suceder de tempos tão diferentes, a tenham arrancado inteiramente do peito do Israel português.

Estas flores, escondidas como violetas abafadas pelo matagal, foi preciso rebuscá-las com paixão; descobriu-as o sentido delicado do nosso hebraista, avido de haurir-lhes o perfume. Um verdadeiro descobrimento como o de veios ignorados de minerio rico. Porque o recato forçado e o segredo das crenças tínham-se implantado com tal imperio no animo timorato do cristão-novo, que, desaparecida a nefanda inquisição ha muito mais dum seculo, acabada a intolerancia catolica e proclamada a liberdade de cultos, nem mesmo assim o marrano beirão queria dar a saber aos curiosos como resava no seu lar e quanto guardava o seu culto, tal como se houvera ainda perigo e escrupulo em professá-lo nestes milesimos despojados já do anno da graça. Só as instancias do investigador e o exemplo das suas proprias orações, em que o nome pio de Adonai ressoa a miudo, obtiveram que a contumacia se rendesse. E a colheita foi de beleza e benção. Rasgou-se emfim o segredo do *folk-lore* judio-português — dir-se ia um fossil do velho Portugal ressurgido em carne e espirito. Que mimo este, que será festejado por certo no gremio dos lusitanizantes e dos hebraizantes.

Os prejuizos irredutiveis do cristão-velho, afistulado de rancores sectarios contra os homens de nação, geraram os mais disparatados

conceitos e os mais aviltantes apodos. «Livra-te do moiro e do judeu» é o principio da curiosa lenga-lenga dum refrão lá do norte a pôr de sobreaviso os prudentes a respeito de certos habitantes da nossa terra. Estes, pela raça repulsa, vinham na cabeceira do rol — seguia-se-lhe o «homem de Viseu, o braguês peor que todos tres, o do Porto com o seu contrato peor que todos quatro, o de Santo Tirso peor que tudo isso». Neste ponto todavia a sabedoria popular não foi injusta de todo no apotegma, porque, se alanhava o judeu como má rez, julgava ainda peores os cristãos de certas terras, tanto no trato, como no caracter. O chamado deicidio maculara-os dos pecados mais mofentos, a pesarem como maldição sobre os descendentes dos que gritaram — *Crucifige eum* — dos que tinham vendido, crucificado e enterrado Cristo, o deus vivo. Outro aranzel picaresco é posto na boca dum cristão que caloteava um judeu, em demanda de justa divida, com este engraçado despejo: «A' segunda não te pago, á terça é dia aziago, á quarta vendeste-lo, á quinta crucificaste-lo, á sexta enterraste-lo, o sabado guarda-lo tu, o domingo guardo-o eu, vem outro dia judeu».

Das suas feições caracteristicas inferiam que «deus que o marcou, algum erro lhe achou», e forjaram-lhe estigmas antropologicos e fisiologicos de toda a extravagancia. A atribuição da cauda é daqui e de lá de fóra, talvez por analogia com o porco sujo; sobre a implantação do rabo ouvi dizer facecias. Um libelo de maligna imbecilidade fanatica — *Sentinela contra Judeus* — traz este trecho: «Ha muitos sinalados pela mão de Deus, depois que crucificaram a Sua Divina Majestade; uns teem uns rabinhos que lhe saem do corpo do remate do espinhaço; outros lançam e derramam sangue de suas partes vergonhosas cada mez como se foram mulheres, outros em se deitando ou encostando a dormir lhe entram e saem imensidade de bichos a morder a lingua...» Em memoria da paixão, ferve-lhes o sangue á sexta-feira, diz se lá no norte: a sua maldade passou a proverbial, judeu e judiaria metaforizaram-se na linguagem como sinonimos de perversidade e crueldade.

Imputaram-lhes toda a casta de delitos e atentados, tornando-os useiros e vezeiros dos mais monstruosos. Entre essas autorias odientas não faltou a de atribuir aos medicos judeus, modelos de probidade e dedicação humanitaria, mortes e envenenamentos no exercicio da profissão que mais os nobilitou, abrindo-lhes a porta dos paços reaes e da curia romana. Dessas inculpações, uma circulou entre nós até á actualidade — a dos *abafadores*, que nas familias dos cristãos-novos se incumbiriam de acelerar a morte por sufocação, abreviando a agonia. Uma especie de eutanasia, de que ouvi e li afirmações comprovantes; o sr. Schwarz desfaz completamente mais esta falsidade — a ultima de tantas desfechadas sobre os desditosos judeus.

A esta pagina lendaria tão tristemente tenebrosa contrapõem-se as deste livro — as que ahi vão para regalo do leitor. Que unção e que compunção! Bem haja quem no-las procurou. A alma hebreia eleva os canticos e as preces ao bom senhor Adonai — bemdito seja ele — na linguagem chã e castiça, singela e sentida do nosso povo. Um encanto pegado de ternura e afectividade mistica, parelha á que impregna as orações populares cristãs. Algumas vezes pensei estar a ouvir as precesinhas infantis que minha mãe me ensinava em pequenino a resar, de joelhos e de mãos erguidas, ao deitar e levantar da cama.

Ha-as que datam seguramente do seculo XVI, e entre elas aquela poetica *Oração da Agua*, recitada pela Pascoa, em metrica de romance, ainda com laivos de castelhano:

A quatorze da Lua
Do primeiro mez do ano
Parte o povo do Egito
Israel meu irmano.
As cantigas que vão cantando
Ao Senhor vão louvando.
Aonde nos trazes Moisés
Aqui neste despovoado
Onde não ha pão nem lenha
Nem nunca pastou o gado?
Louvemos ao alto Senhor
Que é o Senhor do nosso cabo...

Aqui está um belo especime a juntar ao nosso velho romanceiro.

Similares, dissemos, ás que as bocas cristãs endereçam ao pai do Ceu, tal e tanto que lá nas alturas — perdoe-se a heresia, se a ha — os ouvidos do Eterno não saberão separá-las, e muito menos apartar os corações singelos e contritos que as proferem. Voltaire tem razão quando se espanta de que a religião cristã e a mussulmana reconheçam a judaica por mãe delas, e por singular contradição professem por essa mãe mais horror que respeito. Mais que uma vez, sem saber do passo de Voltaire, quando divagava pelo oriente trilhando o berço comum da trilogia hieratica de Moisés, Cristo e Mafoma, scismei na absurdeza da sanha reciproca dos proselitos das tres grandes religiões, assinalada por espantosas carnificinas a ferro e fogo em que o rancor religionario se cevava em peitos de fera para eterna vergonha da humanidade e descredito até dos proprios sistemas de crenças, nascidos e propagados com o unico fim de implantar no coração humano o instinto da divina perfeição, arrancando-o á bestialidade nativa. Ó cruzadas, autos de fé e *pogroms!*

Como compreender a fobia da egreja contra a sinagoga, se em ambos se adora o mesmo deus unico e os livros do Velho Testamento são por egual sagrados? Tão pouco é percebivel que o israelita cubra de oprobrio o adórador de Cristo e da sua cruz. Na aldeia polaca do romance dos Tharaud, ao passarem pelo crucifixo das encruzilhadas, o *sopher* fanatico e o petiz catequizado arremessam aos braços do cruzeiro o anatema da maldição — «Maldito sejas tu que fizeste outra religião!» Se a tradição hebraica, assim como a sua literatura, a temporanea e a ulterior, ignoraram propositadamente Jesus ou hostilizaram a sua memória, enegrecendo a e caluniando-a — se os proprios cristãos, calcando cruíssimos a lição do divino mestre e fazendo do crucifixo o carrasco desalmado que pegava fogo ao queimadeiro e atravez das chamas era a ultima visão dos olhos envidraçados dos justiçados, atiçavam na alma dos perseguidos a abominação da cruz — hoje que tempos e costumes desassombraram a luz do entendimento, varrendo a treva das paixões mesquinhas, outra cor-

rente de sentimentos entrou de animar o meio religioso e sabio do judaismo. Dir-se-ia que regressa o Rabbi da Galileia à casa de Israel, circundado de palmas e hossanas, como na entrada triunfal de Jerusalem pela pascoa florida. Começam de abrir-se entre os rabinistas braços e corações á meiga creança que brincou nas quebradas viçosas de Nazaret, ao pescador de homens do mar de Tiberiades, ao que elevou aos pés do justo juiz a prece do Padre Nosso, ao que prègou o consolo das bemaventuranças no Sermão da Montanha, ao Filho de David, judeu retinto que na vida e na morte manteve o credo hebreu no peito e nos labios — alma nada e educada na inspiração do livro santo, mas dotada duma tal originalidade de genio, a desentranhar-se em tanto amor, reconforto e bondade, tão empolgante no ardor e na poesia da ideia e da expressão, que sobrepuja não só a todos os profetas e heroes de Israel, mas as eminencias todas da historia — a Jesus emfim, o homem sem par, creador da mais pura beleza espiritual e da mais sublime força moral derramada no mundo.

Reivindicam-no já como gloria maxima da sua nação, e nada conheço, na evolução hodierna das ideias cardiaes, de comparavel a este movimento de aproximação judio-cristã, que no meu proximo livro sobre a Terra Santa tentarei rastrear de espaço. Sinal dos tempos, quem sabe se penhor de melhores, esta convergencia de vistas a incidirem no sobrehomem do Novo Testamento: a cristologia a enlaçar, quem o dissera, o padre jesuita e o pastor luterano ao rabino talmudista e ao critico incrente, todos acordes na maravilha ideal do Mestre do Evangelho: olhado, bem entendido, emquanto homem, na natureza terreal que os proprios teologos ortodoxos separam da divina; essa está fóra de discussão e concerto, como acto de crença e ponto de fé.

E os nossos cripto-judeus, esses coitados que ha quatro seculos resam reconditamente ao bom senhor Adonai? Não seria caso para os seus irmãos em Moisés os trazerem ao redil da comunidade de que a força e o terror os apartaram? Amante do lusitanismo arcaico, não se me dava de vêr operar essa restauração de cultos e ritos, como

no tempo em que a velha e a nova lei, a Thora e o Evangelho, viveram em paz na sociedade portuguesa com brilho e proveito. Nem S. Paulo, o apostolo dos gentios, nem a egreja triunfante, nem a inquisição homicida, conseguiram exterminar o judaismo; nem mesmo, como se vê, neste recanto. A sua fé é indomavel e a sua esperança indefectivel — força humana sem quebranto, religião immorredoira que viveu, vive e viverá como a cristã. As duas, como mãe e filha, porque, em vez de se excluirem, não hão de conviver congraçadas?! Ambas expressões apenas diferenciadas da religiosidade congenial do coração humano, dissociadas e melhor ainda consociadas, alvejam a mesma finalidade providencial nos destinos dos individuos e das sociedades. «Quem sabe — profetiza o notavel rabinista Rev. Herford — quem sabe se por fim as duas grandes religiões, depois de cada uma ter cumprido aquilo para que Deus creou duas e não uma só, se não ajuntarão um dia inspiradamente a bem do seu serviço e da vida dos seus filhos?» Para quando esse sincretismo a pôr ponto nas paixões seculares? Felizes os que sabem vêr e crêr *sub specie aeternitatis*.

Campo de S.ta Ana
28-8-25.

Ricardo Jorge.

INTRODUÇÃO

Antes de encetarmos o estudo sobre os «marranos» portugueses, queremos dar uma breve explicação prévia sobre a origem da palavra «marrano».

Muito tem sido escrito sobre este assunto, e, como mais importante, citaremos um estudo especial e muito completo, publicado pelo sábio professor italiano Artur Farinelli: «Marrano», Firenze, 1911, estudo que nos foi dado compulsar, graças á extrema gentileza da Ex.ma Sr.a Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Em resumo: costumam designar-se nas literaturas europeas com o nome de «marranos», «marranes» ou «maranes», os judeus da Península Ibérica que foram obrigados ao baptismo cristão, ficando, porém, no seu íntimo, fieis á sua antiga religião.

O professor Farinelli admite que a origem deste vocábulo é a da palavra portuguesa, ou espanhola, *marrão* ou *marrano*, que significa *porco*, e que, segundo a sua opinião, foi aplicada, como injuriosa, aos cristãos-novos (1).

---

(1) Convém ainda notar que, já antes de Farinelli, um digno compatriota de Torquemada, o Padre Fr. Francisco de Torregoncillo, no seu livro "Sentinella Contra Judeos", que constitue um amontoado de baixas injúrias contra a nação judaica, apresentou sobre a origem da palavra "maranno" as considerações que transcrevemos, segundo a edição portuguesa de Coimbra de 1730, (ou a de Porto de 1745) pag. 116-117:

"Antigamente lhe davão outro nome por afronta de mais de perros, ou caens,

Mas esta interpretação é, de certo modo, inadmissivel, porquanto o termo em que [illegible] e usado na Europa com significação idêntica ao termo portuguêz *cristão novo* e os próprios judeus assim designam os seus irmãos da Palestina, sem nenhum intuito de injúria ou desprezo, da mesma forma que os designam em hebraico com o nome de «anussim» que significa *forçados* ou *convertidos á força.*

Vox populi, vox Dei...

Por isto, será talvez mais exacto procurar a origem do termo «marrano» na [illegible] hebraica e nesta conformidade o distinto hebraista Isidor Schwarz [illegible] veneranda Pai, alvitrou a derivação do hebraico «marchanu» que significa — *para a vista* — ou seja cristãos «para inglês ver», conforme a pitoresca expressão portuguesa.

E', pois, neste sentido, que é empregado no decurso do estudo que segue.

---

que era chamare-lhe Marranos, como o diz: *Didacus à Velasques.* Pois que razão haveria para lhe dar este nome chamando aos Iudeus Marranos. Muitas razoens dão gravissimos Authores: *Michael Ritius lib. 3 de Regibus Hispaniæ*, e outros, dizem que he muy antigo o darlhe este nome. *Jouan Çurita* no anno de mil quinhentos e dezoito, escrevendo muitas couzas de Hespanha diz estas palavras: *Carolus Hispaniarum Rex magnus eguxit opes adversus marranos.*

Dizem outros que dos Hespanhoes lhes saho este nome, chamando-lhe Marranos, que em Hespanhol quer dizer porcos, e assim por infamia lhe davão este nome, e com grande propriedade; porque entre os marranos, ou marroens, quando grunhe, e se queixa a gente delles, todos os mais acodem a seu grunhido, e como assim são os Iudeus, que a lamento de hum acodem todos, por isso lhe derão titulo, e nome de Marranos.

São Jeronimo, que em o Hebreo, Marrã Atha, quer dizer apartados da ley e excomungados, [illegible]. O mesmo diz *Volgangus Lasius libro de gentium migrationibus.* Outros que [illegible] *Estatuto Tolletano*, dizem que: Marran Atha, quer dizer, *Dominus noster venit*: Nosso Senhor vira, e como elles sempre esperão ao Messias, por isso [illegible] chamados Marranos, que tem a sua origem do Hebreo e do Arabico, e que [illegible] de hũ verbo, que em Hebreo significa rebelarse, e como estes sejão tão oppositos á Igreja, lhe tem dado por essa causa o nome de Marranos».

I

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A existência de judeus clandestinos, em pleno século XX, num país democrático e republicano da Europa, parece, á primeira vista, inverosímil...

Todavia existem, ainda, em Portugal!

São os dignos descendentes dos cristãos-novos, que o decreto de expulsão de 1496 e as brutais e desumanas violências, que se lhe seguiram, forçaram a abjurar a sua fé.

Estas relíquias do antigo e glorioso judaismo português, milagrosamente salvas das fogueiras da Inquisição, aparecem-nos ainda, presentemente conscientes da sua antiga religião, tendo conservado, apesar das vicissitudes de mais de quatro séculos de cristianismo oficial e de três horriveis séculos de Inquisição, a pureza da sua raça e da sua alma judaica.

Recordemos alguns pontos da História:

Houve uma diferença flagrante entre os decretos de expulsão dos judeus dos dois países ibéricos: Espanha e Portugal.

Em Espanha, como se sabe, houve realmente expulsão, em massa, de judeus, visto que, depois do decreto de 31 de Março de 1492, a maior parte do judaismo espanhol, recusando abjurar a sua fé, abandonou, para sempre, o seu país natal, no curto espaço de quatro mêses, estipulado no implacável decreto.

O grande historiador Alexandre Herculano, na sua «História da

Origem e do Estabelecimento da Inquisição em Portugal», Lisboa, 1864, tomo I, pag. 77, avalia em *oitocentos mil* o número de judeus que nessa época sairam de Espanha.

Ao contrário, em Portugal, nenhuma emigração importante de judeus seguiu o decreto de expulsão de 5 de Dezembro de 1496 (1).

---

(1) O decreto de expulsão dos judeus de Portugal não tem indicada a data da sua assinatura nas «Ordenações do Senhor Rey D. Manuel 1.º». (lib. II, tit. XLI).

Assim, o eminente mestre Alexandre Herculano, na sua «Historia da Origem e do Estabelecimento da Inquisição em Portugal», tomo I, pag. 113, sem especificar o dia em que o decreto referido foi publicado, diz simplesmente: «Em Dezembro de 1496...»

O grande historiador espanhol D. José Amador de los Rios, na sua «Historia Social Politica y Religiosa de los Judios de España y Portugal», Madrid, 1876, tomo III, pag. 352, obs. 1, diz:

«El edicto carece de fecha en las ordenaciones del rey dom Manuel, lib. II, tit. XLI; pero examinado por nosotros el ejemplar dirigido a la Camara Municipal de Lisboa por el mismo rey, bajo el titulo de *Carta Patente*, nos es licito asegurar que está datado em Muga a 5 dias del mez de Deciembre del expresado año de 1496 como aparece en los *Documentos*».

Esta mesma data foi também aceite, como historicamente estabelecida, pelo sábio professor da Universidade de Coimbra Dr. J. Mendes dos Remédios, que, na sua obra «Os Judeus em Portugal», pag. 289, diz: «A expulsão dos judeus foi decretada em 5 de Dezembro de 1496, estando D. Manuel em Muge...».

No entanto, o eminente historiógrafo J. Lúcio de Azevedo, na sua «História dos Christãos-Novos Portugueses», Lisboa, 1922, pag. 25, atribui ao decreto de expulsão a data de *24 de Dezembro de 1496*.

Como o Sr. Lúcio de Azevedo não indica a origem nem explica a razão que o leva a atribuir esta data ao aludido decreto, pareceu-nos mais aceitavel, até prova em contrário, estabelecida por novas investigações históricas a este respeito, a data indicada pelo Sr. Dr. Mendes dos Remédios, ou seja a de *5 de Dezembro de 1496*.

Já que falamos sobre o decreto de expulsão, devemos também notar, salvo o devido respeito, uma confusão da parte do eminente historiador Dr. Mendes dos Remédios, entre a data da expulsão e a do casamento de D. Manuel I.

Efectivamente, na sua já aludida obra «Os Judeus em Portugal», pags. 287-289, diz:

«Realizou-se o casamento e, como era de prevêr, o plano dos reis catholicos contra os judeus não tornou a esquecer. Solicitado por cartas dos sogros, instigado certamente pelos escrupulos da mulher, D. Manuel não se atreveu por si só a rezolver a questão e decretar a expulsão dos judeus. Em conselho onde o assumpto foi proposto as opiniões dividiram-se em dois campos oppostos, uns pugnando pela estada dos judeus, outros pedindo a sua saida do reino... Prevê-se a opinião para que inclinaria o rei. A expulsão dos judeus foi decretada em 5 de dezembro de 1496...»

Este decreto do rei D. Manuel I, ordenando, sob pena de morte, que saíssem do país todos os judeus que, até 31 de Outubro de 1497, não tivessem aceitado o baptismo e oferecendo aos emigrantes todos os navios necessários á sua partida, não foi, na essência, mais do que um ardil, porque o rei, como veremos adiante, não queria, de modo nenhum, a saída dos judeus, mas sim a sua conversão, custasse o que custasse, ao catolicismo.

Com efeito, em Abril de 1497, pouco antes de expirar o prazo de cerca de dez mêses, estipulado pelo decreto de expulsão, o rei, tendo sabido que a maioria dos judeus portugueses se preparava para seguir o exemplo dos seus correligionários da Espanha, não hesitou diante da desumana e horrivel violência de lhes mandar arrancar os filhos até á idade de catorze anos, afim de os baptizar á força e confiar, em seguida, a sua educação a famílias cristãs.

Os esbirros do rei, conhecendo as intenções do seu Senhor, ampliaram este horrivel atentado a toda a juventude judaica até á idade de vinte anos.

Foi assim que muitas familias judias, postas na horrivel contingência de perder os seus filhos, se foram igualmente baptisando, protestando, no entanto, veementemente, a sua constância na fé dos seus antepassados.

Os outros, um punhado de bravos, insensiveis a tantas dores e violências, recusando abjurar a sua fé, dirigiram-se por ordem do rei, para a Capital, com a promessa de que, em conformidade com o decreto de expulsão, lhes seriam fornecidos navios para os conduzir á Africa.

Mas, assim que todos estes desgraçados, que eram cerca de vinte mil, chegaram a Lisboa, foram encerrados no acampamento dos

---

Houve, pois, erro evidente da parte do historiador, visto que o contrato de casamento de D. Manuel I foi lavrado em Agosto de 1497 e o casamento realizou-se em Setembro do mesmo ano, emquanto que o decreto de expulsão é de Dezembro do ano anterior.

Este facto, aparentemente de somenos importância, pomo-lo em evidência para definir a responsabilidade de D. Manuel I na expulsão dos judeus, porquanto dele se deduz, claramente, que o moço rei foi, de certo modo, coagido pelos reis católicos de Castela, que só após a publicação do decreto em questão, consentiram no casamento com sua filha D. Isabel, que o monarca português tanto ambicionava.

Estaos, onde, constrangidos pela fome e pela violência, se suicidaram e pereceram muitos deles, sendo os sobreviventes arrastados, como feras, pelas barbas e pelos cabelos, ás pias baptismais (1).

Houve apenas sete ou oito, dos quais a História não conservou, desgraçadamente, os nomes, que resistindo a todas estas violências desumanas, não aceitaram o baptismo.

Foram, pois, estes os únicos judeus expulsos de Portugal, em conseqüência do decreto de expulsão, e desembarcados nas costas selvagens da Africa, tendo o resto do Judaismo Português passado nesta época, oficialmente, ao catolicismo, ficando assim no país.

---

(1) Samuel Usque, judeu português, contemporâneo destes acontecimentos, relata-os da seguinte maneira, na sua obra «Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel», Ferrara, 5313 (1553), 3.º Diálogo, folhas XXVIIII e XXX:

«Acabado q̃ ouve a morte de arrebatar este rey dõ Johaõ q̃ perseguido me havia..... outro tal meu ymigo recebeo logo o ceptro em seu lugar... . mandou apregoar que todos aquelles judeus que em seu reino se achavam se fizessem cristaõs ou se sayssem de Portugal em hũ certo termo e nam se sayndo, achados que fossem sendo ynda judeos morressem morte natural e perdesem as fazendas por ysso,..... mas entẽdida que teve Elrey a resolução dos judeos: e quanto pouco mostravaõ estimar o desterro em lugar da troca da sua ley, começou dar a entender sua maa tenção, mandando que todos que no reino avia se recolhesem alixboa com fama que aly lhes queria dar embarcação; e como os teve juntos..... mandoulhes aly noteficar que elle querya se tornasem todos cristaõs, e que o divesem fazer por amor, o que fariam ultimamente por força.... De maneira que achãdo os tam firmes como a seus padres, a elles com grandissima yra arremeterom..... e a hũs pelas pernas e braços, e a outros pelos cabelos e pelas barbas arrastando por força os levarom tee dentro as ygrejas, e aly lhe deitarom a sua aguoa, e tocando com ella hũs e mal alcançando outros lhes ympuserom sobre ysso nomes da cristandade,.. .. De muitos que grandes estremos fizerõ por se defender foy asinalado entre elles hum, o qual fazendo cobrir a seis filhos com seus taleciod (*), com hũa sabia pratica esforçãdoos a morrer pela ley hum a hũ, com elles todos ao cabo se matou, e outros molher e marido se esforcarom, e aquelles que os quiserom levar a enterrar foram matados pelos enemigos As lançadas; Muitos ouve que se lançarom em poços, e outros das Janelas abaixo se faziaõ pedaços, e todos estes corpos ysraelitas assy mortos os levavam..... a queimar ante os olhos de seus yrmaõs, pera mayor medo e temor de sua crueldade os comprender; Com esta violencia, contras as leys divinas e humanas ficarom feitos cristaõs muitos corpos, mas nunca nas almas lhes tocou macula, antes sempre tiverom emprimido o selo de sua antigua ley;»

(*) Capas que os judeus põem durante as orações.

E' verdade que, tempo depois, muitas famílias judaicas conseguiram fugir de Portugal, indo estabelecer-se na Turquia, Holanda, França, Itália e outros países, onde voltaram de novo ao seio do judaismo.

Este êxodo dos fugitivos cristãos novos começou sobretudo, a partir do horrivel massacre de judeus, que se deu em Lisboa a 19 de Abril de 1506, ou seja nove anos, apenas, depois da sua conversão geral ao cristianismo.

Durante esta bárbara carnificina, perto de 4 000 «marranos» pereceram assassinados e queimados vivos pela multidão enlouquecida e excitada pelos frades...

Depois, veiu a Inquisição, que continuou a matança sistemática dos cristãos-novos, desde 22 de Outubro de 1536, data em que foi proclamada em Evora, onde se encontrava então D. João III e a côrte, até 31 de Março de 1821, data em que foi abolida pelas Constituintes.

Durante estes longos e horriveis séculos de perseguição e de agonia, os desgraçados judeus, que não tinham conseguido fugir deste inferno, foram, em grande parte, dizimados e aniquilados...

Foi, pois, para nós uma enorme e agradavel surpreza quando, por um concurso de circunstâncias inesperadas nos foi dado conhecer em Portugal, sobretudo nas províncias do Norte, numerosas familias de cristãos-novos, que conservaram, até hoje, não só a pureza da raça semítica, visto que só casam entre si, mas ainda intacto o sentimento da religião e da nacionalidade israelita.

Estas famílias, conhecidas em Portugal com a designação de cristãos-novos, são ainda vulgarmente chamados na província, simplesmente, «judeus».

Reconhecem-se, facilmente, pelo seu puro tipo «sefardi» (1) e eles próprios se consideram *judeus*, apesar de serem oficialmente baptisados e cristãos, continuando a celebrar as principais festas israelitas, como Sabat, Kipur e Páscua.

O que mais impressiona, quando se quere estudar a vida destes judeus, é o grande segrêdo de que continuam a rodear, ainda actualmente, as suas cerimónias e práticas de religião judaica, tal como nos velhos tempos da Inquisição, pois que este segrêdo e desconfiança para com todos aqueles que não sejam da sua raça, torna o seu conhecimento e o seu estudo extremamente dificeis.

---

(1) Termo hebraico que significa : *Ibero-Judaico.*

Foi por isso que, só depois de muitos meses de continuados esforços e ainda graças a um concurso de curiosíssimas circunstâncias, conseguimos ser admitidos no seu grémio e assistir e tomar parte nas suas orações e cerimónias judaicas.

Foi assim que tivemos ocasião de estudá-los e recolher um grande número das suas orações em português arcáico, nas quais se integram palavras e até frases litúrgicas completas em lingua hebraica.

Além das orações, que colhemos de viva voz, tivemos também a felicidade de poder obter algumas rezas manuscritas, que foram religiosamente conservadas por algumas famílias de cristãos-novos, através de gerações.

II

SHEMAH ISRAEL . . .

Vamos ver em que circunstâncias podémos travar relações com os cristãos-novos em Portugal e ser admitidos no seu grémio.

Convém notar que, anteriormente á nossa vinda para Portugal, em 1915, já desde 1907 tinhamos estado por várias vezes na pátria de Torquemada e, estudando aí, de perto, a questão judaica, tivemos ocasião de verificar que não havia ficado em Espanha nenhum vestígio do antigo judaismo, a não ser algumas famílias das ilhas Baleares, conhecidas pela designação de «chuetas», consideradas como descendentes de judeus.

Todavia, estas famílias não conservam nenhuma reminiscência de tradições judaicas, distinguindo-se, ao contrário, pelo seu excepcional fervor católico, a ponto de fazerem seguir a seus filhos, de preferência, a carreira eclesiástica. Como exemplo frisante, citaremos o caso do eminente estadista espanhol D. Antonio Maura, chefe do *partido católico e ultra-reacionário*, que, segundo consta, é de familia «chueta».

Foi, pois, esta impressão que, no principio da nossa estada em Portugal, nos levou a não fazer caso do epíteto de «judeu», que então se aplicava, *urbi et orbi*, a alguns vultos republicanos em evidência, como Afonso Costa e Guerra Junqueiro.

A própria fisionomia, tão típicamente judaica, do poeta da «Velhice do Padre Eterno», não nos surpreendia também, porquanto o tipo semítico é bastante vulgar na Península.

Além disso podémos também constatar que, em conseqüência da actual propensão geral para o scepticismo e indiferença religiosas, tão acentuadas em Portugal, principalmente nas cidades, desde a implantação da República, as reminiscências júdaicas das famílias de cristãos-novos, residentes em Lisboa e Porto, desapareceram por completo, não se distinguindo, todavia, por nenhuma devoção católica especial, como as famílias *chuetas* de Espanha.

Por outro lado, os casamentos mixtos entre famílias de cristãos-novos e cristãos-velhos, já tão freqüentes, concorreram também para a completa assimilação daqueles, não sendo raro, encontrar-se em Lisboa famílias nitidamente cristãs com apelidos puramente judaicos, tais como Levy, Cohen, Maimon, etc.

Todavia, nas províncias não sucede o mesmo; os casamentos mixtos, embora actualmente mais vulgares, eram ainda raríssimos há uns vinte anos, sendo, com efeito, nas províncias da Beira-Baixa e Trás-os-Montes, que começámos a notar a existência de cristãos-novos, que pitorescamente se dizem «judeus dos quatro costados», com o que querem significar que nas suas famílias não existem cruzamentos com cristãos-velhos.

A primeira comunidade de cristãos-novos, que nos foi dado conhecer, foi a de Belmonte (Beira-Baixa) (fig. 1) em 1917.

Belmonte, pequena vila dos arredores da Covilhã, a qual é também considerada, em toda a Beira, como centro judaico *par excellence,* tinha já no século XIII uma comunidade judaica organisada, com a sua sinagoga, cujo edifício, aproveitado, depois da expulsão, para o culto católico, foi há um século destruido por um incêndio, mas da qual subsiste ainda a inscrição hebraica (fig. 2).

Esta bela e curiosa inscrição, gravada sobre um bloco de granito, encontra-se actualmente fazendo parte da interessante colecção epigráfica do Museu Municipal de Castelo Branco, onde tivemos ocasião de descobri-la.

No nosso estudo «Inscrições Hebraicas em Portugal», Lisboa, 1923, pag. 23-25, vem publicada e estudada esta interessante relíquia judaica, e por isso apenas diremos aqui que a inscrição é um versículo bíblico, Liber Habakuk, cap. 2, vers. 20, e a data indicada é a de 5057, correspondendo á de 1297 da era cristã.

Como dissémos, o edifício da antiga sinagoga de Belmonte desapareceu há uns cem anos, mas não o judaismo dos descendentes das

antigas famílias judaicas, nem os traços característicos da pureza da raça, como se pode constatar pelas figuras que publicamos no apêndice I.

Chegados a Belmonte, fomos surpreendidos pela quantidade de famílias judaicas que os seus conterrâneos cristãos se encarregaram de nos designar nesta localidade.

O primeiro a chamar nos a atenção foi um comerciante cristão, que, querendo, sem dúvida, obter o exclusivo de fornecimento de comestiveis para a exploração mineira que ahi dirigimos, nos insinuou para nada comprarmos ao seu concorrente, Baltazar Pereira de Sousa, «porque», disse êle, «basta que lhe diga que é *judeu*».

Com efeito, bastou; e esse procedimento em combater a concorrência judia, teve para nós todo o sabor das chicanas antisemitas do nosso país natal, a Polónia, o que nos impressionou e interessou vivamente.

Um dia, tendo encontrado, por acaso, o dito comerciante judeu, em Lisboa, aproveitámos o ensejo para lhe pedir informações sobre este assunto, sendo preciso, para lhe inspirar confiança, leva-lo á sinagoga.

Foi assim que êle nos confessou que era realmente descendente duma família judia, e que toda a sua família em Belmonte continua a exercer, em segrêdo, a religião judaica.

Este pobre homem, falecido, infelizmente, ha alguns anos, filho de António Pereira de Souza, octogenário ainda vivo, (fig. 3), tinha casado contra a vontade da família, com uma cristã, o que o excluiu da comunidade judaica da sua terra, mas, não obstante, mostrou-se muito interessado por todas as informações que lhe démos àcerca do judaismo em geral e do sionismo em particular.

Tornou-se em seguida um adepto entusiasta do ideal sionista e, quando soube por nós a notícia da «Declaração de Balfour», sobre a reconstituição da Nação Judaica na sua antiga pátria, a Palestina, exclamou entusiasmado: «Dava de boa vontade, metade da minha fortuna para ajudar o estabelecimento do nosso povo na Terra Santa».

Foi êle que se encarregou de nos apresentar e recomendar, como judeu, á sua família e ás outras famílias judaicas de Belmonte, o que fez com efeito, segredando lhes ao ouvido, emquanto nos indicava: «E' dos nossos!»

Todavia, devemos dizer que esta recomendação não produziu grande efeito, ou porque o testemunho de ortodoxia judaica, vindo da

parte dum «renegado», mercê do seu casamento com uma cristã, fosse suspeito, ou por causa da desconfiança inata nos cristãos-novos.

Mas, ao cabo de esforços contínuos e persistentes, conseguimos, a pouco e pouco, captar a confiança dalguns cristãos-novos, principalmente dos homens, que começaram a dar-nos várias informações ácerca das suas orações e ritos judaicos.

Então soubemos serem sobretudo as mulheres, principalmente as mulheres idosas, que conhecem de cor todas as orações judaicas, e, habitualmente, as dizem e presidem ás reuniões e cerimónias religiosas dos cristãos-novos.

E não foi preciso pouco trabalho para conseguir também alcançar a confiança destas velhotas, que, na sua simplicidade, ignoravam por completo a existência doutros judeus, diferentes nos processos de culto dos cristãos-novos.

Estranhando que um *judeu* não procurasse fazer segrêdo da fé judaica, como costumam os cristãos-novos, começaram por nos pedir, como prova da nossa identidade religiosa, que lhes recitassemos algumas orações «judaicas», subentendendo com esta designação as dos cristãos-novos em língua portuguesa.

Em vão tentámos explicar-lhes a diferença entre cristãos novos e «judeus-velhos», e que nos era impossivel aceder ao seu pedido, porquanto as orações que sabemos são em língua hebraica, em que é uso fazer as práticas litúrgicas dos judeus...

Esta foi mais uma razão em nosso desabono, porquanto as pobres criaturas nunca tinham ouvido falar da *língua hebraica*, nem sabiam que este idioma existia; daí o continuarem na sua desconfiança...

Até que, encontrando-nos uma tarde em Belmonte, e insistindo, como de costume, na nossa idea fixa de convencer os cristãos-novos da nossa nacionalidade judaica, uma velhota, que depois soubemos ser a que desempenhava o cargo de *sacerdotisa* («hazan») na comunidade judaica de Belmonte, nos disse:

«Visto que pretende conhecer outras orações judaicas, diferentes das *nossas*, diga-nos, ao menos, uma das que conhece nessa *língua hebraica*, que diz ser a lingua dos judeus!...»

Tendo-lhes feito notar que pouco ou nada poderiam perceber numa reza hebraica, dispuzemo-nos, no entanto, a obedecer.

Era uma deliciosa tarde de verão, banhada por uma suave brisa montanhosa, destacando-se no fundo da paisagem, em toda a sua

grandeza, a Serra da Estrela, á qual as últimas reverberações do poente emprestavam uma tão deslumbrante auréola, que nos fazia lembrar a descrição bíblica do Sinai, quando Moysés recebia, de Deus, a Lei...

Ocorreu-nos, então, a feliz idea de recitar a sublime oração de «Shemah Israel» (1), base da religião judaica, que devia não poucas vezes ter ecoado nas sinistras masmorras da Inquisição e que os mártires judeus balbuciavam, decerto, emquanto exalavam as suas nobres almas nos suplícios e nas fogueiras dos autos de fé.

Notámos, quando pronunciámos a palavra «Adonai», que as mulheres tapavam os olhos com as mãos e ao acabar de recitar a breve oração, a anciã, que nos tinha convidado a rezar, disse, com autoridade, para as que a cercavam: «E' realmente judeu, porque pronunciou o nome de Adonai!»

Foi a partir deste momento que começámos a ser admitido, como correligionário, na comunidade dos cristãos-novos de Belmonte e podémos assistir ás suas reuniões e cerimónias judaicas, sendo êste o ponto de partida dos nossos estudos.

Conseguimos, a pouco e pouco, obter um grande número de orações, cheias de encanto poético e de interesse histórico, cuja apreciação será assunto do capítulo seguinte, as quais nos facilitaram o acesso junto dos cristãos-novos de outras povoações, como Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Idanha, Penamacor, Monsanto, Bragança, Argozelo, etc.

Compreendemos então a diferença essencial que existe, sob o ponto de vista judaico, entre os descendentes dos judeus de Portugal e os da Espanha, isto é, entre os «cristãos-novos» e os «chuetas», a que acima aludimos, apesar da Inquisição em Portugal não ter sido nem de menos duração nem menos sanguinária do que em Espanha.

A nosso vêr, essa diferença só pode ser explicada pelo facto, já citado, de, em Portugal, não se chegar a realizar a expulsão dos judeus, como em Espanha, porquanto quási todo o judaismo português, tendo sido obrigado a conversão geral, ficou no país.

Os cristãos novos portugueses, ainda tão conscientes da fé judaica, são pois os legítimos descendentes do antigo e glorioso judaismo por-

---

(1) Deuteronimio, cap. 6, ver. 4. — Esta oração, síntese da concepção judaica monoteista, começa assim: « Ouve Israel, o teu Deus é só um!...»

tuguês, que gerou tantos eminentes génios e sábios, como os Iahia, Abrabanel, Menassé-Ben-Israel, Uriel da Costa, Spinosa, Zacuto, Amatus Lusitano, e tantos outros.

Merecem bem, pela sua nobre e estoica perseverança judaica, pelos seus sacrifícios e pela sua maravilhosa resistência e vitalidade nacionais, ser acolhidos com amor e devoção pela imperecivel Nação Judaica e reintegrados com honra no seio do imortal Judaismo.

III

RITOS E COSTUMES JUDAICOS DOS CRISTÃOS-NOVOS

Já vimos nos capítulos anteriores que, contrariamente ao que se passa em Espanha, um grande número de cristãos-novos portugueses tem conservado, até hoje, a pureza da sua raça e das tradições judaicas.

Reconhecem-se facilmente pelo seu tipo semítico-peninsular, chamado «sefardi», muito característico, como se pode vêr pelas fotografias publicadas no apêndice I.

Também os seus nomes e apelidos podem, por vezes, servir de indicação da sua origem judaica, mas este indício é pouco seguro, visto que, durante a forçada conversão geral de 1497, os judeus foram obrigados a abandonar não só a sua religião, como também os seus nomes judaicos, trocando-os geralmente pelos nomes dos seus padrinhos de baptismo, como o diz a testemunha ocular Samuel Usque (1):

«...a hũs pelas pernas e braços, e a outros pelos cabelos e pelas barbas arrastando por força os levarom tee dentro as ygrejas... lhes ympuserom sobre ysso nomes da cristandade...»

Assim os seculares e antigos nomes luso-hebraicos, tais como: Jahia, Jessurun, Abrabanel, Aboab, Habib, Zacuto, Usque, Abendane, Maimon, Cohen, Levy, Muchnina, etc., desapareceram da nomenclatura dos cristãos-novos portugueses e foram substituidos por nomes

(1) *Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel.*—passagem já citada, no cap I, pag. 10, nota 1.

portugueses vulgares, ao passo que a outros deram, por ironia, nomes como Cruz, Firme-Fé, etc.

Entre os cristãos-novos que conseguiram fugir, durante a dominação da Inquisição, da sua pátria madrasta, para retomarem na Holanda, França, Itália, etc., a religião judaica, alguns voltaram aos apelidos dos seus antepassados como, por exemplo:

Dr. Amatus Lusitano, cujo nome de cristão-novo foi João Rodrigues de Castelo-Branco, e o antigo apelido judaico *Habib* que significa: *Amado*, ou *Amatus* em latim.

Dr. Zacuto Lusitano, cujo nome de baptismo foi Manuel Alvares de Tavora.

Dr. Jacob Rosales, cujo nome em Portugal era Manuel Bocarro Francês.

Menasse-ben-Israel, o famoso rabino português, cujo nome cristão-novo era Manoel Dias Soeiro.

Outros ficaram com os seus nomes portugueses, encontrando-se ainda actualmente entre os judeus da Holanda, nomes puramente portugueses, tais como:

Aguilar, Brito, Brandão, Henriques, Lara, da Fonseca, da Costa, Andrade, Teixeira, Mendes, Silva, Pinheiro, Cardozo, Coutinho, Carvalho, Soares, Sousa, Pereira, Teles, Abrantes, Marques, da Silva-Rosa, Gomes-Neto, Furtado, Nunes, Rodrigues, Granjo, Mello, Prado, etc.

Outros ainda tomaram o nome das suas terras natais, como os: Belmonte, Penamacor, Monsanto, Idanha, Villa-Real, etc.

Podemos, igualmente, citar alguns nomes de sábios rabinos e eminentes escritores judeus portugueses, que viveram na Holanda e escreveram na lingua portuguesa e cujos apelidos são portuguesíssimos, como:

Abraham Gomes da Silveira, David Nunes Torres, David Neto, Isaac da Silva, Jacob de Castro Sarmento, Jacob Freire de Andrade, Mosseh Pereira da Silva, Uriel da Costa, etc.

E' evidente que, sendo a maior parte dos nomes acima citados tão correntes em Portugal, como os de Dupont ou Parmentier em França, não podem os apelidos servir de guia na procura da origem judaica.

Apenas pode dizer-se que nalgumas regiões de Portugal, como nas províncias da Beira-Baixa e de Trás-os-Montes, certos nomes

indicam uma grande probabilidade de origem hebraica, pela simples razão que se trata de famílias que são conhecidas pelos seus conterrâneos cristãos, como sendo de origem judaica, e apontados com as designações de «cristãos-novos», «calmões» — nome injurioso que se dá aos cristãos-novos em certas vilas, como Penamacôr e Monsanto — ou muito simplesmente, «judeus».

Citaremos alguns destes nomes:

Abrantes, Carvalho, Costa, Cruz, Campos, Dias, Henriques, Estrela, Gaiola, Granjo, Lopes, Mascarenhas, Mattos, Mendes, Morão, Nunes, Paiva, Pinheiro, Pessoa, Preto, Pereira, Rodrigues, Souza, Silva, Vaz, etc.

Estas familias sabem-no também e têm a consciência da sua origem judaica, conservando ainda muitas tradições religiosas dos seus antepassados.

Estas tradições, cerimónias e orações que os cristãos-novos portugueses têm conservado até hoje, foram-lhes transmitidos, sob o maior e mais rigoroso segrêdo, de pais para filhos, através dos longos e horriveis séculos da dominação inquisitorial, apesar dos iminentes perigos que a observação dos ritos hebraicos acarretava nesta triste época que Portugal atravessava.

Este permanente terror inquisitorial, esta espada de Damocles, sempre sangrando, suspensa sobre as suas cabeças, obrigava os «marranos», não só ao segrêdo rigoroso nas suas práticas religiosas judaicas mas também a evitar, quanto possível, todos aqueles preceitos da religião hebraica, que não podiam ser escondidos e que os pudessem irremediavelmente perder.

Assim, a circuncisão, como «corpus delicti» gravissimo, devia ter sido posta de parte logo desde o princípio da Inquisição, embora fosse ainda usada pelos cristãos-novos, aqui e acolá, durante a primeira metade do século XVI, como se pode constatar pelos livros de denúncias das Inquisições de Évora e de Lisboa (1).

Actualmente, esta antiquíssima prática semítica, tornou-se já completamente ignorada da maior parte dos «marranos».

A festa judaica dos Tabernáculos, a degolação ritual dos animais, tiveram a mesma sorte, assim como o uso de livros e objectos do

---

(1) A. Baião. *A Inquisição em Portugal e no Brasil*, Lisboa, 1921, pag. 108.

culto hebraico, de que não ficaram actualmente nenhuns vestigios nas tradições dos cristãos-novos.

No entanto, livros de rezas e objectos do culto judaico ainda existiam, entre os cristãos-novos, no principio do século XVII, como se deduz do processo da Inquisição contra o eminente lente da Universidade de Coimbra, Dr. Antonio Homem, ao qual a posteridade compassiva deu o cognome de *præceptor infelix*, que foi queimado, como judaisante, durante o auto-de-fé decorrido em Lisboa no dia 5 de maio de 1624 (1).

Diversos outros usos e preceitos judaicos foram igualmente esquecidos, com o tempo, pelos cristãos novos, ao passo que outros sofreram modificações motivadas, provavelmente, pelos estratagemas a que se viam obrigados, no intuito de desviarem a odiosa e terrivel vigilância dos espiões da Inquisição.

Assim, por exemplo, para a celebração da páscua judaica, não podiam os cristãos-novos preparar o pão ázimo, com antecedência, conforme o costume judaico, por causa da apertada vigilância inquisitorial durante a temporada que precedia a páscua judaica.

Só passados uns dias, depois dos espiões abandonarem a sua vigilância, na convicção de que não houve preparação do pão ázimo, os cristãos-novos se reuniam para a preparação do «pão-santo» e a celebração da páscua conforme o rito judaico.

Este costume perdurou, como tradição, até aos nossos dias, celebrando-se, actualmente, entre os cristãos-novos da Covilhã e Belmonte, a preparação do pão ázimo, só na terceira noite de páscua e não comendo pão nenhum durante os dois primeiros dias da festa pascal.

Da mesma origem deve ser o curioso costume dos cristãos-novos da região de Bragança, de colocarem dentro de uma panela de barro a candeia especial que, conforme o ritual judaico, acendem nas sextas-feiras de tarde, para celebrarem a entrada de sábado. Com este estratagema evitavam que a candeia de sábado, a que chamam «candeia do Senhor», pudesse ser apercebida de fora pelos vizinhos e espiões.

---

(1) Processos n.os 15.421 e 16.255 da Inquisição de Lisboa, existentes no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo. *António Homem e a Inquisição*, por António José Teixeira, Coimbra 1902.

As festas e jejuns judaicos que estão ainda actualmente em uso entre os cristãos-novos são: o Sábado, a Páscua e o «Kipur» (1). Antigamente, os mais ortodoxos, tinham igualmente o hábito de jejuar no dia, chamado, da «Rainha Ester», bem como ás segundas e quintas-feiras.

Além destas festas, que descreveremos mais abaixo, conservam os cristãos-novos os costumes e ritos judaicos seguintes:

Cerimónias de casamento, de entêrro, de luto, regras de alimentação, assim como as orações judaicas e a fé na vinda do Messias, para a restauração do povo de Israel na «Terra da Promissão».

São muito curiosas e dignas de estudo as orações judaicas dos cristãos-novos, de que juntamos no apêndice II todas as que conseguimos obter em diversas povoações da Beira Baixa: Covilhã, Belmonte, Caria, Fundão, Idanha-a-Nova, etc.

Estas orações, que estudaremos mais abaixo, são rezadas, seja em particular, ou seja em reuníões de cristãos-novos, por ocasião de sábados ou de outras festas e cerimónias judaicas, e são ditas em português arcaico, misturado, aqui e acolá, com palavras hebraicas.

Geralmente, é uma mulher que as recita de cor, em voz alta, ao passo que os assistentes as repetem em voz baixa.

Apesar do seu grande número, são estas orações recitadas sem auxílio de livros ou de notas escritas, e os cristãos-novos dizem-nas da mesma maneira como lhes foram ensinadas pelos seus antepassados.

Existem também, guardadas por algumas famílias, cópias mais ou menos antigas destas orações, mas estes manuscritos, dos quais conseguimos obter uma certa quantidade, não devem ser anteriores ao século XVIII, porque a sua posse devia tornar-se perigosa antes da abolição da Inquisição.

Na sua alimentação, abstêm-se os cristãos-novos, conforme o uso judaico, da carne de porco, coelho, lebre e de peixe sem escamas.

Quanto, á carne de porco, a abstenção não é, actualmente, absoluta, por causa da necessidade de se recorrer, na província, ao presunto e aos outros preparos da carne de porco, por falta de outra.

Mas, comtudo, ficou-lhes a tradição da abstenção da carne de

---

(1) Jejum judaico, chamado também «dia grande», que se celebra no décimo dia da lua de Setembro.

porco, que deixam de comer por completo, nos sábados e nas outras festas judaicas, bem como durante as temporadas de quarenta dias que precedem as festas da Páscua e de «Kipur».

Fora destas ocasiões a abstenção da carne de porco, como já dissemos, não é absoluta, mas ainda assim é curioso notar que nunca comem morcela, nem quaisquer outros preparos feitos com sangue, em conformidade com a leí judaica.

Já não têm, os cristãos-novos, nenhuma noção da degolação ritual dos animais, chamada em hebraico «Chehitá», embora este rito judaico ainda estivesse em uso no século XVI, como se deduz das primeiras denúncias contra os «*da Nação*», como costumavam designar os cristãos-novos na linguagem inquisitorial (1).

Os cristãos-novos actuais, apesar de já não terem nenhuma noção deste rito, conservaram ainda, no entanto, a oração especial que dizem antes de matar qualquer cabeça de gado, e que publicamos com os n.os 68 e 68 bis no apêndice II.

Têm os cristãos-novos igualmente o hábito judaico de salgarem a carne de que deixam escorrer completamente o sangue antes de a cozinharem.

Conservam a tradição, chamada pelos judeus «Halá», durante a cerimónia da preparação do pão ázimo, que consiste em lançar no fogo, antes da cozedura, um pouco de massa (2), fazendo nesta ocasião uma oração especial, que publicamos com o número 53.

---

(1) Copiamos do interessante estudo, já citado, do Dr. Antonio Baião, dentre as denúncias da Inquisição de Lisboa, no século XVI, ao acaso, as seguintes:

Pag. 106. — «No dia 4 (de Janeiro de 1538) compareceu Ignez de Faria, viuva, que disse que costumava ir a casa do L.do Gil Vaz Bugalho do desembargo d'El-Rei, e quando ia aos sabbados tinha notado que o guardavam, vestindo-se de festa, fingindo-se doente o dono da casa para não ir á Relação, a filha pondo a sua cadeia d'ouro e cota de chamalote e dizendo á escrava Maria, preta, que guardavam o sabbado que era o seu domingo; os cordeiros e gallinhas mandavam-nos matar fóra, a casa de Pedro Vaz, cristão-novo, d'onde vinha o pão asmo...»

Pag. 128. — «No dia 5 de outubro (de 1641) pelo P.e Fr. Jorge foi perguntada Catharina Lopes e disse que a mulher de Pedro Dias, cortador e christão-novo lhe contara que a sogra «golava» os carneiros e como a tesmunha não soubesse o que tal queria dizer, a outra explicou que era o que os judeus costumavam fazer...».

(2) O uso judaico da «halá» é uma comemoração da antiga lei do dízimo, pela qual os judeus deviam oferecer a décima parte dos seus produtos para as necessidades dos sacerdotes e do templo de Jerusalém.

Esta tradição da «Halá», rodeada pelos cristãos-novos duma grande devoção, só é empregada, actualmente, na ocasião da preparação do pão ázimo, mas antigamente era empregada em todas as amassaduras de pão em geral, conforme o costume judaico, como se deduz do processo n.º 442, de 1674, da Inquisição de Lisboa, contra Brites Henriques, de que publicamos alguns extractos no nosso apendice III.

Citaremos aqui, apenas, a passagem do interrogatório a que foi submetido, a infeliz Brites Henriques, interrogatório — ou «In genere» na linguagem inquisitorial — que publicamos integralmente no apêndice III :

«Perguntada, se quando se amassava em sua casa lançava ou mandava lançar no fogo tres pellouros de massa por ceremónia judaica ? Disse que tal não fez».

Entre outras diversas cerimónias judaicas, que os cristãos-novos praticam, ainda actualmente, podem citar-se : as cerimónias do matrimónio e as de entêrro, que descreveremos mais abaixo.

Depois das refeições recitam uma oração de graças (apêndice II, n.os 16 e 16 bis.), não colocam o pão ao contrário sobre a mesa, e quando, por descuido, cai no soalho algum bocado de pão, apanham-no e beijam-no piedosamente, exactamente como fazem os judeus.

Um outro costume puramente judaico, que encontrámos entre os cristãos-novos, é o de juntar cuidadosamente todas as porções de unhas cortadas, para as queimarem.

Quando eram obrigados pela lei ou pelo ambiente a frequentarem as igrejas, — a completa liberdade religiosa só é um facto depois da implantação da República — diziam no átrio da igreja uma oração especial para afirmarem a sua fé monoteista e que não adoram «nem o pau nem a pedra senão o Deus de Israel que em tudo governa».

Actualmente os cristãos-novos, não frequentando as igrejas, não baptisando os seus filhos e fazendo o entêrro civil, estão convencidos, na sua ignorância da religião hebraica, de terem realisado acto de judeus.

Contudo as suas cerimónias e orações judaicas, propriamente ditas, continuam a faze-las em segrêdo, exactamente como nos velhos tempos da Inquisição.

Porém, este segrêdo não deve nunca ser interpretado como meio empregado para esconder, aos olhos dos seus conterrâneos cristãos, a sua origem hebraica, porque nas províncias conhecem-se bem todas as famílias cristãs-novas, uma a uma, da mesma forma como se conhecem os judeus na Polónia ou na Rumania, e, já nas escolas, os jovens cristãos-novos são tratados por *judeus* pelos seus pequenos colegas cristãos...

Este segrêdo tão incompreensivel, á primeira vista, em pleno século XX, num país livre e democrático como Portugal, segrêdo tão prejudicial para quem pretende estudar a vida e os costumes dos cristãos-novos, explica-se, a pouco e pouco, quando se consegue entrar na vida e no trato dos cristãos-novos, ganhando a sua confiança e familiarizando-se com a sua psicologia especial.

Com efeito, não conhecendo da religião hebraica senão o que lhes foi transmitido oralmente pelos seus antepassados, o grande segrêdo, tão indispensavel outrora, que lhes foi sagradamente recomendado em conjunto com as tradições hebraicas, constitui para os cristãos-novos um dos ritos sagrados da religião judaica, ficando, por esta razão, muito admirados quando vêm um judeu que não oculte, junto dos que não o são, a sua crença religiosa, que, segundo êles, só deve ser professada em completo segrêdo.

Não falamos, evidentemente, senão da massa dos cristãos-novos constituida por gente simples, na maioria pequenos comerciantes e artífices.

Mas ha também entre êles importantes comerciantes e industriais, bem como um grande número de intelectuais.

Assim, por exemplo, no importante centro fabril da Covilhã, a Manchester Portuguesa em miniatura, quási toda a indústria e comércio de lanifícios estão nas mãos dos cristãos-novos.

Este facto lembra-nos, instintivamente, um caso semelhante que se reproduziu, a milhares de léguas de Portugal, na nossa cidade natal Lodz, Covilhã polaca de 700.000 habitantes, onde quási todos os industriais de lanifícios são também judeus.

Para pôrmos em relêvo o alto valor intelectual dos cristãos-novos portugueses daremos uma rezumida resenha histórica:

Já antes da expulsão, quási todos os grandes médicos portuguêses que desde a fundação da monarquia portuguesa ocuparam junto

dos primeiros reis de Portugal os postos de cirurgiões e físicos-mores do reino, eram, na sua quási totalidade, judeus.

E' suficiente citarmos alguns nomes:

Rabi Guedalia ibn Jahia, médico-mor do rei D. Diniz.

Salomon ben Moses Salomon, físico de D. Fernando e de D. João I.

Rabi Mosséh ibn Navarro, médico de D. João I, em 1391, e Grande-Rabino dos judeus portugueses.

Mestre Guedalia ben Salomon ibn Iahia, médico de D. Duarte, e de D. Afonso V. — Depois da morte deste emigrou, em 1487, para Constantinopla.

O rei D. João II, tinha a seu serviço diferentes médicos e cirurgiões judeus, a saber: Mestre Leão, Diogo Mendez Becinho, Diogo Rodriguez Zacuto, os astrónomos José Vizinho, Mestre Rodrigo e o cirurgião Mestre António, ao qual o Rei serviu de padrinho de baptismo.

D. Manuel I, autor da lei de expulsão dos judeus de 1496, tinha como médico e astrólogo o grande sábio judeu, Abraham ben Samuel Zacuto, professor da Universidade de Salamanca, que já havia exercido idéntico cargo no reinado de D. João II, e que pela sua obra prima *Almanach perpetuum* (Leiria, 1496) pode ser considerado a alma das grandes descobertas marítimas portuguesas.

O seu sucessor D. João III, fundador da Inquisição no reinado do qual já não havia mais judeus, oficialmente, em Portugal, por terem sido obrigados á conversão geral de 1497, tinha, no entanto, todos os seus médicos e cirurgiões de origem hebraica.

Citamo-los:

Mestre Dionísio, ainda médico de D. Manuel I, passou ao serviço do seu sucessor D. João III e da Rainha. Conseguiu, depois, fugir de Portugal, e exerceu clínica em Londres e Veneza, tendo retomado, no estrangeiro, a sua antiga religião.

Diogo Lopes, nomeado físico-mor do rei em 10 de Novembro de 1520 (1).

Diogo Alfaro que substituiu o seu colega Diogo Lopes, como físico-mor do rei, foi nomeado por alvará de 9 de Julho de 1528 (2),

(1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Místicos*, Lº 6, fl. 13 v.

(2) Idem, Chancelaria de D. João III, Lº 5, fl. 110.

e morreu em 1554, sendo substituído em 4 de maio do mesmo ano, por Leonardo Nunes ([1]).

Da grande afinidade dos cristãos-novos pela sciência médica, é prova também uma lista dum «grande número de físicos, surgiões e boticários que foram presos pella Santa Inquisição, e outros que fogirão, e outros muitos que confessarão por sua culpa terem mortos muitos cristãos velhos por medicina» ([2]).

A par da falange de médicos de grande nomeada dentro do país, seja-nos permitido citar também alguns nomes de eminentes médicos cristãos-novos portugueses, que tendo conseguido escapar-se das garras da Inquisição, atingiram, no estrangeiro, nomes mundiais, a saber:

Amatus Luzitano (1511-1568), originário de Castelo Branco.

Zacuto Luzitano (1575-1642), naturai de Lisboa.

Philippe de Montalto, médico da rainha de França Maria de Médicis. Alguns autores o presumem ser irmão de Amatus.

Manuel Bocarro Francês, (1588-1662), também conhecido pelo nome de Jacob Rozales, que adoptou depois que voltou oficialmente ao seio do judaismo.

António Nunes de Ribeiro Sanches (1699-1783), natural de Penamacôr, que, fóra da medicina, escreveu muitas e valiosas obras em diversos outros ramos do saber humano.

Fora da arte de Hipócrates, os cristãos-novos portugueses também contribuiram altamente para o desenvolvimento de outros ramos da sciência, bastando-nos citar os gloriosos nomes de Baruch de Spinoza, Uriel da Costa, Leone Ebreo (filho do eminente sábio e ministro de D. João II, Isaac Abrabanel), do genial matemático Pedro Nunes, inventor do aparelho geométrico de precisão conhecido pelo nome de «nonius», doutro famoso matemático português André de Avellar, e dos eminentes jurisconsultos Tomé Vaz e Francisco Vaz de Gouvêa, estes três últimos, presos e torturados pela Inquisição (entre 1618 e 1631), bem como do eminentíssimo lente de Cânones da Universidade de Coimbra, António Homem, de quem já falámos, que foi queimado pela Inquisição em 1624.

([1]) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chancelaria de D. João III, L.º 58, fl. 55 v.

([2]) Idem, Cod. 1606, fol. 66 e seg., lista publicada na Historia dos Christãos-Novos Portugueses, já citada, apêndice 11, cap. 2.º pag. 466 e seg.

Não podemos terminar esta prolongada enumeração de sábios cristãos-novos, que confessamos já excessiva e fatigante, do que pedimos desculpa, sem mencionar o insigne dramaturgo português António José da Silva, que o imortal Camilo glorificou na sua obra prima «O Judeu», e que morreu queimado pela Inquisição, na idade de 34 anos, no auto-de-fé de Lisboa de 1 de Outubro de 1739.

Na falta de argumentos mais ponderosos, pretendem alguns detractores e difamadores dos cristãos-novos (ainda os há em Portugal que os louros da Inquisição não deixam dormir...), que os judeus não servem para a nobre arte da guerra, nem para a pacífica labuta agrícola...

Pelo que diz respeito a esta última alegação, não admira que os judeus e cristãos-novos, tendo vivido até ao século XIX, em constante instabilidade e contínuas perseguições e confiscações de bens, não tenham podido dedicar-se á agricultura, que exige condições de estabilidadde, de segurança e de paz.

A pretendida incapacidade dos judeus para os trabalhos agrícolas fica de sobra desmentida pelo exemplo convincente do recente empreendimento do povo judaico da restauração da sua antiga pátria, Palestina, onde existem já perto de cem mil colonos judaicos dedicados exclusivamente á agricultura.

Também entre os cristãos-novos portugueses, conhecemos, na Beira Baixa, diversas famílias de lavradores o que prova que a alegação da incompatibilidade judaica para os trabalhos agrícolas não passa duma lenda caluniosa.

Examinemos agora a outra alegação da incapacidade dos judeus para a arte militar, ainda, desgraçadamente, tão indispensavel para a defesa da independência de cada nação.

E' verdade que o ideal de concórdia e de paz universal, três mil anos antes de Wilson, já foi proclamado pelo profeta Isaias, porta-voz das sublimes aspirações da moral judaica.

Contudo, a história antiga da nação hebrea contém gloriosas páginas de lutas épicas para a defesa da sua independência, como as heroicas epopeias Macabeanas do frágil povo judaico contra o colosso heleno-sírio.

Também, quere-nos parecer que na última guerra mundial os judeus verteram o seu sangue e lutaram nos campos de batalha com

um heroismo igual ao dos seus concidadãos cristãos, e que os cristãos-novos portugueses lutaram nas trincheiras da Flandres e nos campos de batalha africanos com um heroismo não inferior ao do resto do glorioso exército português.

Actualmente, conhecemos entre os cristãos-novos alguns briosos e bravos militares, dos quais citaremos apenas o nosso bom amigo capitão Artur Carlos de Barros Basto, que, desde a primeira hora, lutou com destemida bravura pela nobre causa dos aliados.

De volta, no fim da guerra, dos campos de batalha de França, coberto de honras e de glória, ingressou oficialmente no seio do judaismo, sendo actualmente o fundador e presidente da nova comunidade judaica do Porto.

Voltando ao nosso assunto, diremos que os cristãos-novos são facilmente reconhecíveis pelo seu puro tipo judaico, muito característico que, principalmente nas mulheres, apresenta o tipo semítico de proverbial beleza. Se a denominação de *judeu* é considerada, por alguns, como injuriosa, a de *tipo de judia* é, pelo contrário, o mais lisongeiro cumprimento que se pode dirigir a uma senhora na Beira.

Pelo que diz respeito á quantidade de famílias cristãs-novas ainda existentes em Portugal, seria arrojado apresentar qualquer número aproximado, visto que nenhuma estatística ainda foi tentada.

O que podemos dizer, é que existem em núcleos mais ou menos numerosos espalhados por todo o país, principalmente nas províncias do norte.

As *más linguas* pretendem que na Covilhã, que conta uns vinte mil habitantes, a população de cristãos-novos é, segundo a pitoresca expressão popular, «uma casa sim, uma casa não». O mesmo sucede em Belmonte, vila vizinha da Covilhã, que conta uns seis mil habitantes.

Em núcleos mais reduzidos, existem em toda a Beira bem como em Traz-os-Montes, havendo algumas povoações raianas do distrito de Bragança, que se consideram constituídas exclusivamente por cristãos-novos, tais como: Argoselo, Carção, Vimioso, Vinhais, etc.

No Porto e em Lisboa também residem numerosos cristãos-novos, oriundos, em grande parte, das províncias do norte.

Depois de termos passado rapidamente em revista as condições

da vida dos cristãos-novos em Portugal, vamos agora estudar alguns aspectos particulares dos seus ritos judaicos.

Começaremos pelas

ORAÇÕES

E' intuïtivo que, nos primeiros tempos, após a conversão geral forçada de 1497, os cristãos-novos, que no seu íntimo se conservavam fieis á sua antiga fé, continuaram a rezar as antigas orações hebraicas, que tinham aprendido na sua infância, e que muitos iam transmitindo a seus filhos, apesar do decreto de D. Manuel, de 30 de Maio de 1497, proibindo aos cristãos-novos o uso de livros hebraicos.

Com efeito, entre as denúncias da Inquisição de Lisboa, do século XVI, encontram-se muitas relativas a orações hebraicas e á posse de livros hebraicos pelos cristãos-novos (1).

Mas o Santo-Ofício vigiava e, a pouco e pouco, os livros hebraicos assim como os seus infelizes possuidores, desapareciam nas fogueiras dos autos-de-fé...

Começaram então a ser traduzidas as orações hebraicas em língua portuguesa, e essas traduções, feitas, sempre a ocultas, em épocas e lugares diferentes, por autores locais diferentes, apresentam, por esta razão, divergências de forma, segundo as localidades, conservando, no entanto, a mesma essência que denuncia a sua origem hebraica comum.

As perseguições, cada vez mais crueis, da Inquisição, deram lugar a uma nova serie de orações, umas em prosa, outras em verso, que, embora já não tenham a sua origem na antiga liturgia hebraica, são, quanto á forma e ao estilo, muito semelhantes ás poesias litúrgicas hebraicas chamadas «piutim», que, na sua maior parte, foram igualmente compostas por autores peninsulares.

Como já dissémos, conseguimos obter um grande número destas orações, quer colhendo-as de viva voz, quer pelos manuscritos que nos ofereceram algumas famílias de cristãos-novos. Vão publicadas no apêndice II.

Também descobrimos grande número de orações judaicas dos

---

(1) Dr. Antonio Baião, obra já citada, pag. 104, 105, 106, 107, 108, 111, 120, 125, etc..

cristãos-novos no processo n.º 4427 da Inquisição de Lisboa, arquivado na Torre do Tombo, referente á infeliz moça cristã-nova Brites Henriques, presa em 1674, que publicamos no apêndice III, junto com alguns outros documentos curiosos do mesmo processo (1).

A origem hebraica duma grande parte destas orações é evidentíssima, tanto pelo seu texto e estilo, como pelas palavras hebraicas que freqüentemente nelas se notam. Uma delas, que publicamos com o n.º 40 no apêndice II, contém uma frase completa da liturgia hebraica: *Adonai Sebaot, male col haares quebodo*, que significa: — Deus Omnipotente, cuja honra enche toda a terra —, frase esta que, no manuscrito que possuimos, aparece numa ortografia adulterada assim: *Adunai Sabaat Malcolares; Cobrado...*, mas cuja reconstituição hebraica não deixa dúvida alguma.

As palavras hebraicas mais freqüentes nas orações dos cristãos-novos são: *Adonai*,—meu Deus—, *Sebaot*,— Omnipotente—, *Shehíná*, —protecção dívina —, e a palavra «Samua» que muito provavelmente é uma adulteração da palavra hebraica *Shemá*, que significa — oiça—.

Os cristãos-novos recitam automaticamente estas palavras hebraicas, desconhecendo não só a significação, como também a origem delas, supondo mesmo alguns que são palavras latinas...

A' semelhança da liturgía hebraica, têm os cristãos-novos orações quotidianas, orações especiais de dias festivos e orações adequadas ás outras diferentes cerimónias religiosas.

Como os israelitas, usam também os cristãos-novos dizer a primeira parte das suas orações sentados, a segunda parte de pé e voltados para o oriente e a terceira, a que chamam «acções de graças», sentados novamente, terminando assim o ciclo das preces.

Os cânticos litúrgicos, tão freqüentes nas orações judaicas, desapareceram, quási completamente, da liturgia dos cristãos-novos, o que se explica facilmente pelo receio de serem pressentidos pelos espiões da Inquisição.

Apenas existe actualmente entre os cristãos-novos da Beira-Baixa uma oração cantada que se diz na Páscua e que publicamos, com a respectiva música, sob o n.º 52 e 52 bis, no apêndice II.

---

(1) O Sr. Lúcio d'Azevedo, obra já citada, apêndice 23, pag. 484 e seguintes, já fez também referência e publicou alguns trechos das *Orações de Brites Henriques no Santo Officio em Lisboa.*

A oração publicada sob o n.º 54 no apêndice II começa pela frase: — «Em honra e louvor dos setenta e três nomes do Senhor seja».

Chocou nos esta expressão «setenta e três nomes do Senhor» que, logo desde o começo das nossas investigações, notamos ser muito freqüentemente empregada pelos cristãos-novos, e, tanto mais que não existe nenhuma outra correspondente nas orações ou locuções israelitas. Sugeriu-nos, por isso, a idéa que tivesse origem cabalística, e, de facto, verificamos que o eminente sábio toledano do princípio do século XII, Rabi Abraham-ben-Meir-Ibn-Ezra, também conhecido pelo nome de Avenare, analisando, no seu livro cabalístico *Sefer Hashem* (Livro do Nome de Deus), a significação mística do tetragrama divino (*Iehovah*), com que os hebreus designam Deus [1], e compondo e somando os números correspondentes a cada uma das letras componentes, conforme os métodos cabalísticos, determinou o algarismo 72, ao que atribui uma especial significação cabalística, dizendo que representa o número de letras de que é composto o Nome de Deus.

Reproduzimos a título de curiosidade o cálculo cabalístico do eminente sábio judeu, começando por notar que o tetragrama divino escreve-se em hebraico com as quatro letras:

iude, hé, vav e hé,

costumando por isso designar se, tropologicamente, por «tetragramaton», e é, gramaticalmente, uma forma indefinida do verbo «ser», —em hebraico *haio*—, forma que resume o pretérito, o presente e o futuro, exprimindo deste modo o símbolo da eternidade, ou seja a idea do Ser Supremo que sempre foi, que é, e que sempre será.

A cada uma das quatro citadas letras do tetragrama divino correspondem respectivamente os números: 10, 5, 6 e 5.

Somando sucessivamente a 1.ª letra, a 1.ª e 2.ª, a 1.ª, 2.ª e 3.ª, e a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª, e adicionando as quatro parcelas resultantes obtem-se 72, como se pode varificar:

$$10 + (10 + 5) + (10 + 5 + 6) + (10 + 5 + 6 + 5) = 10 + 15 + 21 + 26 = 72$$

---

(1) Devemos notar que os hebreus consideram o tetragrama divino não como nome de Deus, mas apenas como símbolo, pelo que não pronunciam esta palavra e substituem a sua leitura pela de *Adonai*, que significa apenas: «meu Senhor».

A locução actualmente usada pelos cristãos-novos: «setenta e três nomes do Senhor», embora adulterada, deriva pois, a nosso vêr, da especulação cabalística de Avenarè das «setenta e duas letras de que é composto o nome de Deus», e demonstra a grande antiguidade a que remontam as tradições íbero-judaicas dos cristãos-novos portugueses.

A propósito de locuções empregadas pelos cristãos-novos, citaremos ainda a que usam para designarem entre sí os seus correligionários, dizendo que «pertencem á letra I». Esta locução é também vulgar entre os judeus e refere-se á inicial da palavra «Israel».

Entre as orações dos cristãos-novos, encontram-se também algumas que denotam vestígios duma certa influência do ambiente católico, como se pode vêr pelas orações que publicamos sob os números 34 e 71 no apêndice II.

A primeira é dedicada a São Rafael, o que é contrário aos princípios da religião judaica que não conhece santos.

Esta oração parece uma evocação cabalística ao Anjo Rafael, e o epíteto de *São*, ou *Santo*, que também se encontra noutras orações, é já uma concepção puramente cristã.

A segunda é uma curiosa variante poética do «Padre Nosso», oração cristã de que não existe semelhante na liturgia judaica actual.

Porém, o «Padre Nosso», como se deduz dos Evangelhos, foi uma oração judaica do tempo de Jesus Cristo, tendo ela ainda conservado bem o seu antigo e genuino sabor judaico.

Ocupar-nos-hemos a seguir das

FESTAS E JEJUNS JUDAICOS DOS CRISTÃOS-NOVOS

Como já dissemos, as festas e jejuns judaicos que os cristãos-novos guardam actualmente são: os Sábados, os jejuns chamados da «Rainha Ester» e do «Dia do Senhor», também conhecido por «Dia-Grande» ou «Dia-Puro», — em hebraico *Kipur* —, e a festa da Páscua, a que chamam «Santa-Festa».

Porém, nos fins do século XVII, os cristãos-novos guardavam ainda mais outras festas e ritos judaicos, como, por exemplo, a festa chamada das «Cabanas», o jejum em memória da destruição do Templo de Jerusalém, os ritos mortuários judaicos, etc., como se

depreende do interrogatório a que foi submetida na Inquisição, em 26 de Abril de 1674, Brites Henríques, de que já falamos, interrogatório, que publicamos no nosso apêndice III.

Actualmente, parte das festas e ritos judaicos estão já esquecidos pelos cristãos-novos, e, mesmo o descanço sabático, já não é guardado por êles com todo o rigor da lei judaica, como o foi ainda no século XVI, a julgar pelas respectivas denúncias á Inquisição (1).

Porém, nos sábados, que precedem de 30 a 40 dias a festa da Páscua e o jejum de «Kipur», não trabalham nem negoceiam, e reunem-se a rezar.

Para dar uma idea da fé com que os cristãos-novos cumprem o descanço sabático nas épocas acima indicadas, citaremos um facto curioso e muito característico que presenciámos casualmente em Belmonte, em 1918:

A' mesa do hotel de Belmonte tratava um comerciante cristão-novo da venda dos artigos da sua especialidade. Era uma sexta-feira, e até ao anoitecer desse dia não conseguiu chegar a um acôrdo com o comprador, que regateava o preço. Tendo este último resolvido, por fim, aceitar o preço pedido, veiu nessa mesma noite para efectuar a transacção, e grande foi a sua admiração quando o cristão-novo se recusou, desta vez, a efectuá-la, e maior ainda quando, voltando no dia seguinte (sábado), e tendo oferecido até mais do que o preço que lhe foi pedido, a recusa se manteve.

Imaginou que o comerciante não teria a fazenda que propuzera, ou pretendia especular e explorar o interesse que êle, comprador, manifestára.

Dissera-lhe, no emtanto, o cristão-novo que só ao anoitecer desse dia podia ultimar o negócio e então o seu espanto chegou ao auge quando, ao pretender pagar pelo último preço que oferecera, só lhe foi aceite o preço que lhe tinha sido pedido na véspera, que era inferior, e isto sem mais explicações...

Tivemos então o ensejo de explicar ao comprador, estupefacto por este procedimento, as razões que haviam levado o nosso homem a segui-lo, pois que, respeitando as suas tradições religiosas, não transaccionava nem aproveitava os lucros que lhe auferira o descanso sabático.

---

(1) Dr. Antonio Baião, obra já citada, pag. 106, etc.

Pelo que diz respeito ás outras cerimónias de sábado, são elas, em geral, iguais ás dos judeus. A festa de sábado começa na sexta-feira, ao pôr do sol e acaba no sábado á noite.

Na tarde de sexta feira, antes do sol posto, celebram as donas de casa a entrada da festa sabática, acendendo uma candeia especial, a que chamam «candeia do Senhor», com azeite puro e uma torcida de linho virgem, especialmente preparada para este fim, recitando nessa ocasião a reza n.º 37 do apêndice II.

Estas torcidas, constituidas por sete fios, são preparadas por pessoas idóneas, que, durante todo o trabalho desde a preparação do linho e sua fiação, até á confecção das torcidas, rezam constantemente.

Obtêm-se desta maneira as chamadas «torcidas rezadas» que se utilizam nas candeias sabáticas, bem como nas que se acendem na ocasião dos jejuns.

Estas candeias não são apagadas e deixam-se arder até ao fim.

Entre os cristãos-novos transmontanos existe, como já dissémos, o curioso costume de colocar a candeia sabática dentro dum pote de barro. Este costume é, sem dúvida, devido a um antigo estratagema para evitar que a candeia fosse vista pela vizinhança, ardil que, depois, ficou na tradição.

As refeições de sábado são preparadas de véspera, por causa do rigoroso descanço sabático, e são constituidas, geralmente, por peixe e legumes, com exclusão completa de carne.

A abstenção de carne aos sábados, bem como durante as outras festas judaicas, no que diferem completamente dos judeus, explica-se pelo facto de que, os cristãos-novos, na impossibilidade de se proverem, após o estabelecimento da Inquisição, de carne degolada conforme o rito judaico, preferiam a sua abstenção completa, pelo menos nas ocasiões das festas judaicas.

Como sucedeu com os outros, também este costume entrou, com o decorrer dos séculos, na tradição religíosa dos cristãos-novos, a ponto de ficarem muito admirados de saberem que os judeus comem carne nos sábados e dias festivos, o que para êles constitue um grande pecado...

Conforme o rito judaico, reunem-se nos sábados três vezes para rezarem.

De todas as outras festas judaicas, conservam os cristãos-novos, como foi dito, apenas as duas mais importantes: o jejum do «Kipur» e a festa da Páscua, que êles celebram com muito fervor religioso e em cuja celebração exprimem toda a sua alma judaica.

A festa do «Kipur», o «Dia-Grande» ou «Dia-Puro» dos cristãos-novos, consiste num jejum rigoroso de vinte e quatro horas, em conformidade com o rito judaico.

A denominação de «Dia-Puro» deve provavelmente provir da palavra hebraica *Kipur*, que significa — perdão —, por ser este dia consagrado ao arrependimento e ao perdão.

O jejum começa de véspera, ao sol posto, conforme o costume judaico, acabando no dia seguinte, á aparição das primeiras estrelas, e é celebrado pelos cristãos-novos com um rigor e devoção não inferior aos dos judeus.

Porém, em lugar de celebrarem este jejum no dia competente, ou seja no décimo dia da lua «Tishri», que coincide geralmente com o mês de Setembro, fazem-no no dia décimo primeiro.

Este atrazo dum dia provém, como já vimos a respeito das outras diferenças com o rito judaico, da antiga preocupação dos cristãos-novos em despistarem a temida vigilância inquisitorial.

Este costume passou depois á tradição, que os cristãos-novos continuam a seguir á risca, embora saibam que os judeus celebram este jejum um dia antes.

E' verdadeiramente imponente a festa de «Kipur» entre os cristãos-novos.

Iluminam de véspera as suas casas com varias luzes á memória dos defuntos de cada família, além da candeia sabática, habitual das sextas-feiras, que também se acende.

Vestindo os seus melhores trajes, reunem-se, neste dia, em grupos para rezarem desde o nascer do sol até a aparição das primeiras estrelas, sendo o jejum absolutamente rigoroso, como já dissemos, sem se poder comer nem beber e nem sequer fumar durante as vinte e quatro horas, em que se efectua.

Tal como nas sinagogas, as orações dos cristãos-novos, durante o dia de «Kipur», são rezadas em cinco sessões com um intervalo de descanço duma hora aproximadamente entre as sessões.

Da força que entre os cristão-novos, têm as suas tradições, pode dar uma ídea o facto de continuarem ainda actualmente a rezar no

dia de «Kipur» pela «salvação dos irmãos metidos na casa da Inquisição»... (1).

Neste dia é costume perdoarem-se mutuamente as ofensas e culpas e fazerem as pazes.

No fim do dia, á aparição das primeiras três estrelas, quebram o jejum com uma cerimónia curiosa, que consiste em mastigar sucessivamente três bocados de pão sem os engolir, deitando-os em seguida no fogo e recitando as orações n.os 49 e 50, etc., do apêndice II.

Com esta cerimónia acaba o jejum, comendo-se depois a refeição preparada de véspera, que não deve conter carne alguma, pela razão já explicada.

Nos velhos tempos da Inquisição, celebravam os cristãos-novos as suas festas judaicas a ocultas, para não darem lugar ás suspeitas da vizinhança, suspeitas que podiam ser-lhes fatais.

Actualmente, porém, embora continuem a exercer as suas práticas religiosas judaicas em segrêdo, já os vizinhos conhecem perfeitamente o dia em que os seus concidadãos «judeus» fazem o jejum, e, em certas localidades, espreitam-nos nesse dia e fazem troça dêles.

Contam os cristãos-novos que, na Covilhã, nos bairros populares, o populacho costumava ir no dia de «Kipur» gritar, nas casas dos «judeus», para fazer troça do jejum: — «O' minha mãe, já nasceu a lua dá cá batata crua...»

A semana seguinte ao jejum de «Kipur» é considerada pelos cristãos-novos como semana festiva, o que deve ser uma vaga reminiscência da festa judaica das «Cabanas» que começa no quinto dia após o jejum de «Kipur».

A segunda festa judaica importante dos cristãos-novos é a da Páscua, que, como se sabe, comemora a saída dos judeus do Egito e a constituição da nacionalidade judaica.

Durante os oito dias desta festa, que começa na noite do décimo quarto dia da lua nova de «Nissan», — que corresponde ao mês de Abril —, os cristãos-novos não comem senão pão ázimo, conforme manda a lei judaica.

---

(1) E' curioso notar que na sinagoga portuguesa de Londres faz-se ainda hoje o mesmo voto, no dia de «Kipur», sendo esta a única oração que se diz em português.

Os judeus costumam preparar o pão ázimo com uma certa antecedência e celebrar nas duas primeiras noites de Páscua as refeições rituais, chamadas «sederim», que são ao mesmo tempo verdadeiras festas de família.

Porém, os cristãos-novos, que nos tempos antigos eram estreitamente vigiados pelos agentes da Inquisição nas épocas das festas judaicas, não podiam, por esta razão, festejar devidamente a Páscua judaica, e eis a razão porque preparam ainda actualmente, o pão ázimo só na terceira noite de Páscua, ficando assim sem poder comer pão algum nos dois primeiros dias da referida solenidade.

Um mês antes da Páscua, celebram os cristãos-novos o jejum chamado da «Rainha Ester», que é a única reminiscência que lhes ficou da festa judaica de «Purim», em memória da salvação dos judeus pela Rainha Ester, festa que os judeus celebram justamente um mês antes da Páscua e que começa com um jejum.

A partir deste jejum, os cristãos-novos preparam-se para a festa pascal, deixando de comer carne de porco.

Este preceito é tão rigoroso que, se alguem, por esquecimento ou por necessidade, tiver comido carne de porco neste intervalo, já fica excluido da festa pascal, e não tem o direito de «entrar na Páscua»,— conforme a expressão dos cristãos-novos —, com o resto da comunidade.

Este procedimento prova o rigor com que os cristãos-novos celebram a Páscua judaica, rigor, talvez, maior do que aquele que existe propriamente entre judeus.

Durante a Páscua, como as outras festas judaicas, facto que já frisámos anteriormente, abstêm-se os cristãos-novos completamente de carne, apesar do ritual carneiro pascal dos judeus, e fazem uso duma loiça nova ou loiça especial, que guardam de ano para ano, e e que só é usada durante a Páscua.

Nos dois primeiros dias de Páscua, á falta de pão ázimo, abstêm-se, como já dissemos, completamente de pão, preparando o pão ázimo só na terceira noite de Páscua com um cerimonial muito curioso e imponente.

Reunem-se, para este fim, por grupos, em casas particulares, sendo as salas onde se devem reunir préviamente limpas e caiadas para este efeito.

Os convidados entram todos vestidos de branco, sem poderem

trazer nada que seja de outra côr, mesmo nas roupas interiores, as mulheres em alvos trajes de festa e os homens envoltos em lençois brancos.

Dum lado da sala ficam dispostos alguns fogareiros acesos, que hão de servir para a preparação do pão ázimo, e sobre os lençois brancos que cobrem o chão estão dispostas as bacias brancas com farinha e agua para a preparação e a amassadura do «pão santo».

Os assistentes, ajoelhados, rezam constantemente emquanto preparam as amassaduras.

Mas antes de começar a cozer os bôlos de pão ázimo nas telhas dispostas sobre os fogareiros, cada um deita nas brazas um bocado da sua amassadura em memória dum antigo uso judaico de que já falamos.

Estes bocados de massa estoiram, geralmente, no fogo, mas caso não cheguem a estoirar a qualquer dos presentes, repete-se a operação até obter o estoiro almejado, que é considerado pelos cristãos-novos como de bom preságio.

Depois do pão ter assim estoirado a todos, os visitantes levantam-se, abraçam-se e felicitam-se mutuamente, continuando, em seguida, e com uma grande alegria, a cosedura do «pão santo», que cada família leva depois para as suas casas envolto em toalhas brancas.

O pão ázimo ou «pão santo», assim preparado serve para comer durante os seis dias restantes da festa pascal.

O vinho que se bebe durante esta festa também é especialmente preparado para este fim, com puro sumo de uva, sem se lhe misturar nenhum dos ingredientes habituais, e o barril de vinho pascal é posto num sitio resguardado de qualquer contacto de pão.

Durante toda a festa pascal, os cristãos-novos não trabalham e reunem-se três vezes por dia para rezarem.

Também costumam fazer, durante a Páscua, reuniões e refeições campestres, uns piqueniques pascais, acompanhados de orações e de danças.

Entre as orações pascais existe uma cantada, o único cântico que conhecemos na liturgia dos cristãos-novos, que, a julgar pela sua consonância oriental, deve ter uma origem antiquíssima.

Vem publicada, com a respectiva música, no apêndice II sob os os n.os 52 e 52-bis, constituindo uma poética paráfrase do «cântico de Moisés» de *Exodo*, cap. 15.

Este cântico é acompanhado duma dança em forma de roda, o que não impede que seja considerado pelos cristãos-novos com muita veneração, e fora da ocasião da Páscua, não é possível fazer-lhes cantar esta oração.

A oração n.º 51, do apêndice II, que se chama «oração da água» faz também parte das orações exclusivamente pascais, e recita-se á beira de qualquer ribeiro nas proximidades da povoação, onde se reüne, para este efeito, toda a comunidade cristã-nova, vindo cada um munido dum ramo de oliveira.

Ao recitarem a frase:

«Lá vem Moisés com a sua vara alçada
A bater no mar selado...» etc.

batem na água com os raminhos, em comemoração da passagem dos hebreus através do Mar Vermelho.

Estes raminhos, assim consagrados, são guardados para o ano seguinte e servem para acender os fogareiros para a cosedura do «pão santo».

Estes últimos ritos pascais dos cristãos-novos não existem nas cerimónias judaicas, mas trata-se apenas duns costumes locais, que não impedem que o caracter geral das cerimónias pascais dos cristãos-novos fosse o que é entre os judeus: o de festa comemorativa da fundação da raça hebrea, festa ainda realçada pela alegria da primavera, e pelo facto de ser também a da família judaica, deixando uma saudosa lembrança e uma impressão indelével na alma da juventude.

Os cristãos-novos, além das festas judaicas já citadas, costumam celebrar também uma festa que chamam o «Natalinho» que, a julgar pelo seu nome, bem pode ser uma imitação do Natal cristão, pela influência do meio, a não ser que seja uma reminiscência da festa judaica de «Hanucá», que vem a 25 dias da lua de «Kislev», que corresponde a fins de Dezembro, e que comemora a victória dos exércitos judaicos capitaneados pelo heroi nacional, Judas Macabeu, contra os numerosos exércitos invasores do rei da Síria, Antioquio Epifânio.

Acabaremos o nosso estudo das cerimónias e ritos judaicos dos cristãos-novos com a descrição sucinta das

CERIMÓNIAS JUDAICAS DIVERSAS

que os cristãos novos ainda praticam actualmente e que são: as cerimónias matrimoniais e as fúnebres.

Os cristãos-novos ainda conservam, efectivamente, o matrimónio religioso judaico.

Como já dissemos, casam quási exclusivamente entre si, tendo os matrimónios mixtos, entre cristãos-novos e cristãos-velhos, tomado um certo incremento só desde a implantação da República.

Assim, antes de celebrarem os casamentos, seja na igreja, — ao que eram obrigados no tempo da monarquia —, ou seja no registo-civil,— como o fazem actualmente —, celebram-nos, particularmente, em casa, conforme o rito judaico, em toda a sua simplicidade arcaica e patriarcal.

No dia do casamento judaico, que os cristãos-novos costumam celebrar sempre uns dias antes do casamento civil, os noivos jejuam em companhia de dois amigos do noivo, e de duas amigas da noiva, perfazendo assim os seis jejuns rituais.

Neste mesmo dia celebra-se a cerimónia matrimonial, propriamente dita, com rezas habituais em volta dos noivos, e, no fim das orações, uma pessoa da família liga as mãos direitas dos noivos com um pano de linho, proferindo a frase sacramental seguinte: «Em nome de Deus de Abrahão, Isaac e Jacob eu vos uno; cumpri vós a sua benção.»

Eis tudo.

As cerimónias fúnebres dos cristãos-novos têm também o caracter geral judaico de igualdade, simplicidade e beneficência.

Como é sabido, os judeus não conhecem os entêrros pomposos, as coroas, os caixões, ou os jazigos.

Pobres ou ricos, igualmente amortalhados num sudário branco, ficam sepultados na terra-mãe, distribuindo-se, em memória do defunto, esmolas aos pobres da comunidade.

Encontramos estas mesmas características nas cerimónias fúnebres dos cristãos-novos.

O defunto é lavado com água fresca da fonte, passando-se-lhe pela bôca uma moeda de prata, ou de ouro, que se oferece, em seguida, a um pobre.

Durante o entêrro a família do defunto distribui esmolas a cada esquina de rua que o cortejo fúnebre cruza até chegar ao cemitério.

A família deve oferecer a um pobre um fato completo, e dar-lhe, durante um ano, pelo menos as refeições sabáticas.

Também seguem os cristãos-novos o costume judaico de, logo depois da morte, deitar fora toda a água da casa mortuária.

E' um antigo costume judaico, explicado pela lenda do anjo da morte lavar na casa mortuária a sua espada homicida, lenda baseada sobre a possível contaminação das águas pela doença do defunto.

Na casa mortuária acende-se uma candeia, que não se apaga durante os primeiros oito dias, semana de luto pesado, durante a qual a família do defunto fica na casa mortuária, sentada sobre bancos baixos, indo aí diariamente os parentes e amigos rezar três vezes por dia.

Durante os primeiros oito dias de luto a família do defunto abstem-se de carne e ao oitavo e trigésimo dia do falecimento jejua.

Três meses depois do falecimento realisa-se o terceiro jejum, repetindo-se ainda de três em três meses até completar um ano.

Durante este ano de luto, a família distribui esmolas, em conformidade com as suas posses, sendo a beneficência e o auxílio mútuo a base dos costumes dos cristãos-novos.

A este respeito vem-nos à memória uma frase característica dum cristão-novo de Belmonte, que na sua simplicidade rústica nos disse: «A denominação de *judeu* vem do facto de nos *ajudarmos* mutuamente».

Efectivamente, a fraternal e proverbial solidariedade judaica constitui, também, uma das virtudes características dos cristãos-novos, graças á qual poderam resistir a três séculos de Inquisição...

IV

NOTA FINAL

OS ABAFADORES

Não é nosso intuito criticar nem estabelecer polémicas, mas queremos apenas, em homenagem á verdade, não deixar de refutar aqui a odiosa calúnia de homicídio ritual, que se atribui em Portugal aos cristãos-novos sob a forma da inverosímil e néscia lenda dos «abafadores» ou «afogadores».

Esta lenda é tão absurda e inaceitavel que não nos ocuparíamos dela, se, no decorrer do nosso estudo sobre os cristãos-novos, não tivessemos deparado com varias citações que a ela aludem, emprestando-lhe, de certo modo, uma aparência de verdade, visto serem feitas por autores de crédito, o que bastante nos chocou ([1]).

([1]) Na *Revista Lusitana*, vol. 2.º, 1890-1892, p. 244, num artigo do Sr. Alfredo Alves, intitulado: *Notas sobre a linguagem vulgar de Aldeia de Santa Margueriida (Beira Baixa)*, dá-se a seguinte definição da palavra *Afogador:* «Christão-novo encarregado de estrangular ou abafar com as roupas da cama os moribundos da mesma comunhão religiosa; pois segundo é corrente, passa como preceito de certa seita judaica que os proselytos não devem morrer, mas serem mortos. O *afogador* cumpre a triste e repugnante missão com a serenidade com que o sacerdote pratica os actos mais santos do seu ministério.

Nos concelhos de Penamacôr e Covilhã, onde abundam os chamados christãos novos, são apontados pelo povo os *afogadores*. Conta-se que muitas pessoas teem sido instadas pelos moribundos para que os não abandonem, emquanto não expirarem, horrorisados com a idea do estrangulamento.»

Das averiguações a que nos levou a nossa curiosidade, concluimos tratar-se duma das muitas falsas acusações que o vulgo costumava assacar aos judeus e semelhante a uma outra acusação de homicídio ritual, que serviu de pretexto para os mais bárbaros massacres de judeus durante toda a idade média, pela qual se propalava que os judeus assassinavam crianças cristãs para, com o seu sangue, confeccionarem o pão ázimo. Identicamente se nos apresenta a malévola acusação lançada aos cristãos-novos sem sombra de prova, sem ponderações de possibilidade...

A lenda em questão afigura-se-nos, do resto, ter uma origem recente, porquanto, compulsando o livro, já anteriormente citado, — *Sentinela contra Judeus* —, amontoado de todas as injúrias que se podem inventar para aviltar uma religião e uma raça, não encontra-

---

— O Sr. Guilherme de Vasconcelos Abreu publicou um extenso artigo no jornal *Correio da Noite* de 25 de Outubro de 1886, intitulado *A seita dos abafadores* de que extraimos as seguintes passagens:

«Os dois pontos principais, aqueles pelo menos em que sempre ouvi falar como *sede dos abafadores*, em Portugal são as duas partes do reino em que o elemento judeu na provincia é notavel, Bragança e Covilhã...»

«Mas a religião dessas familias não é o Judaismo e nunca o foi, nem é o Catolicismo. Renegaram sempre e renegam hoje no foro intimo toda a religião que não seja a de suas práticas vís e absurdas.

Naqueles dois centros da *seita dos abafadores*, toda a gente sabe da sua existencia, e até eu sei de quem se aponta como o abafador actual numa terra»...

O sábio articulista atribui a origem provável dos abafadores, não aos cristãos-novos, mas sim à «Seita dos *Cataros* (catharo —«puro» em grego), seita de mártires, de verdadeiros santos, pasmo dos Cristãos da idade media»...

«Esta seita veiu ao ocidente da Europa pelo oriente e deve ser tão antiga como o proprio Cristianismo».

— O sr. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Diccionarios portugueses*, vol. 1.º pag. 4 e seg., art. *abafador (afogador)*, cita apenas as definições e opiniões dos dois autores precedentes.

— O sr. João Lucio d'Azevedo, *Historia dos Cristãos-Novos Portugueses*, já citada, pag. 99, diz:

«Em Bragança e certas terras da Beira, onde abundavam os christãos-novos, persiste ainda agora a tradição dos *afogadores* ou *abafadores*, que tinham por missão estrangular no leito os judeus moribundos. Porventura para que na hora final, inconscientes, não traissem os parceiros as praticas do mosaismo. A lenda por este modo explicada, parece mais provavel que o achar-se ligada a preceito religioso, como pretendem alguns. De toda a maneira ela se não formaria sem qualquer fundo de realidade».

mos nenhuma referência á lenda dos «abafadores», datando o aludido livro do século XVIII.

O eminente académico e director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Dr. António Baião, que tem consagrado uma grande parte da sua vida literária a investigações àcerca do Santo-Ofício, informou-nos, também, nada lhe ocorrer que conste sobre a lenda dos «abafadores» na multidão de processos da Inquisição que, durante dezenas de anos, se tem dado a compulsar.

A nosso vêr, se a malevolência carece de explicações, a desta lenda pode ser a seguinte:

Os cristãos-novos, querendo aplicar, segundo as suas crenças, os últimos sacramentos aos moribundos, conforme as cerimónias a que acima nos referimos, eram forçados, em virtude do segrêdo com que costumam celebrar as suas práticas religiosas judaicas, a dispensar a presença dos vizinhos e amigos, estranhos á sua religião, que vinham acompanhar o doente.

Podiam admirar êstes que, sem mais explicações, quási os expulsassem, e, despeitados, inventar a lenda: que os parentes queriam, sem testemunho de estranhos, abreviar o passamento, abafando ou asfixiando o moribundo...

E' uso entre os cristãos-novos chamar, nestes casos, as pessoas da comunidade que melhor conhecem as orações e cerimónias judaicas *in articulo mortis*, que lhes assistem aos últimos momentos, sendo por isso essas que o vulgo aponta como *abafadores*.

O facto de tão inverosímil lenda ter encontrado aceitação e credulidade da parte do povo ignaro, e até mesmo nas classes intelectuais, nada prova a favor da sua veracidade, mas apenas demonstra que o ambiente de hostilidade contra os cristãos-novos, que tornou possível a existência da Inquisição até ao século XIX, ainda não desapareceu completamente...

*

* *

Antes de terminar, cumprimos o dever de agradecer a todos os cristãos-novos que nos facilitaram informações e orações, tanto verbal como documentalmente, dentre os quais devemos especiais favores ás Ex.mas Senhoras D. Felismina Amélia de Souza, natural de Covilhã

e residente em Caria, D. Amélia de Souza Morão, distinta professora de Caria, D. Maria Caetano Vaz, de Belmonte, D. Raquel Caetano Vaz de Souza de Belmonte, e aos nossos bons amigos: Sr. Francisco Henriques Gabinete, natural da Covilhã e residente em Lisboa, Sr. Francisco Mendes Morão, natural de Belmonte e residente em Caria, Sr. Moisés de Souza, natural de Covilhã e residente em Caria, Sr. Diogo Henriques, de Belmonte.

APÊNDICE I

DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA

Fig. 1 — Vista parcial de Belmonte com as ruinas do seu antigo castelo

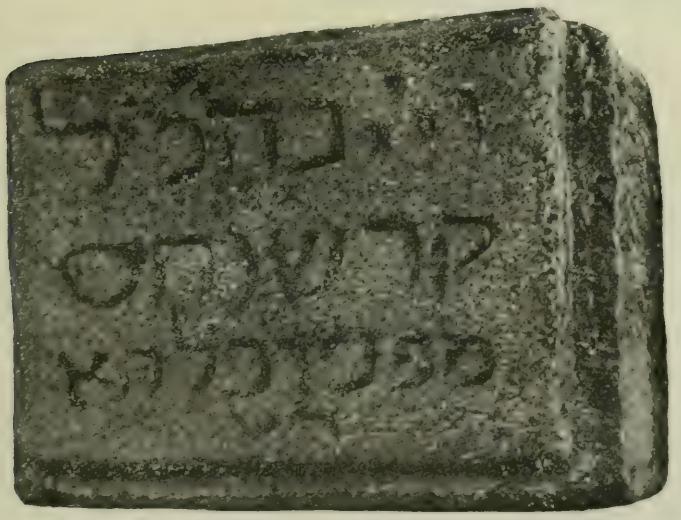


Fig. 2 — Inscrição da antiga sinagoga de Belmonte de 1297

Fig. 3 — António Pereira de Souza, originário de Penamacor e residente em Belmonte

Fig. 4 — Elisa Amélia Henriques, de Belmonte

Fig. 5 — Um grupo de comerciantes cristãos-novos na feira de Belmonte

Fig. 6 — Francisco Nunes Souza da Cruz, natural da Covilhã e residente no Fundão

Fig. 7 — Francisco Mendes Morão natural de Belmonte e residente em Caria

Fig. 8 — José Gaiolas, quási centenário, de Idanha a-Nova

Fig. 9 — Um rapaz cristão-novo de Belmonte

Fig. 10 — Cap. Artur Carlos de Barros Basto, do Porto

Fig. 11 — António Caetano Vaz e sua mulher Amélia Mendes Morão Vaz, de Belmonte

Fig. 12 — Família Henriques Abrantes, do Fundão

Fig. 13 — Felismina Amélia de Souza, natural da Covilhã

Fig 14 — Ermelinda Amélia de Souza Morão, de Belmonte

Fig. 15 — Família Francisco Henriques Gabinete, originária da Covilhã, residente em Lisboa

Fig. 16 — Alguns membros da numerosa família Diogo-Henriques, de Belmonte

Fig. 17 — José da Costa Gaiolas, do Fundão

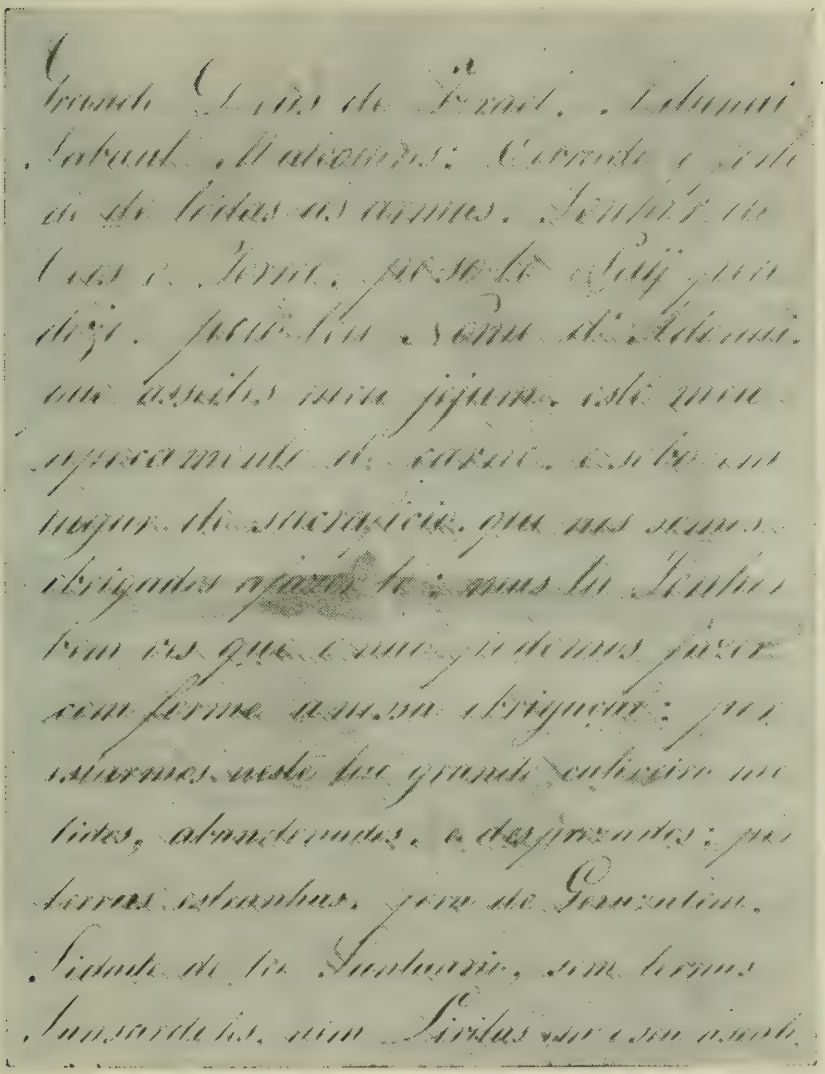
Fig. 18 — Tipos de cristãos-novos de Belmonte.
Da direita para a esquerda: Moisés Mendes Morão, Antero Caetano Vaz, Eduardo Henriques e Cândido Daniel

Fig 19 — Moisés de Souza, da Covilhã

Fig. 20 — Ema Rosa, da Covilhã

Fig. 21 — António Diogo Henriques e sua mulher Elisa Caetano Vaz Henriques, de Belmonte

Fig. 22 — José Henriques, de Lisboa



Fac-simile da primeira página do manuscrito da oração n.º 40, do apêndice II

APÊNDICE II

Orações dos Cristãos-Novos

I

ORAÇÕES QUOTIDIANAS

AO LEVANTAR:

1

O Senhor me dê bons dias na alma e no corpo; salvação para a alma, paz aos vivos e glória aos mortos.

Me livre, o Senhor, dos meus inimigos, de quem mal me quer e mal fala de mim; de Inquisições, injustiças, ferros de El-Rei, de tudo quanto mau fôr me livre o grande Deus de Israel, por onde fôr e viver.

Amen, Senhor, ao ceu vá, ao ceu chegue!

2

Senhor que fizeste o dia,
com tão grande sabedoria,
e tornaste a amanhecer,
grandes são os meus pecados,
maior é a tua bondade,
Santo Senhor, toda a vida
a minha alma te bemdiga,
o meu coração te alague
e como servo em teu serviço acabe.

Amen, Senhor, etc.

3

Com bem venha a luz do dia,
santa seja a minha alegria,
me guardará, me livrará
do perigo da noite, do perigo do dia.
De homem morto — mau encontro,
de homem vivo — meu inimigo,
de cães danados e por danar,
de aguas correntes, fogos ardentes,
da lingua de má gente.
Ao Altíssimo Senhor seja presente!

Amen, Senhor, etc.

4

Senhor que me fizeste,
a alma me assopraste,
uma santa lei me déste,
esmeralda, limpa e pura
a Moisés a entregaste,
sem dar mais outra alguma!
Como a Daniel dos leões,
salve os teus justos varões
de tormentos e Inquisições.

Amen, Senhor, etc.

5

Assim que me levantei,
as minhas mãos lavei,
com alma e com vida
ao Senhor louvarei.
Andaremos neste dia
com grande atento,
o senhor nos livrará
do fogo e do tormento.

Amen, Senhor, etc.

6

Já lá vem a bela aurora,
Já lá vem o calor do dia,
Já lá vem o Altíssimo Senhor
com a sua santa alegria.

Amen, Senhor, etc.

7

Levantai-vos meninas cedo,
Já quere amanhecer,
Louvaremos ao Altíssimo Senhor,
Que nos ha de fortalecer.
Louvai o Senhor ao som da viola
Ele é tudo som e tudo glória.
Louvai o Senhor meninas,
Louvai-o com vozes finas.
Louvai o Senhor donzelas,
Louvai-o com vozes belas.
Louvai o Senhor casadas,
Louvai-o com vozes claras.
Louvai o Senhor viuvas,
Louvai-o com vozes puras.
O Senhor de todos os amores,
Louvai meninas e flores.

Amen, Senhor, etc.

AO FAZER AS ABLUÇÕES MATINAIS:

8

Louvado seja o Senhor que nos deu agua para nos lavarmos, pano para nos limparmos, olhos para vêr, ouvidos para ouvir e entendimento para o Senhor louvar e engrandecer. Amen, Senhor, etc.

8 (bis)

(Outra versão)

Os anjos louvem o Senhor, que me criou e me chegou a esta hora com bem, e me deu agua para me lavar, toalha para me limpar, olhos para vêr, mãos para bolir, ouvidos para ouvir e o ser de mulher (1). Me dê o Altíssimo Senhor juizo e entendimento para o louvar e servir, para o nunca ofender e para cumprir os seus santos preceitos, e guardar, e temer, e observar (2) os seus santos mandamentos. Amen, Senhor, etc.

ORAÇÕES DA MANHÃ, TARDE OU NOITE:

9

(Variante da oração n.º 1)

O Senhor nos dê bons dias (boas tardes, ou boas noites) na alma e no corpo, salvação para a alma, paz com todo o mundo e glória aos mortos. O Senhor nos guarde e nos livre de quem nos bem fale e mal nos quere (3) e de tudo quanto mau fôr. Amen, Senhor, etc.

10

Levantei-me de manhã,
De manhã ao alvor,
A cantar e a rezar
Os santos psalmos do Senhor.
Cantemos e não cancemos
Demos graças e louvor
Aos santos nomes do Senhor.
Amen, Senhor, etc.

11

Desde o nascente até o poente,
seja o grande Deus de Israel louvado para sempre.
Desde o nascer do sol até se pôr,
todos louvaremos o Altíssimo Senhor.
Louvaremos o Senhor ao som da viola
Que o Senhor é rei de toda a glória.
As nascentes que correm sem fim
Dão muitos louvores ao Senhor por mim.
Amen, Senhor, etc.

---

(1) — Também na liturgia judaica existe uma oração de manhã especial para mulheres.

(2) — Esta repetição e juxtaposição de verbos é muito usada na lingua hebraica, pelo que se pode deduzir a origem hebraica da maior parte destas orações.

(3) — Parece ser uma alusão aos espiões da Inquisição.

12

Senhor que dá alegria,
que fez ceu, terra, noite e dia,
receba o meu coração
na sua santa divina mão.
Ao senhor que criou os elementos,
digamos todos, digamos:
«Louvado sejais para sempre!»

Amen, Senhor, etc.

13

Abençoa-me Adonai,
anda sempre comigo
tua graça e teu abrigo,
tua bondade e teu amor,
faça-me, Senhor, o grande favor,
que nunca ninguem me engane,
só os anjos do altíssimo Senhor
que me acompanhem.

Amen, Senhor, etc.

14

Alto Senhor, Rei divino,
alumiai a minha alma de contínuo.
Dai-me, Senhor, fé direita,
e humildade perfeita,
contra as vaidades do mundo.
Não me deis, Senhor, riqueza,
com que me ensoberbe,
nem pobreza,
que me abata
dai-me, Senhor, remédio
com que vos sirva,
vida com que vos louve
e morte com que me salve.

Amen, Senhor, etc.

15

Senhor quando for tempo,
que a minha vida acabe
de deixar o mundo presente,
tenho um desejo mui grande,
que aflige o meu espírito,
quero viver e morrer
no vosso santo serviço
e nele acabar a noite e o dia.

Amen, Senhor, etc.

16

Senhor que estais n'esse empíreo
eu cá n'este profundo
chamo o Senhor para a minha alma,
que eu depressa deixo o mundo;
se eu gozar a vossa glória,
venturosa a alma minha.

Amen, Senhor, etc.

NO FIM DE CADA REFEIÇÃO REZA-SE A SEGUINTE ORAÇÃO:

17

(Conforme um manuscrito de Covilhã)

Bemditas graças a meu Deus sejam dadas pelos bens e esmolas que nos faz, tem feito e tem para fazer.

O Senhor, que nos deu para agora, nos abasteça. O Senhor, pelo seu santo e divino bem, nos livre da miseria e de tudo quanto mau fôr e mau pretender. Amen, Senhor, etc.

17 (bis)

(Outra versão, conforme se diz em Belmonte)

Santíssimas graças e louvores sejam dados ao Altíssimo Senhor pelos bens e esmolas que nos está a fazer, nos tem feito e nos tem para fazer.

O Senhor que nos deu para agora,
nos dê para toda a hora.
O Senhor que nos deu pão,
nos dê a salvação.
Todos á sua santa glória,
todos ao seu santo louvor;
cantem os anjos no ceu,
os serafins ao Senhor.

Amen, Senhor, etc.

AO DEITAR:

18

(Oração recolhida verbalmente em Idanha-a-Nova)

Na minha cama me deitei,
as minhas portas fechei
com as chaves de Abrahão;
os bons entrarão,
os maus sahirão,
os anjos do Senhor
comigo estão.

Amen, Senhor, etc.

19

(Outra versão, conforme se diz em Belmonte)

Na minha cama me deitei,
cinco anjos nela achei,
dois aos pés, três à cabeceira,
o Altíssimo Senhor ande na minha dianteira.
Amen, Senhor, etc.

20

(Conforme se reza na Covilhã)

Em minha cama estou deitado,
para dormir e descansar,
um anjo me veiu dizer :
— Olha que has de morrer !
— Ainda não hei de morrer,
que ainda não estou preparado,
para dar contas ao Senhor.
Amen, Senhor, etc.

21

O' anjo da minha guarda,
anjo bem aventurado,
anjo, te peço e rogo
que me livres do pecado,
deste tão grande martírio,
do rigor do dia e das trevas da noite ;
quem me fez e me criou
a ti, anjo, me encomendou.
O' anjo da minha guarda,
minha doce companhia,
anjo, não me desampares,
nem de noite, nem de dia.
Amen, Senhor etc.

ORAÇÕES VÁRIAS

22

Quando se começa a rezar, diz-se :

O Senhor me abençoe com as suas santas, poderosas e divinas bençãos, que deitou aos seus servos.

Seja de Adonai, Moisès, Abrahão, Isaac e Jacob.

Misericórdia, Senhor, com a minha alma ! *(três vezes).*

Licença vos quero pedir, ó meu divino Senhor, pelos Vossos Santos Nomes, que nós assim o tomamos para muita honra e gloria proveito e salvação.

Amen, Senhor etc.

23

Senhor, sentado estou,
espero de vós que me ajudeis,
e meus pecados perdoeis.
Dai-me, Senhor, vitória,
aos mortos santa glória,
aos presos livramento,
aos maus arrependimento;
suplico-vos, meu Deus,
pelo vosso santo divino amor,
que vos lembreis da minha alma,
quando deste mundo fôr.
Amen, Senhor, etc.

24

Livrai-me, Senhor, dos meus inimigos,
Guiai os meus sentidos.
Senhor para três caminhos:
Senhor, para te louvar,
Senhor, para te engrandecer,
Senhor, para te servir.
Faça que a minha alma,
Senhor, se não perca,
leva-a a bom lugar,
ponha-a em posto santo,
verdadeiro e eterno.
O Senhor me encobre
com o seu santo divino manto;
se eu bem encoberto fôr,
não terei medo nem temor.
Louvado e engrandecido seja o Senhor,
todos ao seu santo louvor,
cantai os anjos no ceu,
os serafins ao Senhor.
Graças sejam dadas,
ao Altíssimo Senhor.
Amen, Senhor, etc.

25

Poderoso alto Senhor,
criador do universo,
a vós, Senhor,
que eu me confesso,
sou um grande pecador
e por tal me conheço;
de pecar e errar,
peço ao Senhor perdão geral

das minhas culpas e erros.
Não me deis Senhor, os castigos
que eu bem mereço,
livrai-me, Senhor, eu vos peço
de mal do próximo.
Por anjos governada
seja a minha alma,
guiada e amparada,
a gozar a vista do Senhor,
quando deste mundo fôr.
Amen, Senhor, etc.

26

Santo Deus de Sebaot, (1)
santo é o vosso nome, Amen!
Está o ceu e a terra
cheia com a vossa graça.
Vós que falastes a Moisés
com a vossa santa e divina glória,
permiti, Altíssimo Senhor,
que tudo quanto eu vos pedir em bem,
a vossa divina vontade faça.
Amen, Senhor, etc.

27 (2)

Fortunoso é o homem que teme o Senhor,
que anda por bons caminhos
e se governa com o suor das suas mãos.
Será muito feliz, sua mulher será fecunda,
e seus meninos parecerão
raminhos novos de oliveira
em redor da sua mesa.
Benze-me, Senhor de Sião,
para que vejamos os bens em Jerusalem
e o pão do Senhor em nossa casa.
Amen, Senhor, etc.

28

(Depois das orações, para pedir a benção)

O Senhor, que abençoou a lã e o linho,
a Abrahão e a seu filho,
nos deite a sua santa e divina benção.
Amen, Senhor, etc.

---

(1) *Sebaot* é uma palavra hebraica que significa — *omnipotente*. No texto manuscrito está erradamente: *Sabaat*.

(2) Paráfrase do Psalmo 128.

29

Ó Pai da minha alma,
Senhor Deus de Abrahão,
perdoai-me os meus pecados,
só vós sabeis quantos são.
Humilde e arrependido,
ao Senhor peço perdão;
que me dê neste mundo o remédio
e no outro a salvação.

Amen, Senhor, etc.

30

Grande Deus do Israel,
grande forte de Abrahão,
já que ouviste a Daniel,
ouve a minha oração:

31

ORAÇÃO DE DANIEL (1)

Estando Habacuc (2) profeta no campo,
Ele mais os seus pastores,
Dando graças ao Senhor,
Que lhe fazia tantos favores;
Dava-lhe com abundância
Trigos, vinhos e gados,
Para viver com fartura
Ele mais os seus criados.
Tambem, estava lamentando
As penas que o povo tem,
Uns presos em Babylónia,
Outros em Jerusalem.
Levantou os olhos ao céu
Para pedir ao Senhor:
«Queirai-vos lembrar de nós
Pelo vosso divino amor.»—
Lá nessas alturas,
Viu um grande resplendor,
Era um anjo do ceu,
Serafim do Senhor.
O anjo disse: «Manda-te o Senhor
Que leves o jantar a Daniel,

(1) Esta interessante oração, que possuimos em diversos exemplares manuscritos, antigos e modernos, é uma poética variante da narração bíblica de Daniel, cap. 6, afastando-se no emtanto, bastante, dos factos descritos no texto bíblico de *Daniel na cova dos leões*.

(2) Nos manuscritos que possuimos desta oração o nome de profeta *Habacuc* está erradamente escrito: *Abacum*.

Que ha seis dias que o lançaram
No lago dos leões,
Homens, peores que feras,
Condenados corações.» —
«Como hei de ir contigo, Senhor,
Se eu não posso andar depressa?» —
«Eu te levarei pendente
Por um cabelo da cabeça,
Que não has de cair no chão;
Quem levas na tua guarda,
E' o grande Deus de Abrahão.» —
Chegaram a Babylónia,
Lá no lago o achou;
Emquanto comeu e falou,
O anjo se retirou.
Daniel admirado disse:
«Quem vos trouxe aqui, meu pae?»
«Manda-te o Senhor socorrer
O teu miseravel estado.» —
Habacuc, banhado em lágrimas, disse:
«Dá-me os braços, filho amado,
Como estás?» — «Muito bem, meu pae,
Melhor do que mereço,
Ó, grande Deus de Adonai!
Que ha seis dias que aqui estou
De leões acompanhado,
Do grande Deus poderoso
Favorecido e amparado.
Louvado seja o Senhor,
Que a vida me tem guardado,
Seja para o amar e servir
E para lhe fazer obras
Do seu santo divino agrado.» —
Pôz a mesa Daniel
E pelos leões chamou,
Para repartir com eles
O que o Senhor lhe mandou.
«Come filho abençoado,
Que isso não está bom
Foi feito por pastores...»
«Bom é e bom será,
Louvado seja o Senhor
Que tanto nos dá!» —
Acabaram de jantar,
Deram graças ao Senhor.

Nisto, ouviu Daniel
Uma musica cantada,
O que a musica dizia
Daniel escutava.
Dizia d'esta maneira :
«Olhae, filhos d'Israel,
Que liberdade feliz
O Senhor anunciou !»
Poz-se a contar as semanas,
Não as poude contar ;
Poz-se a somar os dias
Não os poude somar ;
Os segredos do Senhor
Ninguem os pode penetrar.
— Chorae, filhos d'Israel,
Chorae o vosso pecado
Com todo o vosso coração,
Quem com o Senhor se pegou
Nunca lhe faltou o perdão ! —
A esse tempo chegou o anjo,
Por Habacuc chamou,
Com as lagrimas nos olhos,
Um se foi e o outro ficou.
Bemdito seja o Senhor
Que a vida nos guardou,
Seja para o servirmos,
Para o louvarmos
E para o nunca olvidarmos.
Amen, Senhor, etc.

32

O SACRIFÍCIO DE ISAAC (1)

Pela jura que juraste
Ao nosso pae Abrahão,
Mandamentos que fizeste
Nos campos de Morião. (2)
Depois das palavras ditas,
Partiu Abrahão pelos montes,
Onde o Senhor o mandava.
Mandou aos seus mancebos :
«Mancebos, ficae aqui,
Que eu e o moço iremos.

(1) — Também existe na liturgia judaica uma oração do sacrificio de Isaac.
(2) — O texto bíblico, Genesis cap. 22, diz : *terra de Moriah.*

A vós tornaremos.» —
Disse Isaac lá no campo :
«Senhor pae ! está aqui o fogo,
E a lenha para acender ;
Mas onde está a víctima ?» —
«Olhae, vós, meu filho,
Isso não vos dê cuidado,
Que manda o Senhor,
Que sejaes sacrificado». —
«Se o Senhor manda e ordena,
Cumpra-se o seu santo mandado !
Quem morre pelo Senhor
No ceu é coroado.
Peae-me de pés e mãos,
Para que, na hora da minha morte,
Não faça algum desavizado,
Não erga os olhos contra o Senhor,
Nem contra vós, meu pae irado.» —
Tapou Abrahão os olhos a seu filho Isaac,
E ergueu a mão para dar o golpe.
N'este tempo veio um anjo :
«Tate, Abrahão ! velho honrado,
Está o Senhor satisfeito
E de ti já está pago.
Manda-te o Senhor,
Que vás àquella silveirinha,
Que lá está um cordeirinho,
Preso pela barbela,
E d'elle farás sacrificio ao Senhor.
Ó, benzer-te benzerei,
Aplicar-te aplicarei, (1)
Que as tuas sementes sejam tantas,
Como o mar de areias,
Ceu de estrellas,
Árvores de folhas,
E sementes por todo o mundo.» —
Amen Senhor etc.

33

CÂNTICO DE LOUVOR A DEUS (2)

Louvai o Senhor, os moradores dos ceos,
Louvai-o nas alturas,

(1) — Estas repetições dos verbos para acentuar a acção são muito usadas na lingua hebraica.

(2) — Esta oração é uma adaptação bastante livre, do psalmo 148, que também figura nas orações judaicas.

Louvai-o todos os seus anjos,
Louvai-o todas as suas virtudes.
Louvai-o o sol, a lua, as estrellas e a luz,
Louvai-o todos!
Louvai-o ceos dos ceos,
Louvai-o, todas as aguas que estão sob os ceos,
Louvem o nome do Senhor,
Porque Elle falou, e foram feitas estas creaturas,
Elle mandou e foram criadas,
Elle as estabeleceu para durarem eternamente,
Para todos os séculos,
Poz-lhes um preceito
E não será preterido.
Louvai ao Senhor criaturas da Terra,
Dragões e todos os abysmos,
Fogo, granizo, neve, geadas, espiritos,
Ou ventos das tempestades, que executam a sua vontade,
Montes e todos os oiteiros,
Arvores fructiferas e todos os cedros,
Feras do bosque e todos os gados domesticos,
Serpentes e aves de pena,
Reis das terras e todos os povos,
Principes e todos os juizes,
[Mancebos e donzellas, velhos e creanças] (1)
Louvem o nome do Senhor,
Porque só o seu nome he digno de ser exaltado;
O seu louvor he sobre o ceu, e a terra assim o confessa,
Elle exaltou o poder do seu povo,
Elle seja louvado por todos os seus santos,
Pellos filhos de Israel, (2)
Povo que lhe he proximo e consagrado ao seu serviço.
Amen, Senhor etc.

34

ORAÇÃO DE S. RAFAEL (3)

Anjo S. Rafael bemdito, que assistes ao meu Senhor, peço-te anjo bemdito, sendo o meu advogado, faze-me esse favor, sendo o meu amparo fiel, para pedires e rogares ao grande Deus de Israel, que me guarde a mim e a todas as minhas pressas e necessidades.

---

(1) — No manuscrito que possuimos falta apenas a frase contida entre parentesis, que é o versiculo 12 do referido psalmo 148.

(2) — No manuscrito se diz *Irrael* em lugar de *Israel* em conformidade com a antiga fonética portuguesa desta palavra. Em toco o resto conservamos a ortografia do original manuscrito.

(3) — Cópia de dois manuscritos que possuimos desta oração.

Esta oração dirigida ao anjo Rafael prova a influência das idéas cabalísticas que também já se tinham desenvolvido entre o judaismo português antes da expulsão; mas o epíteto de São Rafael é já nitidamente uma influência do ambiente cristão, visto que na religião judaica não existem santos.

Peço-te anjo bemdito que offereças ao Senhor esta reza illimitada, sendo por mim offerecida, sem ser de vós amparada, não terá valimento nenhum ; será um corpo sem alma.

Peço-te anjo bemdito que sejas o meu intercessor, com quem me hei de pegar com os santos nomes do Senhor. Elles são sagrados e não os posso nomear, mas trago-os impressos em a minha memoria, para o Senhor servir e louvar.

Peço-te anjo bemdito, que tu me queiras amparar, dando-me tal favor, que nunca jamais torne a pecar, dando-me tal soberana guia, peço-te que me guies por santos caminhos do Senhor, e que me acompanhes, assim como tu acompanhaste o santo Tobias ; a este, como justo, o quizeste acompanhar, a mim, como pecador, tu me queiras amparar.

Eu confesso que o sou, e não ha outro igual. Com alma e vida ao Senhor quero louvar, para que no fim da minha vida a glória me queira dar.

Amen, Senhor, etc.

35

OS DEZ MANDAMENTOS

Eu sou teu Deus e Senhor,
Deus dum poder infinito
Que, piedoso, te salvei
Do captiveiro do Egypto.

1.º

Não terás alheios Deuses—,
Que em mim tens o sumo bem ;
Ama-me, como a ti mesmo,
E ao teu próximo tambem.

2.º

Não tomarás do teu Deus
O seu santo nome em vão — ;
E nem por Elle, debalde,
Jures na mais leve acção.

3.º

Ao sabbado não trabalhes,
Nem tu, nem filho, ou criado —,
Santificando este dia,
Só para mim reservado.

4.º

Honrarás teu pae e mãe —,
Com particular dever ;
São pessoas respeitaveis,
Porque te dérão o ser.

5.º

Irado, não matarás
O teu proprio semelhante —,
E não conserves jamais
O odio, nem por um instante.

6.º

Com castidade serás —,
Modesto em tuas acções,
Sem manchares a tua alma
Com obscenas corrupções...

7.º

Não furtarás—, porque o furto,
De propósito e vontade,
E' um crime abominavel,
Que revolta a sociedade.

8.º

Contra o próximo não falles,
De todos dizendo bem,
Nem com falso testemunho
Jamais insultes alguem.

9.º

Nem por leve pensamento,
Desejarás a mulher,
Que não seja a tua propria —,
Intentando-a corromper...

10.º

Não cubiçarás, emfim,
Aquillo que não fôr teu —,
Contenta-te com os bens,
Que a Providencia te deu.

*
* *

Aqui tens, querido filho,
Do bom Deus a lei primeira,
Que devemos observar
Com a fé mais verdadeira.

36

ORAÇÃO DOS CREDOS (1)

Em honra e louvor do meu Senhor Adonai ! (2)
Que Elle todo o poder tem,
Elle me queira ter por bem
De me ouvir, escutar,
Meus pecados perdoar,
E meus erros emendar.

(1) — Esta oração é uma adaptação da oração hebraica dos 13 credos da autoria do grande sábio e filósofo cordovês Rabi Mosés Ibn Maimon, conhecido também pelo nome de Maimónides, que viveu no século XI.

(2) — No manuscrito que possuimos diz-se *Adonaio*, em vez de *Adonai*.

Na minha lingua escrever (1)
Os seus santos mandamentos,
Que para nós foram dados e publicados.

Os mandamentos da nossa santa lei são treze :

O primeiro : Crer, que o nosso Deus bemdito, — louvado e adorado seja o seu santo e bemdito nome —, criou todo o universo, e que todos os acontecimentos só Elle fez, só Elle faz e só Elle fará, para todo sempre.

O segundo : Crer, que he unico, que não ha nada que com Elle se compare. Só Elle he o nosso. Deus. Elle foi, Elle he e Elle será para toda a eternidade.

O terceiro : Crer, que não he corpo, nem a imaginação humana o pode perceber, nem pode ser comparado com nenhumas virtudes que d'Elle emanem.

O quarto : Crer, que o Senhor não tem principio nem fim, que nunca se permutou nem se permutará.

O sexto : Crer, que só Elle deve ser venerado, e vós outros do meu povo, que fostes humiliados a servir a outros Deuses, não acreditais senão no Deus do ceu que nos governa.

O setimo : Crer, que o espírito de Moisés foi inspirado pelo nosso Deus Adonai, e que elle foi o rabino (2) de todos os patriarcas e profetas.

O oitavo : Crer, que o nosso Deus Adonai bemdito tem escrito no ceu à sua santa lei, que deu a Moisés, seu amado, no monte Sinai e no-la mandou á terra para a nossa salvação.

O nono : Crer, que esta nossa santa lei he immutavel.

O decimo : Crer, que o nosso Deus Adonai bemdito conhece as obras e os pensamentos secretos de todas as creaturas.

O decimo-primeiro : Crer, que o nosso Deus Adonai bemdito julgará cada hum conforme a sua piedade.

O decimo-segundo : Crer, que he certa a boa vinda do Messias, que Adonai bemdito no-lo mande cedo para a nossa salvação !

O decimo-terceiro : Crer, que o nosso Deus Adonai bemdito ressuscitará os mortos conforme nos foi prometido pelos santos profetas.

Amen, Senhor, etc.

II

ORAÇÕES DE FESTAS JUDAICAS

ORAÇÕES DE SÁBADO :

37 (3)

(Ao acender a candeia nas sextas feiras ao pôr do sol, para festejar a entrada de sábado, diz-se a seguinte oração)

Bemdito meu Deus, meu senhor, meu Adonai, que nos mandou e nos encomendou com as suas encomendanças bemditas e bem-santas que acendessemos

(1) — Daqui se vê que esta oração é bem uma adaptação portuguesa do hebraico.

(2) — *Rabino* — palavra hebraica que significa — Mestre.

(3) — Esta oração é uma tradução doutra judaica idêntica que costumam também rezar as mulheres hebreias.

esta santa torcida (1) para alumiar e festejar a noite santa do Senhor, para que o Senhor nos alumie a nossa alma e nos livre de culpas penas e pecados. (2)

Amen, Senhor, etc.

38

Tal dia santo, como o de hoje,
folgou o Senhor e descansou,
suas santas bandeiras compostas,
com os pendões levantados,
e os nomes do Senhor
foram ditos e declarados,
por boca de todos os ventos
e criaturas aumentados.
— Sabado, sabado, Moisés, Moisés,
ao sabado nada farás,
ocupar-te-has.
em servir e adorar
o grande Deus de Adonai. —
Não ha outro nem haverá
Louvado seja o Senhor que a vida nos dá.

Amen, Senhor, etc.

ORAÇÕES DE «KIPUR»

39

Oração que se diz no «Dia Puro do Senhor» (3)

1.º

Alto Senhor de Israel, (4)
Deus eterno, omnipotente,
Escuta as sentidas queixas
Do teu povo descontente...

---

(1) — Noutras versões da mesma oração intercala-se nesta altura a frase seguinte:
«com azeite de oliveira»,
ou ainda «com lume da boca dum anjo».

(2) — O Dr. António Baião, obra já citada, pag. 134, insere, entre as denúncias da Inquisição do século XVI, o seguinte depoimento:

«No dia 24 de Março (1543) compareceu no mosteiro de S. Domingos, na capela de S. Pedro martyr, Germana Gomes e confirmou o depoimento contra Beatriz Mendes acrescentando que Catharina Alvares Dalegre guardava os sabbados, na 6.ª feira á noite accende candeias e quando isto faz costuma dizer o seguinte: — Estas sã as encomendanças benditas e santas que nos encomendou o nosso Deus q̃ accendessemos candeia ẽ noyte de sabbado com azeite d'oliva limpa.»

Este depoimento prova que as orações que os cristãos-novos rezam actualmente são as que já rezavam no século XVI.

(3) — O «Dia puro», ou «Dia do jejum grande», corresponde ao jejum judaico do décimo dia do mês de Tishri, que vem geralmente em Setembro, chamado, em hebraico, «IOM-KIPUR», o que significa — Dia de Perdão.

O nome de «Dia Puro», com que os cristãos-novos designam esta festa, provém, sem dúvida, da palavra hebraica «*Kipur*».

(4) — No original manuscrito diz-se *Irrael* em lugar *Israel*.

2.º

Aplaquem-se as justas iras
Da Majestade offendida,
De novo entremos na graça,
Que ha muito havemos perdida.

3.º

Arbitro de toda a terra,
Deus augusto e poderoso,
Ao teu povo suplicante
Ouvido presta piedoso.

4.º

Quebrai, Senhor, este jugo,
Que nos peza deshumano,
Livrai-nos, Senhor, livrai-nos
Das garras d'este tirano.

5.º

Ha trez (1) annos que o teu povo
Em ferros geme e suspira,
Bastem os males passados,
Aplaque-se a tua ira!

6.º

Nossas culpas são imensas,
Nossos delictos pezados,
Mas he tua mizericordia
Maior que os nossos pecados.

7.º

Livraste-o de hum Pharaó,
Por santo prodigio novo,
De outro Pharaó mais duro (2)
Outra vez livra o teu povo.

8.º

O poder d'este malvado,
Que nos oprime sem dó,
Cahia bem, como cahiram
Os muros de Jerichó.

9.º

Teu povo, n'aquelle tempo,
Mil vezes, Senhor, pecou,
Porem, a tua clemencia
Mil vezes lhe perdoou.

---

(1) — Numa segunda cópia que possuimos da mesma oração a palavra — *trés* — vem em algarismo — 3 —, o que nos leva a supor que a data aludida nesta oração é, muito provavelmente, a de três anos depois da conversão geral forçada dos judeus em Portugal em 1497, ou seja a do *ano de 1500*.

(2) — Admitindo a hipótese da data do ano de 1500, os epítetos de — *tirano* — e de — *Pharaó mais duro* — designam D. Manuel I.

10.º
Se te offendemos, Senhor,
Sobre nós chova o castigo,
Porem, não venha das mãos
Do teu e nosso inimigo.

11.º
A' tua voz formidavel,
Quebrem-se os duros grilhões
Hoje, porque he o teu dia,
Deve ser o dos perdões.

12.º
Para nós he a ventura,
Para ti, Senhor, a gloria,
O teu dia, sacro santo, (1)
Seja o dia da victoria...

Amen, Senhor, etc.

40

ORAÇÃO FORTE...

Grande Deus de Israel, *Adonai Sebaot Male Col Haares Quebodo* (2); o forte de todas as armas, Senhor do Ceu e da Terra, peço-te, Pay piedozo, pelo teu nome d'Adonai que aceites meu jejum, este meu apoucamento de carne e cebo em lugar de sacrificio, que nós somos obrigados a fazer-te; mas tu, Senhor, bem ves que o não podemos fazer, conforme a nossa obrigação, por estarmos neste tão grande cativeiro metidos, abandonados e despresados por terras estranhas, fora de Jerusalem, Cidade do teu Santuario, sem termos Sacerdotes nem Levitas em seu assento, para que possam, Senhor, louvar e exaltar o teu Santo e Divino Nome. Por cuja cauza, Senhor, em ti confiamos, como em hum Pay Clementissimo, para que apiades o teu povo Israel aflicto, a mim e a tudo que me pertence; e que me livres, Senhor, de toda a má sentença, de mau encontro, de lingua má, de vezinho mau, de espada, de angustia, de ansia de mizeria e de quebranto; e que me des, ó Pay piedozo, annos de fartura, apega-me, Senhor, com os teus Santos e Divinos preceitos, assim como tu, Senhor, livraste a Moisés, teu servo, da má tenção de hum Rei impio, e a teu povo Israel da escravidão do Egito, a Abrahão, teu amado, do fogo dos Caldeus, a David, teu ungido, do laço de Saúl, a Jozé, o justo, do testemunho do Egypto (3) e a Jonas, teu profeta, do ventre da baleia, assim me livre e me escape de tudo o que me for mau para a alma e para o corpo, e de tudo aquillo, de que eu me não souber livrar. E a meus filhos que os faças, Senhor, huns bons servos teus, para que sigam os teus Divinos preceitos, e ás minhas filhas

(1) — Alusão ao dia de jejum de «Kipur», que é o dia mais santo do culto judaico.

(2) — E' uma frase completa da liturgia hebraica que significa: — *Deus Omnipotente, está cheia toda a terra da tua honra.* Mas esta frase figura um pouco deturpada no manuscrito que possuimos desta oração, sendo escrita assim: *Adunai Sabaat Malcolares; Cobrado* etc.

(3) — Alusão à scena de José com a mulher de Putifar, Genesis cap. 38.

que as tomes, Senhor, á tua Santa e Divina conta, que lhes des, Senhor, huma sorte boa, com que tenham conhecimento da tua Santa e Divina Lei, para que te possam servir e louvar; que mais vale confiar em Adonai que em principes, filhos de homens (1), que não olham mais que a sua arrogancia e riqueza, sem que tenham conhecimento de que nada do que teem he seu e que em hum instante são nada, pois lhes falta a consideração das contas que te hão de dar.

Pelas nossas más obras nos achamos em poder destes impios, degradados nas quatro partes do mundo, fora da terra dos nossos pays, porque não nos lembravamos dos pobres, das orfãs e das viuvas.

Não se gabe o rico com a sua riqueza, nem o sabio com a sua sabedoria, nem o valente com a sua valentia, que nada lhes ha de valer, senão as boas obras que tiverem feito neste mundo.

E para que, Senhor, nem eu, nem nenhum dos que me pertencem caiam em semelhante oprobio, peço-te, Supremo Senhor, que me encaminhes em a tua Santa e Divina Lei, e que me não desampares, Pay piedozo, porque dirão as nações: «onde está agora o teu Deus que te não acode?» E' certo que existe em as alturas (2), donde está vendo o bem e o mal.

Bemdito seja quem em Adonai confiar; eu, Senhor, como confio em o teu Santo e Divino Nome, te peço que te lembres das almas de todas as nossas obrigações, e das nossas, quando deste mundo formos, e que me des vida a tudo o que vivo tenho, e decretando-nos e fazendo certa a promessa que fizeste a Abrahão, nosso pay, de nos mandares o nosso bem aos olhos das nações, para que mais admirem a tua grandeza, hoje em os nossos dias, levando-nos a Jeruzalem, Cidade Santa em canticos de Sião.

Amen, Senhor, ao ceu va e la chegue.

41

Senhor de Abrahão, este termo que faço, este sangue que derramo, este cebo que offereço, recebe-me Senhor este santo sacrificio.

Anjos, archanjos, seraphins, cherubins, patriarchas, monarchas, sendo servido offerecer e apresentar este santo jejum, por atenção do santo Dia Grande, para que o Senhor nos perdoe as nossas culpas e pecados.

Deante da casa de Vossa Divina Majestade, Senhor, me apresento como culpado; se eu a morte mereço, á morte me condene.

Tu hes aquele Senhor que me podes dar e me podes tirar, apelo de Ti para Ti mesmo, da meza da vossa rigoroza justiça, para a meza da vossa clemencia.

Anjos, archanjos, seraphins, cherubins, patriarchas, monarchas, sendo servido oferecer e apresentar esse santo jejum, esta santa alegria.

Vós me destes quanto tenho levado e recebido, que o Altissimo Senhor me perdoe as minhas culpas, os meus erros e as minhas maldades que tenho feito contra o Senhor; que tudo o Senhor me tenha perdoado!

Amen, Senhor, etc.

---

(1) — Psalmo 118, vers. 8 e 9.
(2) — id. 115, id. 2 e 3.

42

Em honra e louvor do Senhor seja !

Omnipotente Senhor, creador do ceu e da terra, tu, Senhor, que me creaste a tua imagem semelhante, de nada me deste o ser, te peço, e humildemente te rogo que, com clemencia, des atenção a esta tua serva, e que tenhas compaixão de mim como a tiveste com o teu servo David. A ti, Pae poderosissimo, confesso os meus pecados, por grandes t'os não posso ocultar, perdoai-me. Senhor, que offendido te tenho por pensamentos, palavras e obras, sendo causa a minha culpa, a minha grande culpa. Portanto, te peço e rogo, ó Deus, tenhas de mim compaixão.

Tu hes meu Deus, tu a minha confiança, tu a minha alegria, tu a minha esperança. Hoje he dia de afflicção ; tambem sei que as portas do ceu estão patentes para o perdão, peço-te, Senhor, me consoles, me acudas e me salves. Conforta, Senhor o meu coração, consola a minha alma, alegra todas as minhas potencias.

Senhor e Pae meu, não desprezes esta tua serva, ainda que indigna, sempre sou tua, e obra tua ; para quem hei de fugir senão para ti ? se me lançares fora, quem me-ha de recolher ? Reconhece, Senhor, esta tua serva, ainda que indigna, foge para ti ; se vil e imunda, tu me podes purificar ; se cega, tu me podes alumiar ; se doente, tu me podes sanar ; se morta e sepultada tu me podes ressuscitar. Creio, Senhor, e confesso que he maior a tua mizericordia do que a minha maldade, he maior a tua piedade do que a minha impiedade, mais podes tu, Senhor, perdoar-me do que posso cometer. Peço-te, Senhor, que não atendas a multidão das minhas culpas, antes me julgues e me sentencies conforme a tua mizericordia. Tu, Senhor, hes Aquelle que não quere a morte do pecador, mas que mais viva, para que mais se converta. O' anjo da minha guarda, não me desampares, me des auxilio para fugir de tudo aquillo que não for e abraçar os teus santos mandamentos, para ter-te, Senhor, commigo de aqui em deante ; chegada que seja a hora da minha morte, ainda que repentina, na tua Santissima Lei quero acabar, e só nela ir fazer companhia aos anjos para toda a eternidade e te louvar e engrandecer para sempre.

Amen, Senhor, etc.

43

Cauza de todas as cauzas, Deus imortal das alturas, Rei dos reis, Senhor dos senhores, que, só, ha-de ser glorificado e permanecerá para sempre como Rei invicto, Creador de toda a creatura, Merecedor de toda a reverencia, louvor e gloria eterna !

Eu pó e cinza posta ante vossa grande Majestade vos ofereço o sacrificio da magnificencia e todas as obras que fizer neste dia e obras que obrar neste desterro em quanto me durar a vida, com intenção recta protestando que desejo sejão conforme a vossa santa vontade, justificadas ante o vosso tribunal. E se, por castigo dos meus delictos e pouco merecimento por minha fragilidade e inclinações terrenas, ou pela malicia da conservação humana e desordem de minhas paixões, mão natural ou instancias de inimigos adulterar esta minha intenção afeando-se minhas pobres obras, ou meu pensamento ocorrer qualquer persuação ruim, ou se oferecer algum respeito humano para as desvanecer, digo Senhor Deus

meu que a detesto com a força do vosso braço poderozo o qual me ha de confortar.

E de novo dedico minhas obras, palavras, pensamentos e intenções, grandes e pequenas, em toda a hora do dia, instantes e todas as vezes que respirar, por todas as creaturas racionais e por mim mesmo, dar-vos incessantemente magnificencia, honra, superioridade, benção, louvor, grandeza, gosto, agrado, beneplacito, confissão de um Só Deus, forte, imortal, pederozo, santo, justo, sabio e mestre dos sabios, a quem quizera não ter ofendido, por quem quizera ter feito todas as obras que pelo amor do vosso amor se tem obrado, dando-vos, se for possivel, amor, louvor e beneplacito que com vontade reciproca vós dais, e por que todo o devido e perfeito amor ha de vir de vós, Pai das luzes, vos peço e rogo que tenhais por bem reger, governar, santificar e alumiar a minha alma, meu coração, potencias, sentidos e minhas acções em vossa Lei e na observancia dos vossos mandamentos, para que por vossa grande bondade e mizericordia me fortaleçais e não caia em algum pecado, e que alcance a graça final, e por conseguir este bem ofereço todas as minhas pobres obras quanto merecer trabalhar e obrar para alcançar a minha salvação.

Amen, Senhor, etc.

44

Deus meu, eu creio em vós, fortalecei a minha esperança ; eu vos amo ; eu me arrependo de haver pecado, augmentai o meu arrependimento. Eu vos adoro como a meu primeiro principio, eu vos apeteço como a meu ultimo fim. Eu vos dou graças como a meu perpetuo bemfeitor, eu vos invoco como a meu defensor soberano. Meu Deus dignai-vos de me governar pella vossa sabedoria, de me conter pella vossa justiça, de me amparar pella vossa mizericordia e de me proteger pello vosso poder.

Eu vos consagro os meus pensamentos, as minhas palavras, as minhas obras, os meus trabalhos para que de aqui em diante eu cuide, fale, e obre por vós, Senhor, eu quero quanto me enviareis e for do vosso agrado ; porque eu não sei todas as coisas que me podem ser uteis. Rogo-vos que alumieis o meu entendimento, inflameis a minha vontade, purifiqueis o meu coração e santifiqueis a minha alma. Meu Deus ensinai-me a purificar-me dos meus pecados, a vencer as minhas paixões e a praticar as virtudes que me conveem. Enchei o meu coração de ternura para a vossa bondade, de aversão ás minhas imperfeições, de zelo para o meu proximo, e de desprezo para o mundo. Fazei que eu me lembre de ser submisso aos meus superiores, fiel a todas as pessoas minhas amigas, caritativo com os meus inferiores. Ah meu Deus, vinde em meu auxilio para vencer a vaidade com a mortificação ; a avareza com a esmola ; a ira com a brandura e a tibieza com a devoção. Meu Deus, fazei-me prudente nas emprezas, animoso nos perigos, paciente nas adversidades e humilde nos sucessos. Não permitais Senhor que eu jámais me esqueça de ter atenção nas minhas orações, temperança na minha comida, exacção nos meus empregos, e constancia nas minhas rezoluções. Senhor inspirai-me o cuidado de ter sempre a consciencia recta, o exterior modesto, edificativo e o procedimento regular ; e de aplicar-me incessantemente a adornar a natureza, a observar a lei e a merecer a salvação. Meu Deus, mostrai-me qual é a pequenes da

Terra, a grandeza do Ceu, a brevidade do Tempo e a duração da Eternidade. Fazei que eu me prepare para a morte, que tema o vosso juizo, que me livre do inferno e consiga a bemaventurança.

Amen, Senhor, etc.

45

ACTO

Meu Deus do meu coração, justo, santo, sabio, poderozo, immenso, piedozo, suave, excelso e benigno Senhor (1) cuja Majestade com soberano dominio governa todo o universo, desde o ceu até o abismo; a vós, Senhor, cujas grandezas com sonoros estampidos, estão publicando as vozes dos astros, plantas, brutos, rios, a vós, pois, Senhor, a vós chego temerozo e rendido, ó juiz dos meus erros e das minhas culpas, qual outro Adam, encoberto e fugitivo, quando descobriu a culpa quiz encobrir o delicto. Já, Senhor, aos vossos pés estou, todo arrependido, tremendo por minhas culpas de entrar comvosco em juizo, de vós para vós só, fujo, porque em vós, Senhor, deviso comizerações mais piedozas que abrandem os vossos castigos. Pequei, Senhor, eu o confesso, tão atroz, torpe e perverso, que ofensas sucessivas tenho peccado por vicio; não teem comparação minhas culpas e delictos, porque para enumera-los titubeia o algarismo; os meus torpes pensamentos, com remontados designios, puzeram montes de culpas para offender-vos tanto. Ah! quem tivera, Senhor um ai tão enternecido que apagára o meu peccado com o sopro d'um suspiro? Quem fora como David, que um gemido lhe bastou para aplacar dessa espada o duro fio? Mas quem sou eu, Senhor, para ver tantos prodigios, se eu sou aquelle ingrato que a vossa piedade irrita, eu sou aquella furia dezatada contra os vossos preceitos, fui escandalozo e impio, eu sou aquelle lince para a culpa tão bem visto, sendo torpeza o não ver quando andava perdido. Eu sou outro cervo, Senhor, que no olfacto dos delictos, bastava imagina-los para serem cometidos. Que será de mim, meu Deus, que será deste conflicto? Daí a mão a um mizeravel, levantai um cahido! Lembrai-vos, meu Creador, que da terra fui nascido, formado de humilde barro fragil, tosco e quebradiço. Vós sois aquelle Senhor tão amante e compassivo, que, com um gemido de uma alma, logo vos mostrais propicio; mostrai-me já, meu Senhor, o vosso rosto compassivo, bem que eu não mereça vossa piedade, que eu mais mereço o vosso castigo. Guiai este peccador pelo vosso santo caminho, seja a luz da vossa graça neste peregrino, para que, depois da luta deste Reino, mereça ir ver a vossa Divina Face, eternamente, no Paraizo.

Amen, Senhor, etc.

46

Adonai reina, Adonai reinou,
Adonai para sempre nos faça mercê (2).

---

(1) — Esta juxtaposição de adjectivos é uma das particularidades do estilo hebraico, pelo que se reconhece facilmente a sua origem.

(2) — E' uma frase usual da liturgia hebraica.

47

CONFISSÃO (1)

Poderozo alto Senhor,
Alumiai o meu entendimento
Para conhecer os erros
que contra vós tenho feito.

Confesso, Senhor, que eu sou
o peccador mais indigno
que neste mundo criastes
e que mais vos tenha ofendido.

Eu sou, Senhor, eu sou...

Pequei, Senhor, pequei
Com tão grande altiveza,
Offendi sem reparar,
A vossa divina grandeza (2).

Pequei, Senhor, contra vós,
Eu já choro o meu pecado,
De vos haver offendido
Vivo bem envergonhado.

Pequei com as minhas palavras,
Com injusta grossidão,
Bem sabeis, Senhor, que não tenho,
O saber de Salomão.

Pequei com as minhas obras,
Que não são da vossa aceitação.
Vós sois Pae de mizericordia,
Eu sou filho de benção.

Aqui venho, Senhor, contrito
Alcançar de vós o perdão,
Lavai, Senhor as manchas
Deste afflicto coração.

---

(1) — Possuimos desta oração duas versões manuscritas com pequenas divergências.
(2) — Na outra versão segue nesta altura a seguinte estrofe um pouco confusa:

As mizerias foram minhas,
Naveguei tão violento,
Por mal dos meus erros,
Sem tomar conhecimento.

Pois Senhor, que se sella
No maior consternação.
Despacha-me, Senhor, em bem
Esta minha petição,

Sem reparar os effeitos
De tanta ingratidão,
Tendo nesse tribunal santo,
De mim comizeração...

Perdoai-me os meus peccados,
A mim e a toda a geração,
E a todo o povo de Israel
Para onde fôr e viver (1).

Amen, Senhor, etc.

ORAÇÕES DE JEJUNS

48

(Quando se entra no jejum)

Senhor faço tenção de jejuar
com a ajuda que tu, Senhor, me has de dar.
Este dia de sacrificio e de penitência,
este meu sangue que derreto no meu corpo,
ofereço pela minha salvação.

Amen, Senhor, etc.

(Esta oração é repetida três vezes gargarejando-se com água depois de cada vez).

49

(Quando se sai do jejum, depois de aparecer a primeira estrela)

Bendita a estrela de Adonai,
tudo que peço, Senhor, me dais,
Bendita a estrela, bendita a companhia,
bendito o Senhor que a guia,
Já é hora, já passa de hora,

(1) — Na segunda versão manuscrita a oração acaba assim :
Livrai-me, Senhor de perigos e trabalhos a mim, a meu Pae, á minha Mãe, a toda a nossa gente e a todo o povo de Israel, por onde fôr, passear e folgar.

Amen, etc.

louvado seja o Senhor,
que o jejum do meu corpo sai fora.

(Repete-se três vezes)

50

(Antes de começar a refeição, divide-se um pedaço de pão em três bocados, e reza-se assim)

Louvado seja o Senhor que te criou,
do centro da terra te deitou,
o Senhor me faça a minha alma
tão limpa e tão clara como tu és.

(Um a um mastigam-se os três pedaços de pão que se deitam depois no fogo dizendo)

Deixa-me fazer, como fizeram os nossos irmãos
na Terra Santa da Promissão.

50-bis.

(Variante desta última reza, conforme se diz em Belmonte)

Louvado seja o Senhor que da erva fez pão,
deita-me o Senhor a sua santa e divina benção.

(Quando deitam os três bocados de pão no fogo dizem assim)

— Fogo de Samuá, tome-o lá!

(Três vezes)

ORAÇÕES DA PÁSCUA

51

ORAÇÃO DA ÁGUA (1)

A quatorze da lua
Do primeiro mez do anno, (2)
Parte o Povo do Egypto,
Israel meu irmano.
As cantigas que vão cantando
Ao Senhor vão louvando.
— Aonde nos trazes Moisés,
Aqui neste despovoado,

---

(1) — É uma inspiração do cântico bíblico do Êxodo cap. 15, mas difere nalguns detalhes da narração bíblica.

(2) — É a data de *14 de Nissan*, da Páscua judaica.

Onde não ha pão nem lenha,
Nem nunca pastou o gado ?
Louvamos ao alto Senhor
Que é o Senhor do nosso cabo.—
Lá vem Moisés com a sua vara alçada
A bater no mar selado.
Abriu-se o mar em doze carreiras,
Passará o meu povo em salvo.
O meu povo em salvo passou,
Para onde o Senhor o mandou,
Por seu santo real mandado.
O Senhor criou quatro elementos :
Ceu e terra, noite e dia,
Sendo tão concebidas,
Tão altas e tão subidas
Todas quantas ellas são ;
Aqui não ha que negar,
Pode pôr e tirar,
Fazer almas tornar,
Pae nosso poderoso,
Que nos haveis de perdoar,
Assim como perdoaste a El-Rei David
O seu pecado de Bersabé (1),
Faça-nos, Senhor, tão grande mercê,
Perdoai-me, tambem a mim
E a todo o povo de Israel,
Por onde fôr e viver.
Amen, Senhor, etc.

52

CÂNTICO DA PÁSCUA (2)

Adonai, Adonai,
Adonai, Senhor meu !

Cantamos hoje ao Senhor
D'esta hora singular,
O cavallo e o cavalleiro
Lançou no profundo mar.

Estende o teu braço,
Já nos fica fortaleza ;
Do Pharaó e do inimigo
Já combateu a fraqueza.

E era vencedor
O seu Omnipotente Nome,
O carro do Pharaó
E seu exército consome.

Caminhamos e andamos,
Louvaremos ao Deus d'Israel,
Que nos livrou do Egypto
D'aquelle rei tão cruel.

(1) — O nome exacto da amante do rei David, a que se alude aqui, é *Bat-Shebá* (II Samuel, cap. 11) mas, a deturpação deste nome bíblico já se encontra nas orações de Brites Henriques na Inquisição de Lisboa, em 1674, como se vê pela respectiva oração n.º 12 do apêndice III.

(2) — Este cântico, inspirado no «Cântico de Moisés», Exodo cap. 15, canta-se conforme a musica de 52-bis.

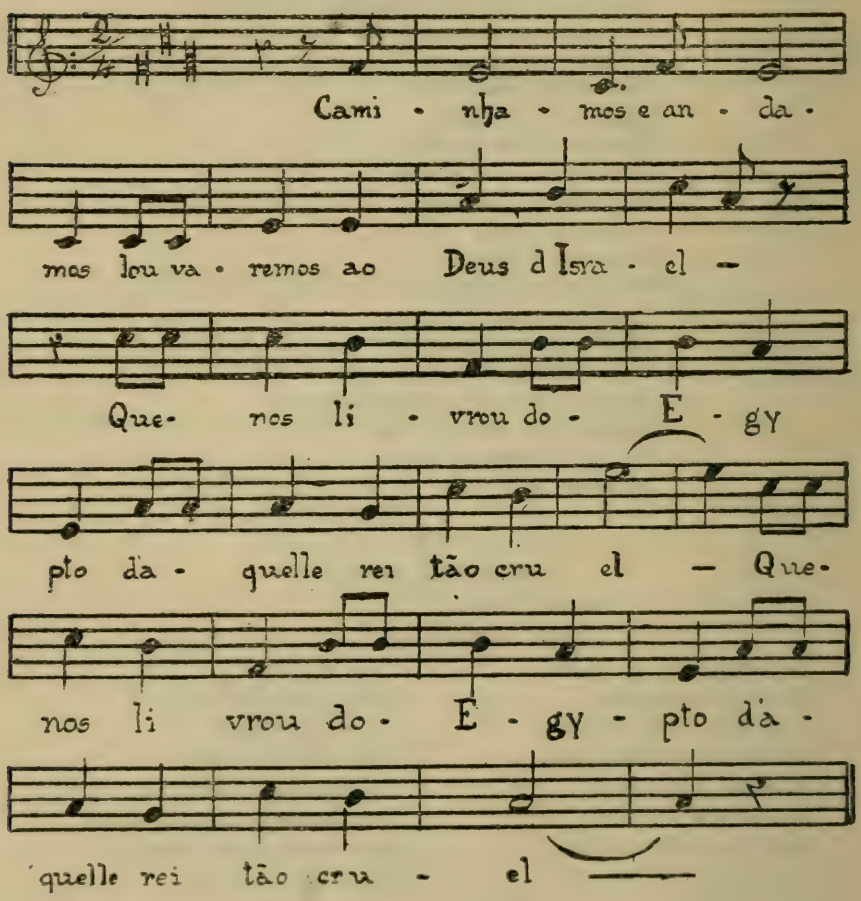
Caminhamos e andamos,
Louvaremos ao Deus d'Abrahão,
Que nos livrou do Egypto
Da terra da escravidão.

Caminhamos e andamos,
Louvaremos ao Senhor,
Cantam os anjos no ceu
Os seraphins ao Senhor.

52-bis

CÂNTICO DA PÁSCUA (1)

MÚSICA



(1) — Transcrito em música pelo Ex.mo Sr. António de Campos Silva.

53

(Antes de começar a cozer o pão ázimo, chamado pelos cristãos-novos «pão santo», deita-se um bocado de massa no fogo, rezando três vezes assim)

— Samuá, tome-o lá! (1)
Ao ceu vá á terra torne
Para o sustento dos pecadores,
O Senhor te cubra de bom crescimento!

54

ORAÇÃO DA FORMOSURA (2)

Em honra e louvor dos 73 nomes do Senhor seja! (3)

A Formosura santa do meu Deus de Adonai sobre nós seja.

O Senhor dos Ceus compõe as obras das nossas mãos, o Senhor dos Ceus as comporá. Estamos encobertos no alto, á sombra do abastador nos adormecemos. Viva Adonai, meu brio, meu rei, meu Senhor, meu castelo, meu edificio. Elle nos guardará e nos livrará do mau laço, tortura, mortandade, castimento (4) da sua santidade. Debaixo da sua santa Saquiné (5) não temeremos o pavor da noite nem a seta que corre de dia, nem a mortandade que anda na escuridão, nem a peste do meio dia. Nos alumie aquelle grande Senhor com a sua mão direita. Mal não chegue a nós nem ás nossas casas. Quando estivermos de pé os anjos nos guardarão, em palmas nos trarão, para que não tropece o nosso pé em pedra. O leão pisaremos, as cobras calcaremos.

Peço-vos leal desculpa real e amor filial. Longamente chama-lo-hei.

Quem o Senhor louve e serve, ama-lo-ha, muitos dias disfrutará, salvação boa de vós meu Deus, Adonai.

Amen, Senhor, etc.

---

(1) — Será talvez — *Shemah tefilá*, que significa — *Ouça a oração.*

(2) — Colhemos esta oração de viva voz em Belmonte, mas também possuimos outra cópia da mesma oração que nos foi gentilmente oferecida por nosso bom amigo Ex.mo Sr. Francisco Henriques Gabinete cristão-novo, residente em Lisboa. Também encontramos uma oração, quási idêntica entre as de Brites Henriques na Inquisição de Lisboa em 1674, que publicamos com o numero 28, apêndice III.

Esta oração parece ser uma paráfrase duma oração hebraica, que se diz em caso de viagem e que consiste no Psalmo 91 precedido do versículo 17 do Psalmo 90.

(3) — A expressão de «pelos 73 nomes do Senhor» é bastante freqüente entre os cristãos-novos e tem conforme explicamos anteriormente, (vide pag. 27 e 28), uma origem cabalística, devendo o algarismo ser 72 e não 73.

(4) — Desconhecemos a significação desta palavra, mas talvez queira dizer — castigo—por se parecer com a palavra franceza — «châtiment».

(5) — Deve ser uma deturpação da palavra hebraica «Shehiná» que significa — protecção divina.

III

ORAÇÕES DIVERSAS

ORAÇÕES DE VIAGEM

55

Eu vou partir,
santa seja a minha ida,
santa seja a minha vinda
e o lugar onde me amanhecer
que ninguem me possa mal fazer,
O Senhor me queira livrar e defender :
de homem morto — mau encontro,
de homem vivo — meu inimigo,
da lingua de má gente,
de mau homem, de má mulher,
de boca que diz o que quer ;
por onde fôr e viver.
Amen, Senhor, etc.

56

Em belo dia e bela hora
sai da minha casa para fora ;
bom e mau encontrarei,
os maus se me desviarão,
os bons me encaminharão,
para o caminho da salvação.

57

O' anjo da minha guarda,
minha doce companhia,
livrai-me dos perigos da noite,
livrai-me dos perigos do dia.
Tudo me mande,
tudo me traz ;
encaminhai-me perfeito,
voltai-me em paz.
Amen, Senhor, etc.

ORAÇÕES DE DEFUNTOS

58

(Quando se entra no cemitério)

Deus vos salve lá passados,
fostes vivos como nós,
nós seremos como vós,

lá nesse ceu onde estais
pedi ao Senhor por nós,
que, neste vale de lágrimas,
pediremos ao Senhor por vós.
Amen, Senhor, etc.

59

(Quando se lava o defunto)

Bemdito meu Deus, meu Senhor, meu Adonai, que nos mandou e nos encomendou que lavassemos este nosso irmão, como fizeram os nossos irmãos na Terra da Promissão.

Amen, Senhor, etc.

60

Irás e virás, ao campo de Josafat,
o diabo encontrarás e lhe dirás :
— Salta atraz, Satanaz !
— Que traz ?
— Agua para me lavar,
pano para me limpar
e oferta para te atirar.

61

Em seis dias e seis noites,
fez Adonai o ceu e a terra,
no sétimo folgou e descansou.
Assim folgue e descanse
a alma do finado
que não tenha acusador a sua alma
nem a minha quando deste mundo fôr.

62

Louvado seja o nome do Senhor,
bem por alma do nosso irmão...
que deste mundo partiu.
As suas carnes se desfarão
por onde a sua alma mereça a pena.
O Senhor a livre da pena de aguilhão,
a ponha em bom lugar,
posta em alçamento ;
no ceu com claridade,
na terra com proficuamento.
O Senhor lhe dê lugar,
que a tome á sua conta,
que fale com Elias e Araão,
com todos aqueles que profetas são
e que arredor do Senhor estão.
Amen, Senhor, etc.

63

(Oração de despedida, quando levam o defunto da casa)

O anjo da guarda te guarde,
o anjo da guia te guie,
que o Altíssimo Senhor vá na tua companhia.
Deus te dê boas saidas de casa e boas entradas de sepultura.
Pede ao Altíssimo Senhor, que me dê saude e ventura.
Amen, Senhor, etc.

64

FÓRMULA DE CASAMENTO (1)

Em nome de Deus de Abrahão, Isac e Jacob eu vos uno.
Cumprí vós a sua benção.
Amen, Senhor, etc.

65

ORAÇÃO Á LUA NOVA (2)

Lua nova, Deus te salve!
de todo o perigo me segures.
Assim como tu és nova e velha
assim o Senhor me faça uma boa serva;
assim como eu te não posso chegar,
assim ninguem me possa alcançar.
Amen, Senhor, etc.

66

EM CASO DE TROVOADA

Trovoada forte, detem-te em ti,
está o Senhor entre ti e mim;
o Senhor te quebrantará,
com o seu braço santo,
para que não faças perca nem dano,
a mim, nem a coisa minha.
Amen, Senhor, etc.

67

QUANDO BATE O RELÓGIO

As horas do Senhor sejam dadas,
nossos trabalhos acabados
nossos bens aumentados,
nossos pecados perdoados,
no regaço do Senhor deitados,
a Lei do Senhor seja publicada
aqui e além
na casa santa de Jerusalém.
Amen, Senhor, etc.

---

(1) — Esta fórmula, simples e concisa, é parecida com a que empregam os judeus.

(2) — Existe também entre os judeus uma oração á lua, proveniente do facto do calendário judaico ser luno-solar, e por essa razão os judeus costumavam, antigamente, espreitar as aparições da lua nova e rezar nestas ocasiões.

68

QUANDO SE MATA QUALQUER CABEÇA DE GADO

Louvado seja o Senhor que te criou
para o sustento dos pecadores
Perdôe a morte que te vão fazer,
pelo amor de Deus.

Amen, Senhor, etc.

68 — bis

(Conforme se diz em Belmonte)

Te tiro a vida,
que eu te não posso dar.
Louvado seja o Senhor que te criou
para me eu alimentar.

69

QUANDO SE DIZIMA A AMASSADURA

Bemdito meu Senhor, Meu Deus, meu Adonai, que nos encomendou com as suas encomendas bemditas e bem-santas que dizimassemos este pão, para a boca do leão, como fizeram os nossos irmãos na Santa Terra da Promissão.

Amen, Senhor, etc.

70

AO ENTRAR NUMA IGREJA

Nesta casa entro
não adoro nem o pau nem a pedra
Só a Deus que em tudo governa.

71

ORAÇÃO DO «PADRE NOSSO». — PARÁFRASE DOS CRISTÃOS-NOVOS (1)

Senhor, que estaes nas altas alturas,
Por vossos altos favores,
Vos chamão os pecadores :
PAE NOSSO,

A vós Senhor, como posso
O vosso nome invocarei,
Pois, de certo, eu bem sei
QUE ESTAES NOS CEUS,

(1) — Esta oração parece ser relativamente moderna, já por causa do estilo, já por causa da influência evidente do ambiente cristão. O Pater-Noster não existe actualmente na liturgia judaica, embora no tempo dos evangelhos, o Pater Noster tivesse sido uma oração puramente judaica.

Amparai, Senhor, um reu,
Que muito ver vos deseja,
Que o vosso nome seja
SANTIFICADO

Eternamente sejais louvado,
Por tais modos;
A uma voz digamos todos:
SEJA

Do dizer ninguem se peja,
Nem o mais de vos louvar;
Só deve triunfar
O VOSSO NOME.

Matai-nos a nossa fome,
Com o bem da vossa mão,
E do ceu, meu Deus, o pão
VENHA A NÓS

Amparai-nos sempre vós,
Dando-nos pão e mais pão,
E por fim, em conclusão,
O REINO VOSSO.

Fazei que seja nosso
Esse Reino da Verdade;
Sempre, a vossa vontade
SEJA FEITA

Quando dermos conta estreita,
Comvosco meu Deus, me veja,
Para perdoar-me seja
A VOSSA VONTADE

Dai-nos lá, na eternidade,
A' vossa vista um lugar;
já que andamos a perigrinar
ASSIM NA TERRA,

E' assim que se desterra,
Um pezar com tal prazer,
Pois melhor lugar não pode haver,
COMO NO CEU.

Em tempo algum seja reu,
Por culpas que não cometí;
A todos dai, como a mim,
O PÃO NOSSO,

Eu prometo de ser tão vosso,
Que por vós morrerei;
Sempre vos louvarei
CADA DIA,

Dai-nos prazer e alegria,
Com poderes da vossa mão,
E a todos o perdão
NOS DAI HOJE.

Que de vós ninguem já foge,
Antes se chegão contrictos
Porque sois o Deus dos aflictos,
PERDOAI-NOS

Por vosso amor amparai-nos!
Feliz quem de vós amparo tem;
Absolvei-nos, tambem,
AS NOSSAS DIVIDAS,

Que por serem contrahidas,
Temos todos grande dor;
Perdoai-nos, Senhor,
ASSIM COMO NÓS

Havemos mister, e vós,
Se acaso o perdão nos dais,
A perdoar nos ensinai.
PERDOAMOS

Que é glória vossa, e damos
O perdão por mui bem feito,
Pois perdoar é preceito
AOS NOSSOS

Pois, por sermos todos vossos,
E' mui justo o perdão,
Para que não haja, não
DEVEDORES.

Assim, com os vossos favores,
Que qualquer é superior;
Agora, por vosso amor.
NÃO NOS DEIXEIS

Senhor, não desampareis
Barro que não é valente,
Pois se deixa facilmente
CAHIR

Cuidai muito em nos acudir
Com auxilios eficazes,
Que de cahir somos capazes
EM TENTAÇÃO,

Estendei-nos a vossa mão,
Senhor, com todo o cuidado,
De contrahir o pecado
LIVRAI-NOS

Meu Deus e Senhor, dai-nos
Zêlo e serviço fecundo,
E livrai-nos neste mundo
DO MAL.

Agora, diga já cada qual,
Com bem puro e firme amor,
Louvado seja o Senhor,
AMEN.

QUANDO SE PREPARAM AS TORCIDAS

72

Formosura de Adonai, formosura tão santa!

Tate Senhor, porque eu não sabia guardar a vossa santa lei, mas agora que eu a sei, me acho por bem consolada, a vossa Santa Lei guardada. Tambem me guardareis, tambem me amparareis, tambem me dareis o que vos eu não souber pedir. Salvação para a minha alma e graça para a Deus do Ceu servir e engrandecer.

Amen, Senhor, etc.

73

Bemdito, meu Senhor, meu Deus, meu Adonai, que nos encomendou com as suas encomendas bemditas e bem-santas que torcessemos (ou fizessemos) esta torcidinha para alumiar e festejar a noite santa de sexta feira, até santo santo sábado, com azeite de oliveira nova e estopinha de sedeiro.

Amen, Senhor, etc.

74

Anjos bemditos, profetas, patriarcas, monarcas deante do Senhor sejam servidos entregar esta torcidinha á honra e louvor do Senhor por intenção da santa sexta feira, até santo santo sábado.

75

Abençoada seja esta torcidinha com as benças que o Senhor deitou aos seus santos servos e servas. Seja de Adonai, Abrahão, Isaac e Jacob, a mizericordia do Senhor seja com a nossa alma.

Amen, Senhor, etc.

ORAÇÃO QUE SE DIZ EM CASO DE PERIGO [1]

76

Com as armas de Adonai estamos nós armados
com o manto do Senhor encobertados,
e com a fé do santo Tobias [2] no corpo
para que não sejamos presos, nem feridos, nem mortos,
nem nas mãos dos nossos inimigos postos.
Por mau laço mal embaraçados,
sejamos nós do Altíssimo Senhor acompanhados.
Quantos nos virem e nos ouvirem por nós sejam,
Adonai bemdito seja a nossa salvação,
o nosso guia e ande em a nossa companhia.
Amen, Senhor, etc .

76 — bis

(*Outra versão da mesma oração*) [3]

Com a espada de Adonai esteja eu armado,
com o manto de Senhor esteja eu acobertado,
com a fé do Santo Tobias no corpo
para que não seja preso, nem ferido, nem morto,
nem nas mãos dos meus inimigos posto.
Por mau laço, mal embaraçado, mal guiado ;
os bons que me virem e me ouvirem por mim serão,
os maus fugirão,
Adonai bemdito seja a minha salvação.
O Senhor não se aparte de mim
nem de noite nem de dia,
nem á hora do meio dia.
Amen, Senhor, etc.

---

(1) — Cópia dum manuscrito da Covilhã.
(2) — Os epítetos de *Santo* bastante freqüentes nas orações dos cristãos novos, são já uma adaptação e influência da religião cristã, visto que a religião judaica não conhece santos.
(3) — Colhida de viva voz em Belmonte.

IV

ADDENDA

ORAÇÕES DOS CRISTÃOS-NOVOS DE TRAZ-OS-MONTES (1)

Quando no mar nós nos vimos,
Fugindo ao rei Faraó
A chamar por *nosso Deus*,
A ver se ele nos respondia...(2)

...Que adorássemos o Nascente,
E louvássemos o Poente,
Louvemos seu santo nome
Agora e sempre! (3)

Saimos do vosso seio
A adorar ao *deus alheio*,
Coisa que tanto nos erra...

Senhor, desvia a mim e a tudo o *Santo Povo* da desgraça e do poder dos inimigos...

Levantei-me de manhana,
De manhana ao alvôr,
A cantar e a rezar
Os santos psalmos do Senhor;
Cantemos e não cancemos,
Demos graça, e louvor,
Nome santo do Senhor!... (4)

---

(1)—Tendo sido publicado o livro do Sr. Mario Saa, *A Invasão dos Judeus*, em quanto o nosso estava no prelo, aproveitamos a ocasião para juntar aqui, a título de comparação, algumas orações dos cristãos-novos de Vilarinho-dos-Galegos e Bragança, publicadas pelo Sr. Saa nas pags. 232 e seguintes.

Desgraçadamente, são apenas uns fragmentos de orações, acrescendo serem copiadas com pouco rigor, como é fácil constatar; no entanto apresentamo-las aqui, ipsis verbis, para mostrar a sua semelhança com as orações dos cristãos-novos da Beira Baixa que publicamos neste apêndice.

(2) — Como se pode vêr, as duas linhas finais dêste trecho devem ser bastante erradas.

(3) — Esta oração deve ter sido mal copiada, porquanto é uma interpretação dos versículos 2 e 3 do Psalmo CXII, que rezam assim:

«Seja bemdito o nome do Senhor desde agora para sempre.
Desde o nascente até o poente, seja louvado o nome do Senhor».

Os cristãos-novos de Belmonte também possuem uma oração semelhante, que publicamos neste apêndice com o n.º 11 e que começa assim:

Desde o nascente até o poente.
seja o grande Deus d'Israel louvado para sempre.
Desde o nascer do sol até se pôr
todos louvaremos ao Altíssimo Senhor, etc.

(4) — Idêntica oração existe também entre os cristãos-novos de Belmonte, que publicamos com n.º 10.

Senhor, que esclareceu o Dia,
Senhor, que é minha alegria!...
Paços, confôrtos, mesas d'alegria,
Pela graça de Sião!... (1)

O meu Deus, quem já se vira
N'aquela santa cidade,
Chamada Jerusalém!...
Jerusalém está esperando
Cada hora... e cada dia...

Ó alto Deus d'Israel
Cumpri vossas profecias...

Adonay, *Adonay*, em que tenho confiança
Vivo a meu fôlgo (?), minha esperança
A que já Deus prometeu a nosso Padre Abrahão,
De gosar as tuas senhas toda a *gente da nação!*
Nós, pelos nossos pecados,
Todos andamos errados,
Em terra alheia, *sem pastôr!...*
Tende de nós piedade e mizericordia, Senhor!

Aos quatorze da lua de março,
Resplandecente do Dia,
Partiu o Povo d'Israël do Egito,
Cantando em harmonia—
Cantares que iam cantando,
E ao Senhor iam louvando.
E louvavam ao Senhor
De todo o seu coração;
Passaram no mar Vermelho
Para a Terra da Promissão.
E o *Povo*, aflicto à sêde,
Ao Ceu clamava por água;
Adeante vae Moysés
Com a sua vara alçada;
Bateu numa penha magna
E lançou água clara... (2)

Abacó, profeta estava no campo
Com seus pastores,
Dando graças ao Senhor

(1) — As duas últimas linhas desta oração são bastante confusas e devem estar erradas.
(2) — Esta oração é muito parecida, fora algumas variantes, com a «Oração da água», n.º 51, de Belmonte, que se diz na Páscua, (vide pag. 35).

Que lhe fez, tantos favôres;
Que lhe dá com abundancia
Trigo, vinhos e gados,
Para viver com fartura,
Ele e mais os seus criados.
Tambem estava alimentando (lamentando?)
As penas que o *Povo* tem,
Uns prêsos em Babilónia
Outros em Jerusalém... (1)

Psalmo de David, minha morada, meu braço forte, minha vara armada, aqui, Senhor, amesúro. Faço toda a reverencia! Aqui, *Nação*, veneração! Tu és um Deus supremo, Eterno Senhor, e outro não! Glorias sejam dadas ao Senhor no Ceu, e paz a nós na Terra, para sempre sem fim; amen Senhor, Ao Ceu vá! (2)

(Aos moribundos usam dizer, á maneira ritual)

Ao Vale de Jusafá irás, um leão encontrarás:

Se te pedir senha, toma, dá-lhe dinheiro! *(aqui lhe passam por a vista com uma moeda)*. E se te pedir carne, dá-lhe pão! *(aqui lhe passam por a vista com um pedaço de pão)*. Se te procurar de que Lei és, diz-lhe que és da Lei de Moysés; que te deixe passar, livre e desembaraçado, para onde Deus te mandar! Se te perguntar quem te compraz (quem te amortalha), diz-lhe que foi uma hebreia que neste mundo ficou, e que se mais bem nãot e fêz foi porque mais não sabêa (*sabia*). (3)

(Oito dias apoz o passamento, reúnem-se num comum almoço todas as pessoas de família, e é proferida esta benção).

Bemdito sempre louvado seja o Senhor dos altos Ceus, que nos da tantos bens seus, e em nós tem tantos cuidados: aceitemos de bom grado o mantimento que comemos, graça com que o servimos depois da morte, amen! Cantemos com grã victoria: — O Senhor leve esta alma á sua divina Glória!...

(E ao erguerem-se da mesa, é lançada esta benção)

A benção que o Senhor deitou a Sião, Sião deitou-a Abrahão, Abrahão dei-

---

(1) — E', exactamente, o principio da «oração de Daniel», que publicamos com o n.º 31, com apenas alguns erros de cópia da parte do Sr. Saa.

(2) — Esta oração é muito confusa, e supomos que deve referir-se aos primeiros versículos do Psalmo XVII, que rezam assim: — (Tradução portuguesa do Padre António Pereira de Figueiredo).

Eu te amarei, Senhor, que és a minha fortaleza.

O Senhor é a minha fortaleza, e o meu refugio, e o meu libertador. Elle é o meu Deus, meu favorecedor, e n'elle esperarei, meu protector, e a força da minha salvação, e meu amparador.

Louvando o invocarei ao Senhor, etc.

O final da oração: «amen Senhor, ao Céu vá!» é semelhante ao das orações de Belmonte que é: «ao ceu vá ao ceu chegue!»

(3) — Comparar com a oração parecida, n.º 60.

tou-a ao linho, Israel deitou-a seus filhos! (1) Bote-a o Senhor sobre esta mêsa, e sobre este pão, e sobre todos quantos presente estão! O que se comeu por fartura e o que sobrou por bendição, tudo seja por esta alma, tudo seja aparecido para honra e glória sua, e para a sua salvação! E se falta lhe não fizer que o reparta pelas almas mais necessitadas que haja na sua obrigação. A ele o Senhor o tenha em descanço, em Glória, em claridade, donde possa pedir ao Senhor pela saúde de toda a sua família, e a ele o Senhor lhe livre a sua alma de dar nas *ventosas de alveiras escaldosas* (?) (refere-se ao Inferno), de sombras de parêdes, de linguas de má gente, fogos ardentes, e de todos os trabalhos e perigos; o Senhor queira livrar a sua alma e defendê-la; amen!

TROVAS DO LICENCIADO ANTÓNIO VAZ) (2)

Cristão-novo, físico da Guarda, denunciado em 1582 á Inquisição de Lisboa.

(Caderno 6.º do Promotor da Inquisição.)

O SONHO

O sonho que eu sonhava
Se o ouzasse a dizer
Mas eu ey grande vergonha
Que mo não quizessem crer.

Que sonhava com prazer
Que os mortos se erguião
E tornavam a viver
E que todos erão sahidos (se sahião ?).

Os que estavão nas prisões
Traz dos montes escondidos
Sonhava que erão sahidos
Da dura e forte prisão.

Vi a tribu de Adão
Com os dentes arreganhados
E muito espedaçados
Da serpente do dragão.

E assi vi a Ruben
Co hũa voz de muita gente
O qual vira mui contente
Cantando em Jerusalem.

---

(1) — Esta parte é bastante confusa e errada, a julgar pela oração n.º 28 parecida a esta e que reza assim:

«O Senhor que abençoou a lã e o linho,
a Abrahão e a seu filho
nos deite a sua santa e divina benção.»

(2) — *Trovas dos cristãos-novos no século XVI*, por António Baião publicada na revista *Lusa* de Viana do Castelo, n.º 43-44, do 2.º ano, de 15 de Dezembro de 1918 e 1 de Janeiro de 1919, pag. 147.

O' quem vira a Belem
E os montes de Syon
E a esse bom Jurdão
Para se lavar mui bem.

Os doze pilares movidos do vento
Cairão de raiz e tão bem de cimento
Ahi protestará a firme columna
E Israel averá sua firme sentença.

Sairá a voz do Grão Testamento
Por todo o mundo soando em hebraico:
Achegaivos meus filhos ao povo judaico
De todas as terras do derramamento
Que já sou entregue de vossos pecados
Ja sois dignos de ser perdoados
Vinde ás terras do Prometimento.

CONFISSÃO DUM JUDEU ESPANHOL NO AUTO-DE-FÉ DA INQUISIÇÃO DE LERENA NO ANO DE 1661 (1)

Dios eterno, firme y fuerte,
Como me atrevo a invocarte?
Pero atrevase a nombrarte.
El que se atrevio a offenderte.
Dios mio, si tengo suerte,
Si tendré, que la ha tenido,
Y tiene el que te ha offendido,
Y llega con aflicion
A ti a pedir perdon
De su culpa arrependido.
Tu criador, yo vil creatura
Tu Señor, yo pecador
Te offendi, que gran error?
Por mi culpa, que locura?
Borre la hermosa ventura
Del alma con el pecado,
Con el error la he manchado,
La aseé con el delito,
Ya me pesa, estoy contrito,
No estés comigo enojado.
El ser que me diste
De nada, y con tu poder
Formando de nada el ser,

(1) — Padre Fr. Francisco de Torregencillo, *Sentinella contra Judeos*, edição portuguesa de Pedro Lobo Correu, de Coimbra, 1730, pag. 34-40.

Vine a ser lo que quisiste :
A semejança me hiziste,
Con la forma y parecer
Tuya, solo por tu ser
Piedoso, y Omnipotente,
No por mi que es evidente
No me havias menester.

En mi a questa alma infundiste
Con tres potencias cabales,
Y sentidos corporales
Tambien cinco me pusiste ;
Conocimiento me diste
De todo, y libre alvedrio,
Pero yo (que desvario !)
Las gracias de lo que he dado
Son, el averte enojado,
Y es el pago como mio.

Que justos son tus enojos !
Y que injusto es el peccar !
Yo te he de desenojar
Con lagrimas de mis ojos ;
Recibe ya los despojos,
De mi triste coraçon,
Recibe tanta aflicion,
Recibe tanto tormento,
Recibe mi sentimiento
Y dadme Señor perdon.

Tu clemencia lata es mar,
Para nadie se ha secado,
Y para mi, aunque errado,
Tampoco se ha de secar ;
Noche y dia he de llorar,
Para que aquestos dos rios
De los tristes ojos mios
Vayan a esse mar clemente,
Y alcancen por su corriente
Perdon de mis desvarios.

El no responder, Señor,
A lo que te estoy dizendo,
Dize que me estas oyendo
Para perdonar mi error ;
Mas ya te oygo (ay dolor !)
Dezir a tanto pesar
Juntamente con callar
Te de alguna disculpa

Que si yo pequé por mi culpa,
Que disculpa te he de dar ?
Yo disculpa (é trance amargo)
No tengo a delito tanto,
Solo te podré dar descargo,
Dandome conocimiento,
Memoria y entendimiento,
Voluntad, libre alvedrio,
Y sentidos ! Criador mio,
Yo disculpa no la siento.
Nunca, Señor, te has mostrado,
Aun contrito justiciero ;
No llevantes no el azero,
Buelve en piedoso lo ayrado ;
Yo confiesso mi pecado
Conosco mi inadvertencia,
Y no ignoro mi imprudencia,
Aunque es grave el error mio,
Se haze gota de rocio
Esse mar de tu clemencia.
No pido prosperidad
Ni esto llora el coraçon,
Solo te pido perdon
De mi culpa, y de mi maldad ;
Señor tu tienes piedad,
La clemencia está contigo,
De mi error eres testigo,
Yo te doy muy mala cuenta,
Pero aquel que se presenta
Merece menos castigo.
Ya delante de ti llego,
No levantes, no la espada
De la justicia, que nada
De lo que dixeres niego ;
Dizesme que vivo ciego,
Confiesso tienes rason,
Justos tus enojos son,
Mas valgame aora el sagrado
De tus pies, pues he llegado,
No me niegues el perdon.
Aqui llorando he de estar
A tus pies, Señor, asido,
Que quien tanto te ha offendido
Que ha de hazer, sino llorar ?
Ciego vivi por pecar,

Por un gusto breve, llego
Para que lo quite, ruego
Me concedas sera justo
Pues vivi ciego por gusto
Que viva por llorar ciego.
Ya Señor mis tristes ojos
No son ojos sino fuentes
Que con estas dos corrientes
Pienso aplacar tus enojos;
No tengo sino despojos
Del alma que darte, achado
A tus pies, donde he llegado,
No tengo sino dolor;
Mas que ha tener, Señor,
Quien nacio con el pecado?
Si me cierras el oydo.
Donde pecador he de ir?
A quien triste he de pedir,
Justo Dios, si a ti no pido?
Mil vezes arrependido
Estoy ya por cada error,
Y si por llegar, Señor,
Soy atrevido a hablarte,
Mas no soy, que fue agraviarte
Atrevimiento mayor.
Ya, Señor, estoy aqui,
Mas ay que quando pecava,
Yo mui lexos de ti estava
Y tu mui cerca de mi;
Fueron delante de ti
Mis pecados cometidos;
Sean por estes gemidos
De ti, Señor, perdonados,
Y pues soy de los damnados,
Sea de los escogidos.
Por ser tanta tu clemencia
Te suplico que me acojas
Y por saber que te enojas,
Nunca desta impertinencia;
Tambien pues que en tu presencia
Estoy, y te he de suplicar
Muchas cosas con llorar;
Pues tanto el llanto te agrada,
Mas que puedo pedir? nada,
A lo que tienes que dar.

APÊNDICE III

EXTRACTOS DO PROCESSO N.º 4427 DE BRITES HENRIQUES NA INQUISIÇÃO DE LISBOA, EM 1674

Brites Henriques, filha do abastado cristão-novo de Lisboa, António Rodrigues Mogadouro, foi presa, como judaizante, bem como toda a sua família — pai, três irmãos e duas irmãs—em 9 de Janeiro de 1674, com a idade de 21 ou 22 anos, como consta do processo n.º 4427 da Inquisição de Lisboa, arquivado na Tôrre do Tombo.

O pai e as duas irmãs de Brites morreram nas masmorras inquisitoriais, tendo sido queimados em estátua. O irmão mais velho, Diogo, de 47 anos, foi queimado vivo no auto-de-fé de Lisboa, de 1683. Um outro, Francisco, foi condenado ao cárcere e hábito perpétuo.

O irmão mais novo, Pantaleão, encarcerado aos 18 anos, e Brites, confessando ambos a sua constância na fé judaica, foram condenados, depois de torturados durante 8 anos, á reclusão perpétua num mosteiro.

As orações que seguem foram extraidas dos processo de Brites Henriques, a qual detalhou deante dos inquisidores todas as cerimónias judaicas que praticava, bem como todas as orações que costumava rezar.

Copiamo-las na sua ortografia antiga, com a única diferença de pormos, para maior clareza, a letra «*V*» em lugar de «*U*» consoante.

A linguagem dalgumas orações é uma mistura de espanhol e português, influência provável, da ocupação espanhola, mas abundam também repetições e êrros evidentes que se podem explicar, tanto pelo estado de terror em que devia achar-se a pobre mulher a recitar orações judaicas em face dos seus terríveis algozes, como pela dificuldade técnica de transcrever fielmente as orações verbais, da parte do escrivão inquisitorial.

I

ORAÇÕES

(Todos os dias, de manhã)

1.º

Louvado seja o Senhor
que assim he esclarecido,
sê tu, meu Senhor, servido
de constante me fazer
para que o teu bem possa merecer

2.º

Bendiga la luz del dia,
el Señor que la envia
ella nos dê graça e alegria
e saber para fazer a sua vontade

para que quando morrer
possamos aparecer no reino da claridade.

(Em qualquer hora do dia estas outras)

3.º

Agora começo a rezar ao Senhor dos altos Ceos,
que me ouça a minha voz, a minha oração e petição,
e todo o bem quanto na terra lhe pedir,
outorgado e firme seja nos Ceos,
os Anjos do Ceo digão : Amen,
glorias sejam dadas ao Senhor.

4.º

Fazeme meu Senhor como Moisés,
para que desça a tua graça,
e tudo quanto te pedir,
a tua vontade o cumpra. (faça?)

5.º

Ensiname meu Senhor, a louvar-te
com que mereça a tua gloria e salvação,
o pecado de Israel perdoado, a vinda da remissão.

6.º

Abre meu Senhor, tuas santas orelhas,
ouvirás tuas peccadoras ouvelhas,
que andam tristes e derramadas,
sem pastor,
chamando por ti Senhor,
que nos dês algum favor.

7.º

Perdoame meu Senhor,
quanto te tenho offendido,
perdoa o dezamor
que hei tenido,
perdoa a mizeravel que te chama,
não me condenes Senhor, a eterna llama,
perdoame mizeravel peccadora
que te havia de amar e não te ama.

8.º

A ty Senhor de verdade
grande Rey de fortaleza,
peço por tua grandeza
perdão das minhas maldades,
diante de ty de joelhos
humilho o meu coração
vertendo agoa dos olhos;
grande fazedor da terra

e do Ceo esclarecido,
ouve teu povo afligido,
metido em estranha terra,
vê Senhor quantos tormentos
e quantas perseguições
atalha, atalha aflições,
cumpre os teus prometimentos.
Santissimos Consistorios,
Divinos e Divinaes
sem fim para sempre jamais. Amen.

8.º-bis

(Ella confitente rezando essa oração nestes carceres (da Inquisição) se não punha de joelhos nem chorava muito contra sua vontade, mas em seu coração acrescentava á ditta oração as palavras seguintes quando nella falava em pôr de joelhos ou verter agoas)

Ainda que me não ponho de joelhos nem choro
nem verão agoa os meus olhos
eu só a ty me humilho e te peço perdão
e te peço e rogo que nos tires da Inquisição
com este santo perdão
e com a tua santa mão.

9.º

Não me castigues Senhor com a tua ira,
antes Senhor me levanta
com a tua benção me alcança;
bem sei Senhor, que por minhas obras
mereço ser castigada,
mas tu és Deos de piedade,
descança Deos a minha alma,
a my e a tudo que he meu;
não me castigues Senhor, com rigor,
á hora da minha morte acompanheme Senhor.

10.º

Homem posto em confissão
da grão maldade que hey feito
Ao Senhor dos altos Ceos peço perdão
seja esta minha oração,
diante sua mizericordia aceita
em que nunca vos servi
e sempre vos offendi,
uzando menos cuidados:
Lembrate Senhor de my
e perdoame meus peccados,
dame a Fée de Aabrahão,
os trabalhos de Jacob,

a paciencia de Job,
poys que te peço perdão,
dame meu peccado, não,
mas ajude e bom mundo,
como a meus antepassados
perdoe minhas culpas e peccados.

11.º

Oh, meu Deos, e grão Senhor,
creador do Universo,
eu só a ty me confesso,
por muy grande peccadora,
de peccar perdão te peço,
não me des o que mereço,
dame ajuda e os favores
que prometeste a Daniel,
esta vinda do Messias
seja Senhor em nossos dias,
mandenos por mensageiro
o Profecta Moysés que nos tire do captiveiro. Amen.

12.º

Meu Deos todo poderozo
Senhor de todo o Universo,
não me des o que mereço,
mas olhae o que padeço,
vedeme como quem sois,
vede minhas aflicções,
que de nada me creastes
daime coração limpo e firme
vós Senhor que perdoastes
a David o peccado de Berzabé (1)
perdoa Senhor a nós
pello poder que em ty he,
pello grão prometimento,
que Abrahão contigo teve,
seu filho se te humilhou
e nunca se demoveu,
mas antes firme estava
aos três dias e obediente,
isto vos ponho diante
para que me façais constante:
dai vos pressa com me chamar,
dai vos pressa com me acudir

(1)— O nome da amante do rei David era *Bath-Sebá* (II Samuel, cap. 11) e este erro de nome também existe nas actuais orações dos cristãos-novos, como se vê pela oração n.º 51.

no caminho em que andar,
para vos poder servir,
meu Deos todo poderozo,
chamado Deos de Abrahão,
pella vossa piedade
tendeme da vossa mão.

13.°

Poderozo e grão Senhor,
que fizeste o Ceo e a terra,
do mundo governador,
vuelve como grão pastor,
las ovejas a la sierra,
las que anduvieran perdidas,
apartadas del rebanho,
recoge, no les hagan daño
de serem apascentadas
por outro pastor estranho :
yo como oveja perdida
que tu rebaño dexé,
vuelveme Senhor a ty
que de nuevo la vida me des.
O' grande Dios perdoname
como al cordero humilhado,
que Abrahão sacrificou
entre las zarças atado,
ouviste-lo Dios exaltado
porque a ty se humilhou,
ya el golpe dar queria,
teniendo su braço alçado,
viendo su Magestade immensa,
su pecho tan bueno y santo,
un Arcangel le enbió,
que del cielo descendio
que detuviesse la mano ;
O' gran Dios si tienes dado
contra my mala sentencia,
por tu divina clemencia
me hayas por revogada,
tirame destes tyranos
y sus malas manos,
asi como tiraste a Joseph
del poder de sus hermanos,
tanbien nos livre de Santanas
y de sus malas cadenas,
como tiraste a Jonas

del vientre de la balena,
tu fuerte braço Señor
será mi amparo y abrigo,
si contra my se mostrar
algum feroz enemigo,
de mis mayores peligros
siempre me has querido guardar,
alla entre los celestiales,
danos bienes temporales
com que possamos passar.

14.º

O immenso, muy alto e poderozo Senhor dos Senhores, em que estão todas as mizericordias, e piedades, Senhor de maravilhas e de mercès e bens, Senhor que amanhece e anoitece, e manda de dia o sol e de noite a lua acompanhada das estrellas cujo numero e conto só vos Senhor sabeis, as quais obedecem a vos e a vosso chamado, como Senhor dellas e de todas as couzas creadas, e me destes conhecimento da verdadeira verdade e me abristes os olhos e o entendimento para que a minha alma se não perdesse e tivesse salvação, sabendo a quem havia de chamar e pedir perdão de meos peccados, pelo que sejas muitas vezes bendito e louvado, mas com grande confiança em vos Senhor, que sois o que perdoais, e podeis ouvirme, fazei por vosso Santissimo nome que os Anjos que na vossa companhia estão pessão por my, me livre do poder de justiças e dos falsos testemunhos e dos verdadeiros que me não impeção; livrai-me Senhor assim como livraste a Noe do diluvio a Jonas do ventre da balea aos vossos servos do forno ardente, a Daniel do lago dos leões, a Judith de Holofornes, a David do seu sogro Saul, a Santa Esther das avidas mão de Amão, assim me acudi vos Senhor como acudiste a Agar e Ismael no dezerto, deitada da casa do seu Senhor, renovai minhas couzas assim como renovaste à viuva Sareptana, mandaste dar vida a seu filho, por vosso santo servo Elias (1), limpaime Senhor da lepra dos meus peccados, pois que me destes conhecimento, que conhecesse meu Deos que tudo isso são mizericordias vossas peçovos meu Senhor por quem sois, uzeis comigo, assim como com todos estes, porque o Senhor que então ereis, sois e sereis para sempre, ainda que meus merecimentos volo não mereção, uzai comigo vos meu immenso Senhor por quem sois, de mizericordia, e então ficarei mais obrigada para comtudo vos louvar e pedirvos me não dezempareis da vossa santa mão, botai aos vivos a vossa benção, e todas as minhas couzas sejão amadas vossas, viva eu e todas as minhas couzas para o vosso santo serviço. Amen.

15.º

Alto Deos, meu chamado, Senhor meu por quem eu chamo, que me livre da conquista, a minha alma se não perca, o Senhor se entrega della, não entres comigo em juizo Adonay a meu pedido, que tu es Senhor da Magestade, Adonay Senhor, as graças que he Senhor que a merece, bentos dias de Adonay, vivos e mortos de prezente.

---

(1) — I Reis, cap. 17, vers. 8-24

16.º

alto Deos de Abrahão,
forte Deus de Israel,
tu que ouviste a Daniel,
ouve Senhor minha oração, (1)
tu Senhor que te aprezentaste
em tão altas alturas,
ouve a my peccadora,
que te chamo das baixuras;
tu que a todas as creaturas
abriste caminhos e fontes.
Botei meus olhos aos montes,
de onde vem para my ajuda?
Minha ajuda és tu Senhor,
que fizeste Ceo e terra, mar e ares,
tu me livres de todo o mal,
e de todo o perigo. Amen. (2)

17.º

Encomendome a Adonay,
que elle he minha alegria,
que elle me ha de guardar e salvar
de cão danado e para danar,
de homem vivo meu inimigo
de homem morto mau encontro
do rayo do poder das justiças
de fogos ardentes
e de boca de má gente. (3)

18.º

Ao Senhor dos altos Ceos me encomendo
que he o muy alto e verdadeiro Senhor
em que eu creio,
e o poder todo nelle está,
sê tu Senhor servido,
desta reza me outorgar,
para me mandares tirar
de tão grande cativeiro,
por algum bom mensageiro
que me leve para parte
onde te saiba louvar.

---

(1) — O princípio desta oração é quasi idêntico ao da dos cristãos-novos de Belmonte que publicamos no apêndice II, com o n.º 30.

(2) — Psalmo 121.

(3) — Esta oração é muito parecida com a que publicamos com o n.º 3, no apêndice II.

19.º

Outorgame, Senhor, outorgame
Outorgame o que te pedir,
porque só da tua piedade
espero que me tires de tanta maldade,
e me mandes boa liberdade,

20.º

Outorgame, Senhor, outorgame,
Outorgame quanto te pedir,
só por ty espero
meu Deos e meu Senhor,
que tu me tires daqui
com o teu favor e valor,
e de tua santa mão
e de tua santa salvação
do teu santo perdão geral
para me livrares e para me guardares
assim como tu Senhor
guardaste aos filhos de Israel.

21.º

Hum bom coração te peço
meu poderozo Senhor,
para te não offender,
a ty só peço perdão
de quantos peccados tenho
que a outrem ninguem não,
para mais te saber pedir
e para tu mais em breve me acudir.

22.º

Pois tu és tão grande monarca,
meu poderozo immenso e piedoso Senhor
e a Israel perdoaste,
só a ty te peço perdão,
perdoame meu Senhor,
pois que tu estás vendo
o cativeiro e o perigo em que estou,
mandame teu socorro,
meu poderozo Senhor.

23.º

Ouveme tu meu Senhor,
com os teus santos ouvidos,
outorgame o que te pido,
porque só de ty espero tudo
o amparo e o abrigo.

24.º

Pella tua mizericordia
me olha meu Senhor
com olhos de piedade
para que tu me perdoes
minhas culpas e maldades
e me mandes pôr em parte
onde te possa pedir muito perdão e bondade.

25.º

O' meu immenso Senhor,
pois que tu és tão piedozo,
não atendes minhas culpas e maldades
olha o meu dezamparo e soledade
tenha meu Senhor dó de my,
para que tu me outorgues
tudo quanto te pedir,
para com o teu abrigo me cobrires,
e com o teu emparo me emparares
e com os meus me acompanhares,
e de Inquisição me livrares
com brevidade
pela tua Divina Piedade.

26.º

O' meu immenso Senhor
sede servido de ouvir
o teu gado peccador
pois que anda dezemparado
triste e desconsolado
sem guia e sem pastor,
chamando por ty Senhor
que lhe des algum favor.

27.º

(Oração para os defuntos) (1)

Folganza composta e estancia alta, debaixo de las azas de la Divindad, com grado de los santos e limpos como o lustre del cielo, lustrão e resplandeção, escapamento de ossos, perdão de culpas, livramento del peccado e prolongamento de salvação, com piedade e clemencia delante del morador de los Cielos e parte buena para el mundo venedero, esté el alma d'aquella filha de Israel, que deste mundo partio en brevedade de annos, por mandado do Senhor, apiede-se, Rey dos Reys, ponha passo em sua jazida para que no fim de seus dias a faças estar no arroyo

(1) — Esta oração é tradução da oração para os defuntos da liturgia judaica, conforme existe no livro *Sepher Tephilat Sion* (Livro de orações conforme o rito espanhol-português) edição de Berthold Alkalay de Viena de Austria, pag. 448-449.

Por ser uma tradução literal duma oração hebraica rimada, resultou confusa e quasi incompreensivel.

dos teus vivos, abrevia como dormentes com Abrahão, como Moyses e Arão, como has ditto Adonay fartará a sua alma insecula seus ossos, abrigala has e sera como horto farto, como manadero de agoa viva, que suas agoas não cessem, sua alma sera atada com legados de la vida el e nossos mortos e morte de nossos hermanos para sempre sem fim, Amen.

28.º

ORAÇÃO DA FORMOSURA (1)

A honra e louvor do Senhor dos altos Ceos:

Seja a santa formosura de Adonay nuestro Dios, perfeita a obra das minhas mãos compõe, perfeita a obra das minhas mãos comporá. Sobre my cobertura do alto, que me lembre do abastador. Digo Adonay é meu Deus, meu abrigo, meu castelo, e meu Senhor, que vós Senhor dos altos Ceos me livreis e me guardeis do laço do encampamento (?) de mortandade, de quebranto. Não temo o pavor da noite nem a seta que corre no dia nem a trilaria que trila na sesta, nem a mortandade da treva. Cubrame do suberbo escudo das tuas verdades. A tua direita caem mil de milhares, mas dispuzestes a my em tuas moradas, e em ty só me sustento. Em my não haverá nem mal nem malicia, os teus Anjos Senhor me encomendarão a ti, para meu caminho para minha carreira, para me eu deitar para me eu alevantar, e para me guardares assim como vós Senhor guardastes os filhos de Israel com os teus olhos me acatarás afoitamente meus males desfarás, que não pise a penha com o meu pé.

Trilharei e pisarei leão vivo aspide vivo. Quem teu nome temer emparalo has, quem por ti chamar responder-lhe has, do laço do perigo me livrarás. Nas mayores pressas e angustias chamar te hei e responderme has e viverás muy breve com a tua santa mão e com a tua santa salvação e com o teu santo perdão geral, para me livrares Senhor e me guardares como guardastes aos filhos de Israel.

29.º

Alevantate Senhor e salvame, que tu es o meu verdadero Dios, feriste o inimigo na queixada, os seus dentes com a tua mão aquebrantaste, vem tu Adonay e salvame procura por my e por minha honra, ensalçador da minha cabeça. Que ainda de redor se levantem mil milhares de povo contra my, não temerei senão a ti Dios de Adonay, alevantate Adonay e salvame quando vires meus inimigos e angustiadores estiverem mais amitigados contra my, contra as suas almas, não haverá nelles, senão em ti Dios de Adonay. Alevantate Adonay e salvame com a tua santa mão, com a tua santa salvação, e com a tua santa remissão, e com o teu santo perdão geral, para me livrares Senhor e me guardares como guardaste aos filhos de Israel.

30.º

ORAÇÃO QUE SE REZA AO DEITAR DA CAMA

Eu me deito agora e sempre em poder de Adonay
muitas são as suas piedades que nos ha de apiedar.
Bento Adonay ao nosso deitar, bento Adonay ao nosso levantar,
em teu poder almas de mortos, em teu poder almas de vivos,
a ti Senhor encomendo a minha alma e tudo o que me deste
e me tens para dar.

(1) — Esta oração, que se inspira no Psalmo 91, é muito parecida á oração n.º 54, do apêndice II.

31.º

ORAÇÃO QUE SE CHAMA: ALMA, CORAÇÃO E ENTENDIMETO

Alma, coração e entendimento te peço meu Senhor para te agradar, alegria e paz e contentamento e hum bom cuido, para que sem te offender te poder louvar, que bem sabes tu Senhor muy claramente confesso que tu es o grandioso omnipotente, tu es o Senhor que tudo has dado, tiveste em ser, tudo emprestaste, nada foi em tua companhia, antes que los hiziesses nada havia. Ó macula do Ceo, terra e mar, só em contemplar me espanto, não buscaste mais materia e officiales, senão a tua palavra justa e santa; portanto doces, sinos e cantares, mi lingua a ti gradeza a ti cante,.

A ti canto Senhor a ti adoro, a ti me humilho, e a ti me oro, se mal parecia, mal paresco, não me destes Senhor que assim o digo que he o menos que eu mereço, porque nunca tive fée contigo, se havia hecho mi officio, contemplando mi consciencia, tu me fores o ser favoravel, propinque sem me ser necessario penitencia.

Bendito sejas tu Senhor omnipotente, bendigalo su braço maravilhoso, bendiganlo os tribus de sus gentes, anno alegre e gozoso, os Anjos do Ceo digão Amen, Amen, glorias sejão dadas ao Senhor. Anjos Consistorios Divinos e Divinaes sem fim, muito louvai, e pedi, e rogai ao Senhor dos altos Ceos por my, e por todas minhas couzas.

32.º

Olvida immenso Dios nuestros pecados
pues que ponemos em ti la confiança
de abuelos e padres amotinados,
no pongas en nos otros la vengança,
buelve los tus mansos ojos inclinados
pues que es vida y fuente de esperança;
no mires mi Senhor nuestra discordia,
solo uza ti mi Senhor, de tu gran mizericordia.

II

INTERROGATÓRIO

«IN GENERE»

«Aos vinte e seis dias do mez d'Abril de mil seiscentos settenta e quatro annos em Lisboa, nos Estaos, e caza primeira das audiencias da Santa Inquisição, estando ahi na de manhã o senhor Inquisidor Bento de Beja de Noronha, mandou vir perante sy a Brittes Henriquez, ree preza, contheuda nestes Autos, e sendo prezente lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos, em que poz a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade, e ter segredo, o que ela prometteo cumprir. ¿ Perguntada se cuidou em em suas culpas, e as quer confessar nesta Meza para descargo de sua consciencia, e bem despacho de sua cauza?

Disse, que não tinha culpas, que confessar nesta Meza. Pelo que lhe forão feitas as perguntas seguintes.

¿ Perguntada, se depois do ultimo perdão geral a esta parte, se apartou de nossa Santa Fée catholica, e Ley Evangelica, e se passou á Ley de Moysés tendo-a ainda agora por boa, esperando salvar-se nella, não crendo no mysterio da Santissima Trindade, nem em Christo Senhor nosso, nem o tendo por verdadeiro Deos e Messias promettido na ley, antes esperando ainda por elle como os judeus esperão ?

Disse, que não fez tal.

¿ Perguntada, se rezou algumas orações judaicas, ou os psalmos de David, sem gloria Patri no fim por observancia da ditta Ley de Moysés ?

Disse, que tal não fez.

¿ Perguntada, se guardava os sabbados de trabalho, por observancia da ditta Ley, começando da sesta feira á tarde, varrendo, ou mandando varrer as cazas e limpar os candieiros, pondo-lhe torcidas novas, e azeite limpo, e deixando-os acezos thé per sy se apagarem ?

Disse, que não fez tal.

¿ Perguntada, se guardava as Paschoas dos judeus, assim a do pão asmo, como a das Cabanas, ou outras algumas, celebrando as com as ceremonias que elles costumão ?

Disse, que tal não fez.

¿ Perguntada, se fez alguns jejuns judaicos, assim das segundas, e quintas feiras de cada semana, como o do dia grande, que vem aos dez da lua de settembro, e o da Raynha Esther, que vem aos quatorze de Fevereiro, ou outros alguns, estando em cada hum dos dittos dias sem comer, nem beber senão á noite despois de saida a estrella ?

Disse, que não fez tal.

¿ Perguntada, se quando morria alguma pessoa em sua caza, ou na vizinhança lançava, ou mandava lançar fóra a agoa que tinha nos cantaros para beber, por ceremonia judaica ?

Disse, que tal não fez.

¿ Perguntada, se amortalhava, ou mandava amortalhar seus defuntos em mortalha nova, e enterrar em terra virgem, e cóvas fundas por ceremonia judaica ?

Disse que não fez tal.

¿ Perguntada, se deixava de comer carne de porco, sangue, gordura, aves afogadas, lebre, coelho e peixe de pelle por ceremonia judaica ?

Disse, que nunca deixou de comer as dittas couzas.

¿Perguntada, se quando vinha a carne do açougue a dessangrava, ou mandava dessangrar, e tirando-lhe o cebo, e gordura, lançar em agoa e sal e metter na panella com azeite fritto, e sebôla por ceremonia judaica ?

Disse, que não fez tal.

¿ Perguntada, se tirava ou mandava tirar a landoa do quarto trazeiro da rez meuda por ceremonia judaica ?

Disse que tal não fez.

¿ Perguntada, se nas noites de Natal e S. João lançava ou mandava lançar na agoa, que tinha nos cantaros para beber brazas acezas, miolos de pão, gottas de vinho, e pedras de sal, por ceremonia judaica ?

Disse que não fez tal.

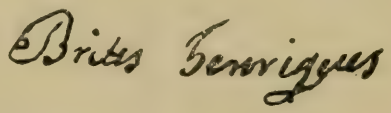
¿ Perguntada, se quando se amassava em sua caza lançava ou mandava lançar no fogo tres pellouros de massa por ceremonia judaica ?

Disse, que tal não fez.

¿ Perguntada, se quando lançava a benção ás pessoas de sua obrigação, o fazia pondo-lhe a mão aberta sobre a cabeça, e correndo-lhe polo rosto abaixo athé o peito nomeava Abraham, Izaac e Jacob como os judeos costumão ?

Disse que tal não fez.

Foi-lhe ditto, que ella fora por vezes admoestada nesta Meza, com muita charidade, quizesse confessar suas culpas, e declarar toda a verdade dellas, o que ella, uzando de máo conselho, athégóra não tem feito; e lhe fazem a saber, que nesta Meza ha informação, que ella Rée despois do ultimo perdão geral a esta parte se apartou de nossa Santa Fée Catholica, e se passou á Ley de Moysés, crendo e esperando salvar-se nella, fazendo seus ritos, e ceremonias, e communicando-se com pessoas de sua nação tambem apartadas da Fée, com as quaes se declarava por judia. Pelo que de novo a admoestada da parte de Christo Senhor nosso abra os olhos da Alma, e pondo de parte respeitos humanos, que a pódem impedir, trate do remedio della, com fazer inteira, e verdadeira confissão de suas culpas, declarando todas as que tiver commettido contra nossa Santa Fée Catholica, e as pessoas, com quem as communicou, não impondo sobre sy nem sobre outrem falso testemunho, por que isso he o que lhe convem para descargo de sua consiencia, salvação de sua alma, e alcançar a misericordia, que nesta Meza se costuma conceder aos bons e verdadeiros confitentes. E por tornar a dizer, que não tinha culpas que confessar porque era, e fora sempre fiel, e catholica christã, foi outra vez admoestada em fórma, e mandada a seu carcere, sendo-lhe primeiro lida esta sessão, em prezença de seu curador, com quem assinou, e com o dito senhor Inquizidor. Filippe Barbosa o escrevi. = Brites Henriques = Bento de Beja de Noronha = A... Nunes.»



Fac-simile da assinatura de Brites Henriques, quando foi presa pela Inquisição

III

ACORDÃO

PUBLICADO NO AUTO-DE-FE REALISADO NO TERREIRO DO PAÇO, EM LISBOA, AOS 10 DE MAIO DE 1682

Acordão os Inquizidores, Ordinario, e Deputados de Santa Inquisição, que vistos estes autos, culpas, confissões, e declarações de Brites Henriques christaã nova solteira filha de Antonio Rodrigues Mogadouro homem de negocio, natural e moradora desta cidade Rée preza que prezente está.

Per que se mostra, que sendo christãa bautizada, e como tal obrigada a ter, e crer tudo o que tem, crê e ensina a Santa Madre Igreja de Roma, ella o fez pello contrario vivendo apartada de nossa Santa Fée Catholica tendo crença na Ley de Moyzés fazendo em observancia della os jejuns do dia grande que vem no mez de de Settembro, o da Raynha Esther que vem no de Fevereiro, e o dos primogenitos estando em cada hum dos dias delles sem comer, nem beber senão á noyte depoys de luzes acezas, e de haverem aparecido no ceo sette estrellas, e então, ceava couzas que não erão de carne; e deixava de comer a de porco, lebre, coelho, e peixe de pelle. E guardava os sabbados de trabalho desde o por do sol da sesta feira antecedente até o por do sol do sabbado do dia seguinte.

Pellas quais culpas sendo a Rée preza nos carceres do Santo officio, e com charidade admoestada as quizesse confessar pera descargo de sua conciencia, e poder ser tratada com mizericordia. Disse que não tinha culpas que confessar. Pello que depoys de admoestada que disesse sómente a verdade, foi mandada a seu carcere.

Depoys do que pedio audiencia voluntariamente, e disse que ella de sua propria, e livre vontade queria declarar na Meza da Inquisição toda a verdade; e esta era crer ella Rée firmemente em Adonay que assim se chamava o Deos que dera a ley a Moyzés assim e da maneira que o mandava a mesma Ley. E que na ditta Ley de Moyzés esperava de prezente, salvar sua alma, porque só nella havia salvação, e na propria Ley estava determinada a viver, e morrer.

E vendo-sse na Meza do Santo Officio a obstinação da Rée lhe foi dito que considerasse bem a rezolução que tomava em querer persistir em seus erros, e como hia mal emcaminhada em ter crença na Ley de Moyzés, por quanto nela já não havia, nem podia haver salvação por ser acabada pela vinda de Christo Senhor Nosso verdadeiro Deos, e Homem Redemptor do genero humano, e Messias promettido na mesma Ley de Moyzés; e foi de novo admoestada tornasse sobre si, e reconhecendo os ditos erros os confessasse por tais apartando-sse delles, e se convertesse á Fée catholica, que tem, crê, e ensina a Santa Madre Igreza de Roma cuja filha era, e professara no Bautismo, e nella fora criada, e instruida, confessasse inteiramente suas culpas declarando as mais pessoas com quem as havia comunicado, porque isto era o que lhe comvinha pera descargo de sua conciencia, e salvação de sua alma, e pera merecer ser tratada com a mizericordia que a Santa Madre Igreja custuma conceder aos bons, e verdadeiros confitentes. E por tornar a dizer que estava rezoluta a não deixar a crença da ley de Moyzés foi mandada a seu carcere.

E continuando-sse o processo de sua cauza se procurou no decurso della mostrar á Rée o caminho de sua salvação, e o emgano em que vivia persistindo na crença de seus erros.

E neste estado pedio audiencia, e disse que alumiada pello Spirito Santo, e movida das admoestações que lhe havião sido feitas na Meza do Santo Officio, e da clareza com que se lhe havia mostrado a verdade de nossa Santa Fée catholica, e como pella vinda de Christo Senhor Nosso havia expirado a ley de Moyzés e que o Messias promettido na dita Ley por quem os Judeus esperavão era o mesmo Christo. Ella de sua propria, e livre vontade sem outro fim mais que o da salvação

de sua alma queria abraçar a Santa Fée catholica de que até então vivia apartada e deixar de todo o ponto a Ley de Moyzés, a qual detestava, e apartava de si dally por diante crendo que só na Fée de Christo Nosso Senhor havia salvação, e que queria declarar toda a verdade de suas culpas, e esta era.

Que persuadida com o ensino de certas pessoas de sua nação se apartou de nossa Santa Fée catholica, e se passou á crença da ley de Moyzés tendo-a por boa e verdadeira esperando salvar se nella, e não na fée de Christo Nosso Senhor em o qual não cria, nem o tinha por Deos verdadeiro, e Messias promettido na Ley, antes esperava ainda por elle, como os judeus esperão ; não cria no mysterio de Santissima Trindade, nem nos Sacramentos da Igreja, e os recebia, e fazia as mais obras de christãa por comprimento do mundo, e só cria em Adonay, que assim nomeava a Deos do ceo e a elle se encomendava com as orações seguintes :

(Segue a transcrição duma parte das orações de Brites Henriques já publicadas nêste apêndice).

E por observancia da dita Ley guardava os sabbados de trabalho começando a guarda delles da sexta feira á tarde, e fazia jejuns judaicos na sobredita fórma, e as mais ceremonias que sabia e custumão fazer os professores da ley de Moyzés. Comunicando estas couzas com pessoas de sua nação apartadas da Fée com as quais se declarava por Judia, perseverando na crença dos dittos erros até o tempo que se declarou na Meza do Santo Officio.

E por não satisfazer á informação da justiça que contra ella havia, veio o Promotor fiscal do Santo Officio com libello criminal, accuzatorio contra ella que lhe foi recebido si et in quantum, e a Rée o contestou pella materia de suas confissões, e não quiz uzar de defeza, pelo que foi lançada da com que pudera vir.

E rattificadas as testemunhas da justiça na fórma de direito, se lhe fez publicação de seus ditos conforme ao estyllo do Santo Officio a que não veio com contradittas, pello que foi lançado dellas. E sendo-lhe depoys repetidas, e perguntadas ex-officio, de novo se rattificarão em seus primeiros ditos, reportando-sse ao que havião dito em seus testemunhos.

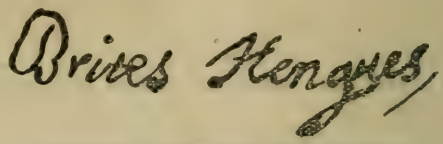
O que tudo visto, com o mais que dos autos consta, declarão, que a Rée foi hereje, apostata de nossa Santa Fée catholica, e que emcorreo em sentença de Excomunhão mayor, e em confiscação de todos seus bens para o fisco, e Camara Real, e nas mais penas em direito contra os semelhantes estabellecidos.

Visto porem como a Rée uzando de saudavel conselho confessou suas culpas na Meza do Santo Officio reconhecendo seus erros, e dando mostras e sinaes de arrependimento,pedindo da dureza e obstinação com que permaneceo nelles,perdão, e mizericordia, com o mais que dos autos rezulta.

Recebem a Rée Brites Henriques ao gremio e união da Santa Madre Igreja como pede, e lhe mandão que vá ao auto da fée na fórma custumada, e nelle ouça sua sentença, e abjure publicamente seus hereticos erros em fórma, e em pena e penitencia delles lhe assignão carcere e habito penitencial perpetuo.

E terá recluzão em hum dos Recolhimentos dos de melhor conta, e opinião, e reformação desta cidade a arbitrio dos Inquizidores ; e no ditto Recolhimento será instruida nas couzas da Fée necessarias para salvação de sua alma, e cumprirá as

mais penas e penitencias esperituaes que lhe forem impostas. E mandão que da Excomunhão mayor em que emcorreo seja absoluta in fórma ecclesiæ. = Estevão de Britto = Foyos.»



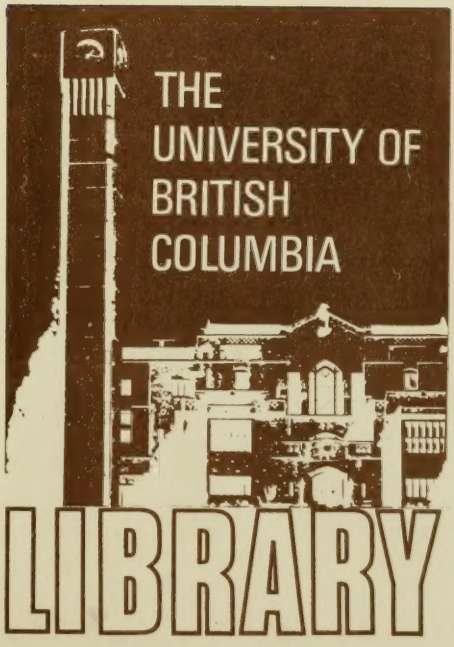
Fac-simile da assinatura de Brites Henriques nêste acordão, após oito anos de Inquisição

INDICE

In perpetuam memoriam VII
Prefácio: Pró Israel XIX
Introdução I
I — Considerações Gerais 3
II — Shemah Israel 8
III — Ritos e costumes judaicos dos cristãos novos 13
Orações 25
Festas e jejuns judaicos dos cristãos novos 28
Cerimónias judaicas diversas 36
IV — Nota final 38
Apendice I — Documentação gráfica (estampas 1 a 8) 43
Apendice II — Orações dos Cristãos Novos:
I — Orações quotidianas 47
II — Orações de festas judaicas 62
III — Orações diversas 76
IV — Addenda 84
Apendice III — Extractos do processo n.º 4427 de Brites Henriques na Inquisição de Lisboa em 1674:
I — Orações 95
II — Interrogatorio 105
III — Acordão 107

University of British Columbia Library

DUE DATE

ET-6

3 9424 02227 8680